

REVISTA

DA SEMANA

N. 48 26-11-55 Cr\$ 700 em todo o Brasil

GLORIA MAR...
"Fui gre... da ..."



48 HORAS (HISTÓRICAS) DA VIDA DE UMA NAÇÃO

NO NORDESTE DOS ESTADOS UNIDOS

NOITE DE TRÁGICO PESADELO

A RUA PRINCIPAL de Winsted, no Connecticut, ficou totalmente destruída, com a pavimentação resvalada. Equipes de salvamento percorreram-na, incessantemente, em busca de vítimas. Os edifícios, as lojas, os prédios de moradia, não escaparam à destruição. Centenas de famílias sem lar.





INÓMERAS pessoas ficaram presas em suas casas, sitiadas pelas águas mais e mais revoltas. Miss Marian Lavalley, por exemplo, estava a ponto de ser encoberta pelas águas, quando um grupo de voluntários, com roupas e apetrechos especiais, conseguiu arrancá-la à morte mais que certa.

A região nordeste dos Estados Unidos foi assolada, em fins de agosto último, por violentas inundações que atingiram vales e baixadas, espalhando a morte e a destruição em milhares de lares. Menos de 48 horas após a notícia da catástrofe, os Estados Unidos passaram a receber ofertas e auxílios, partidos de 32 países diferentes, fato que demonstrou de modo comovedor a maneira pela qual povos distantes interessam-se pela sorte de seus semelhantes vitimados pela natureza.

O Presidente Eisenhower na Casa Branca, e o Quartel General da Cruz Vermelha norte-americana, receberam telegramas e cartas de diversos chefes de Estado e cidadãos de muitas nações. Voluntariamente, todos estenderam as mãos em auxílio e solidariedade às vítimas.

Da Áustria, por exemplo, escolares enviaram pacotes com medicamentos e acessórios de emergência para serem distribuídos entre as crianças que haviam perdido suas casas. A Embaixada dos Estados Unidos em Londres recebeu inúmeros auxílios de cidadãos britânicos, em benefício

das populações atingidas. A República Dominicana doou 200 mil dólares de auxílio. A Alemanha Ocidental enviou um carregamento de móveis e brinquedos. A Holanda encaminhou diversas remessas de medicamentos e roupas. Em Caracas, na Venezuela, uma campanha para arrecadar fundos para as vítimas levantou 6.000 dólares em doações populares. A União Soviética ofertou 25 mil dólares.

Igualmente, outras contribuições pessoais foram enviadas de diversas partes do mundo. De Gênova, na Itália, Ernesto Cibelli enviou uma contribuição «a fim de manter acesa a Chama da Fraternidade da Humanidade».

«Sou um italiano» — escreveu Cibelli — «que nunca poderá esquecer o que os Estados Unidos fizeram pela reconstrução de meu país».

Um jornalista de Amsterdam enviou certa importância, com uma carta que dizia: «Como holandês, nunca esquecerei a generosidade dos norte-americanos para com a Holanda, quando fomos inundados em 1953, e portanto, queiram este cheque como retribuição».

AVASSALADORAS ENCHENTES SEGUIRAM-SE AO FURACÃO



HELICÓPTEROS foram utilizados para o salvamento dos sitiados pelas águas revoltas do Lackawanna, em Scranton. Joseph G. Hungerbuhler e toda a sua família escaparam de morrer, graças à providencial manobra de um helicóptero. Ei-lo, no exato momento em que se agarrava à corda.

Outras contribuições pessoais também foram recebidas do México e da Venezuela.

Um artista venezuelano, de nome Tomas Golding, enviou um quadro para que, vendido, revertesse a quantia em benefício das vítimas. Da ilha de Jamaica, Margaret H. Debrecedo enviou uma contribuição, com uma carta na qual dizia sentir «ser tão pouca a quantia, mas é o que posso auxiliar nesta emergência».

As comunidades atingidas receberam auxílio de diversas fontes nos Estados Unidos. A limpeza das cidades e estradas, reconstrução de pontes, a desobstrução de rios, foram feitas pela Engenharia do Exército. A Cruz Vermelha realizou uma campanha de levantamento de fundos em

todo o país, e milhares de pessoas encarregaram-se, por conta própria, de enviar mantimentos, roupas e agasalhos para as populações vitimadas.

O que se passou na cidade de Ansonia, em Connecticut, ilustra a maneira pela qual inúmeras cidades e povoações foram avassaladas, na noite de 19 de agosto. Ansonia, localizada às margens do Rio Naugatuck, possui uma população de 20 mil habitantes, grande parte dos quais são trabalhadores nas diversas fábricas locais.

Naquela trágica noite, chuvas torrenciais caíram durante várias horas, seguidas de furacão. Em pouco tempo as águas do Naugatuck subiram diversos metros, invadindo as ruas e os prédios. A cidade ficou às escuras, e ao ruído da avalanche de água juntavam-se de maneira impressionante angustiados gritos de socorro. Em tais circunstâncias, a popu-

MAIO

APÓS
mina
sacrif

lação
possí

Ao
tação
pried
1 bil
islan
de p
a cê

APÓ
ças

MAIOR QUE A VIOLENCIA DAS ÁGUAS FOI A GENEROSIDADE DOS AUXÍLIOS



APÓS A RETIRADA das águas, o mesmo senhor Hungerbuhler examina os estragos em sua residência. Vinte e oito anos de trabalhos e sacrifícios foram sepultados pelas águas revoltas do rio Lackawanna.

lação teve que abandonar os seus lares, procurando salvar o que fôsse possível em posses, móveis e utensílios.

Ao clarear o dia, pôde ser percebida a verdadeira extensão da devastação. Represas e barreiras haviam sido rompidas. Os prejuízos, em propriedades públicas e privadas nas áreas atingidas, foram calculados em 1 bilhão e 600 milhões de dólares. Nos Estados de Connecticut, Rhode Island, Massachusetts, Pennsylvania, Nova York e Nova Jersey, o número de pessoas mortas atingiu a 168, e o de casas destruídas ou danificadas, a cerca de 20 mil.

APÓS TER ESTADO mais de uma hora sitiado pelas águas, sobre a capota de seu automóvel, esse cidadão foi salvo por um grupo de operários, graças a uma corda que lhe foi atirada quando suas forças já lhe faltavam, e quando a violência das águas prometia aumentar, sepultando o veículo.



AS INOCENTES CRIANÇAS HAVIAM perdido seus brinquedos na inundação. Porém, de todos os recantos do país chegaram outros, que substituirão, talvez com vantagem, os desaparecidos na terrível enchente.

Em consequência da destruição e estragos de diversas fábricas, milhares de pessoas ficaram privadas de emprego por algum tempo. Só em Ansonia, 8 mil pessoas ficaram desempregadas e mil famílias sem lares.

Graças, entretanto, aos auxílios recebidos de outras partes do país e de outros povos, estas comunidades não só estão se recuperando de suas dificuldades, como também fazendo planos de reconstrução. As manifestações espontâneas de auxílio e simpatia que partiram praticamente de todas as partes do mundo, em solidariedade às vítimas das enchentes, são provas concretas de que, na amizade entre os povos, residem as maiores esperanças da Humanidade.



VAN GOGH

ressuscitado



★ APÓS O SUCESSO de «Moulin Rouge», que foi a biografia de Henri de Toulouse-Lautrec, vem de terminar o cinema as filmagens de «A Vida Apaixonada de Van Gogh», baseada no relato do romancista Irving Stone. Todas as cenas foram filmadas nos lugares em que se desenrolaram na vida real: em Groot-Zundert, no Borinage, em Paris, em Arles, e finalmente em Auvers-sur-Oise, onde, a 27 de julho de 1890, o artista holandês atiraria contra o próprio peito. A cena que nessa página mostra Van Gogh (personificado por Kirk Douglas, cujo rosto, antes de encarnar o pintor, aparece em detalhe) quando, diante do campo enorme de trigo, assolado pelos abutres, executava sua última tela — o «Campo do Trigo com corvos».

Ano 58

REDAT
ASSIS
PAGIN
COLA
tenes
Ferreir
Milton
e Vini
ILUST
Fortun
FOTÓ
Arnald

REPO
Noite
Van
Quar
A A
Um
Noél
Carn
Glóri
Apo

SEQ
Puxe
Chan
Mús
Arte
TV
Fem
Palc
Por
Lite
Ast
Sen
Últi
Fig
For

LIT
Mo
Ao
Ma
CA
No

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Menezes Júnior, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMARIO

REPORTAGENS

Noite de Pesadelo	2/5
Van Gogh ressuscitado	6
Quarenta e oito horas (Históricas) ..	8/11
A Aviação Comercial no Brasil	14/18
Um sítio lhe bastava	20/23
Noélia Noel vai ao Japão	28/29
Carmen Jones nunca viu uma ópera ..	38/39
Glória também lutou	41/43
Apontamentos para a História	47/49

SEÇÕES

Puxe pelo Cérebro	12
Champanhota	13
Música	18
Artes	24
TV na Revista	25
Femininas	26/27
Palavras Cruzadas	32
Por esse mundo de Deus	34/35
Literária	36
Astrológica	37
Semana em Revista	44/45
Último Flash	50
Figura em Foco (Dulcina Morais) ..	51
Fortuna	54/55

LITERATURA

Modificações Tristes (Adalgisa Nery)	7
Ao destino ninguém burla (Lisa de Castro)	30/31
Makar Tchoudra (Maximo Gorki)...	52/53

CAPA

Noélia Noel (Foto de Van Erven)



Desenho de MARIA TEREZA

MODIFICAÇÕES TRISTES

TODA a manifestação viva e pura do espírito ao ser contaminada de um intuito comercial, cai vertiginosamente da sua grandeza e torna-se um pretexto para lucros desenfreados e abjetos. De todos os países que conheço, as festividades do Natal, nos Estados Unidos eram as mais comovedoras, as mais tocantes, as que atingiam o clima de maior espiritualidade e beleza. Em nenhuma outra parte, o Natal era símbolo de tanta ternura, perdão, bondade, compreensão e com uma mensagem de fraternidade tão completa. A alegria da alma, o sinal de Deus surgia em tôdas as faces, em todos os movimentos, em tôdas as palavras, em tôdas as vozes e em tôdas as canções. O Natal do povo americano era uma lição de grandeza e de lirismo ao resto da humanidade.

Ao voltar aos Estados Unidos após seis anos, justamente na época das comemorações do nascimento de Jesus, tive uma enorme decepção. Esperava banhar a minha alma naquela onda de ternura coletiva, ungir o meu espírito naquela mansidão de Deus, levar o meu coração à fonte das emoções puras e eternas. O Natal que eu gravara na lembrança transformara-se numa espetacular competição de vendas. Tudo representava lucros, era um simples movimento de dólares! Os reflexos espirituais da noite de Noel haviam sido sufocados pela

ânsia de mealhar, de abarrotar as caixas registradoras! O comércio retirou da manjedoura, o menino Jesus e deitou nas palhas, o dólar! Tão diferente e cansativo se mostrou, que desejei vê-lo pelas costas. Aqui no Brasil, se por um lado nunca o festejamos com a mesma beleza e grandiosidade do povo americano, pelo menos guardava em si um movimento de doação, de união e de bondade simples e carinhosa. Agora de ano para ano, sinto que caminhamos para a mesma cruel destruição.

Começamos a notar o comércio anunciando os seus produtos e aconselhando o público a preferências por esta ou aquela mercadoria, numa concorrência desagradável como se o Natal não fôsse uma representação da força espiritual, uma advertência e um estímulo aos mais altos sentimentos humanos e sim uma competição e um ataque do poder aquisitivo aos bolsos. Não há mesmo na publicidade de vendas, nenhum sinal de grandeza e confraternização universal. Há apenas a concorrência, uma concorrência cada vez mais enfurecida devastando os pensamentos belos dos filhos de Deus! Cada vez mais a noite de Noel perde o clima de bondade e união e apaga a luz da estrela que trouxe a mensagem de paz, amor e boa vontade entre os homens. Até as reuniões de família se fazem agora em boites! Triste mundo sem alma, sem poesia e sem emoção!

ADALGISA NERY



GENERAL TEIXEIRA LOTT

«Dar apoio ao Presidente da República e ao Congresso e fazer respeitar os julgados da Justiça».

DE 10 A 12 DE NOVEMBRO, OS ACONTECIMENTOS PRECIPITARAM-
SE E SACUDIRAM, DE INESPERADO, O PAÍS — TUDO COMEÇOU
COM A LICENÇA DO PRESIDENTE CAFÉ FILHO — O QUE ACON-
TECEU NA PRESIDÊNCIA CARLOS LUZ E A POSSE DO PRESIDENTE
NEREU RAMOS — A BORDO DO CRUZADOR "TAMANDARÉ".

QUARENTA E OITO HORAS (HISTÓRI CA



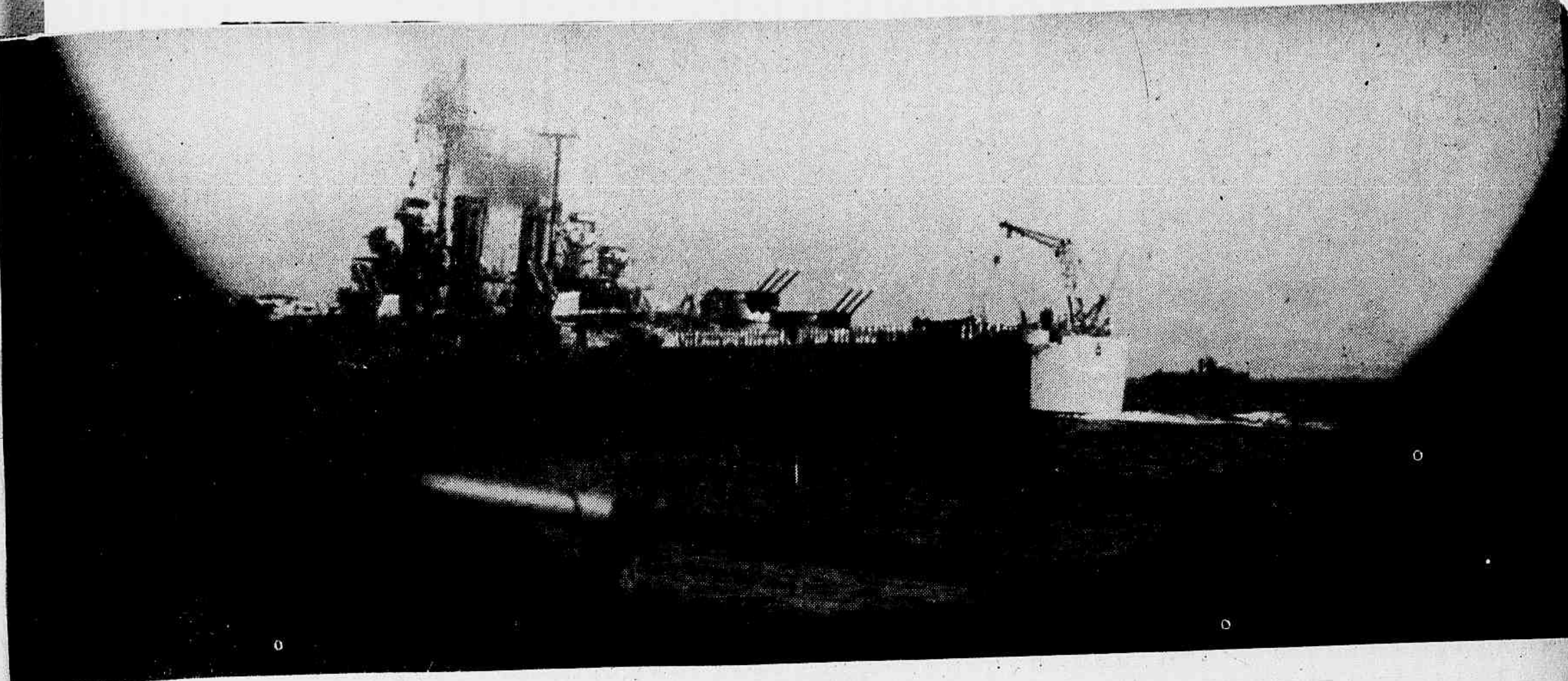
NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Com Flores da Cunha na Presidência, a Câmara aprovou a indicação do sr. Nereu Ramos para ocupar o Catete, depois que o sr. Carlos Luz se ausentou no «Tamandaré».

Pela seg

DESDE
a ci
cos, foi
temente
pelo im
cidadão
cidade
fronte a
Santana
Ministéri
canhões
militar!

Após
se ace
inquiet
recente
e sua
da Câ
pitaram
Dias
Canrol
lando
sua or
sidera
subver
assum
cioso
minist
bio da
de co
minist
vacila
manif
gadei
do re
o mi
Maio
a rev
mede
perio
seu e
sob
pres
rior
Arme
pres
o co
dênc
o su
prim
ao m
pern



O «TAMANDARÉ»

Pela segunda vez, este ano, o «Tamandaré» ficou em ordem do dia: A primeira, quando o sr. Café Filho, em abril, visitou oficialmente Portugal; a segunda, ao conduzir a Santos o sr. Carlos Luz e toda sua comitiva.

I CAS) NA VIDA DE UMA NAÇÃO

DESDE as primeiras horas de 11 de novembro, a cidade, em todos os seus pontos estratégicos, foi guarnecida por tropas do Exército, fortemente equipadas. O movimento surpreendeu pelo imprevisto, e chegou a causar pânico aos cidadãos ainda sonolentos que demandavam a cidade para suas atividades quotidianas. De frente ao Ministério da Guerra, no campo de Santana, nas imediações de bancos e outros Ministérios, era intenso o movimento de «tanks», canhões e soldados. Iniciara-se um movimento militar!

AS CAUSAS DETERMINANTES

Após a recente crise político-militar, vinha se acentuando, a cada dia que passava, a inquietação no seio das classes armadas. O recente impedimento do presidente Café Filho e sua conseqüente substituição pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, precipitaram os acontecimentos.

Dias antes, à beira do tumulto do general Canrobert, um oficial superior do Exército, falando em nome do Clube Militar, transformou sua oração fúnebre em uma peça política, considerada pelo ministro da Guerra como «de subversão à ordem pública». Maior gravidade assumiu o fato se lembrarmos que recentemente, cioso da disciplina militar, o próprio general-ministro punira dois oficiais generais — Zenóbio da Costa e Alcides Etchegoyen — por motivo de comportamento político. Da mesma forma o ministro da Aeronáutica, Eduardo Gomes, não vacilara em determinar a prisão, também por manifestação política a um vespertino, do brigadeiro Netto dos Reis. Baseado no artigo 41 do regulamento disciplinar do Exército, pediu o ministro Teixeira Lott ao chefe do Estado Maior das Forças Armadas, brigadeiro Duncan, a reversão daquele oficial coronel Bizarria Mamede — que no momento servia na Escola Superior de Guerra, aos quadros do Exército sob seu comando. Não foi atendido o ministro Lott, sob a alegação de que era imprescindível a presença do coronel Mamede na Escola Superior de Guerra e no Estado Maior das Forças Armadas. Dirigiu-se então o ministro Lott ao presidente Café, que no entanto não solucionou o caso em vista de haver se retirado da presidência por motivo de enfermidade. Empossado o substituto legal, deputado Carlos Luz, sua primeira providência foi comunicar diretamente ao ministro da Guerra que o coronel Mamede permaneceria na ESG e no EMFA, «por neces-

sidade de serviço». Dessa forma, uma simples questão disciplinar transformou-se num problema político. Advertido o presidente Carlos Luz da gravidade da situação e sobre as conseqüências de sua decisão, o ministro Teixeira Lott demitiu-se, recusando-se a fazer qualquer comentário à imprensa. Imediatamente o presidente nomeou para a pasta da Guerra o general reformado Alvaro Fiuza de Castro, cuja primeira providência foi conferenciar com o brigadeiro Eduardo Gomes. Depois, declarou aos jornalistas: «Vim para unir o Exército, a Marinha e a Aeronáutica...» Manifestando-se sobre o caso Mamede: «Ainda não pensei nisso; entretanto a tendência é para que aquele oficial permaneça onde está...» No dia da demissão, o presidente Carlos Luz chamou ao Catete o ministro Lott, fazendo-o esperar cerca de uma hora nas ante-salas do Palácio antes de recebê-lo.

REAÇÃO MILITAR

Após demitir-se, o general Teixeira Lott conferenciou com o general Odílio Denys, comandante da 1ª Região, em sua residência. Da conversa que mantiveram nada transpirou. Cerca das vinte e duas horas do dia 10 reuniram-se os chefes de corpos e unidades do Exército convocados pelo general Denys para apreciar a decisão adotada pelo presidente da República, exonerando o general Teixeira Lott do Ministério da Guerra e mantendo o coronel Mamede à disposição da Escola Superior de Guerra. Decidiram, então, prestigiar o ministro demissionário, a quem credenciaram como intérprete dos anseios do Exército. A reunião teve lugar na Vila Militar, onde imediatamente foram estudadas as medidas que se seguiriam.

SAÍDA DAS TROPAS — PRISÕES

As 2 horas da manhã assinalou-se o primeiro deslocamento de tropas. Vinte e cinco mil homens ocuparam os pontos considerados «estratégicos» da cidade, ao mesmo tempo que os oficiais fiéis ao comando do general Lott procediam à prisão de vários elementos que pudessem comprometer o movimento. Cerca das 3 horas o coronel Geraldo de Menezes Cortes, Chefe de Polícia, juntamente com o inspetor Cecil Borer, do DOPS, eram presos e conduzidos ao Ministério da Guerra, onde já os aguardava o general Teixeira Lott em companhia do general Zenóbio da Costa. Ocupou a Chefatura de Polícia, provisoriamente, o coronel Batista Teixeira, que pouco depois transferia o cargo ao general Augusto da Cunha Magessi.

PROCLAMAÇÃO DE LOTT

Imediatamente o general Teixeira Lott fez a seguinte proclamação à Nação:

— «Tendo em conta a solução dada pelo presidente Carlos Luz no caso do coronel Mamede, os chefes do Exército, julgando tal ato de positiva provocação aos bríos do Exército, que viu postergados princípios de disciplina, decidiram credenciar-nos como intérpretes dos anseios do Exército, objetivando o retorno à situação aos quadros normais do regime constitucional vigente. Acreditamos contar com a solidariedade dos companheiros da Marinha e da Aeronáutica, e apelamos para os governadores estaduais, solicitando apoio a essa atitude.»

a) General Lott.

PRESOS FIUZA E ETCHEGOYEN

As 3 horas foram presos no Catete os generais Fiuza de Castro, e Etchegoyen. Ao mesmo tempo, o marechal Mascarenhas de Moraes dirigia-se ao Palácio do Catete, ocupado pelo Batalhão de Guardas. Cerca das 5,10 vários «tanks» do Exército tomaram posição à entrada da Ilha do Governador, controlando a ponte que a liga ao continente, enquanto que do outro lado as tropas da Aeronáutica guardavam a passagem para o Galeão. Estabeleceu-se imediatamente a censura previa para os jornais, foram ocupadas a Agência Nacional e a Rádio Globo e interditado o jornal «Tribuna da Imprensa», cujo diretor, Carlos Lacerda, da mesma forma que o presidente Carlos Luz, asilou-se no Ministério da Marinha. O general Alcides Etchegoyen, posteriormente foi transferido para um hospital em virtude de ter sido acometido por ataque cardíaco.

REUNIDA A CÂMARA

As 8 horas começaram a chegar à residência do deputado Afonso Arinos inúmeros dirigentes, líderes e parlamentares da UDN, PL, PDC e PSB, para um exame da situação tendo em vista, principalmente, a convocação pelos líderes do PSD, PTB, PRP e PSP de uma sessão extraordinária. Nessa mesma hora o Palácio do Catete estava praticamente vazio, com a retirada de todas as autoridades. Somente ali permaneceram tropas do Exército, comandadas pelo coronel Bastos, do gabinete do general Teixeira Lott.

Por volta das 10 horas reuniu-se extraordinariamente a Câmara sob a presidência do deputado Flores da Cunha, para estudar a situação e deliberar a respeito dos seus aspectos cons-



FALA O SR. CARLOS LUZ

Vinte e quatro horas depois de voltar ao Rio, o ex-chefe do governo faz o seu depoimento, na Câmara, depois de ter renunciado à Presidência e disse: «Não tenho de que me arrepender».

titucionais. Durante a sessão bastante agitada, ficou decidido por votação que ocuparia a Presidência da República, o vice-presidente do Senado, Nereu Ramos. Ao mesmo tempo era votada u'a moção apresentada pelo deputado Alkimin declarando impedido Carlos Luz de exercer a presidência da República. Ao final dos trabalhos, o presidente da Câmara, Flores da Cunha, nomeou uma comissão de líderes e vice-líderes de todos os partidos para levar ao conhecimento do senador Nereu Ramos o resultado a que chegara a Câmara.

FOGO CONTRA O «TAMANDARÉ»

Seriam aproximadamente 10,30 horas — no momento em que se reunia a Câmara — quando as baterias do forte Copacabana abriram fogo contra o cruzador «Tamandaré», que deixava a baía. Os projéteis, entretanto, não encontraram alvo, prosseguindo a belonave em sua marcha. Ainda não se sabia, além de seu comandante, almirante Pena Botto, que outras personalidades conduzia. Na ocasião, o ministro Amorim do Vale à bordo do cruzador «Barroso» e os demais navios da esquadra surtos na Guanabara estavam de fogos acesos, manobrando de um lado para outro e aguardando ordens de fazer-se em direção ao mar alto. Posteriormente foi captada u'a mensagem do «Tamandaré», informando que o presidente Carlos Luz se encontrava a bordo em companhia de seus ministros, com exceção de Alencastro Guimarães e do Brigadeiro Eduardo Gomes, que fôra a São Paulo. Estava o presidente — afirmava o comunicado — no exercício de suas funções governamentais.

ASSUMIU NEREU RAMOS

As 18,30 horas, em cerimônia simples e rápida, o senador Nereu Ramos foi empossado Presidente da República. Presentes altas patentes militares, entre as quais o marechal Mascarenhas de Moraes, os generais Mendes de Moraes e Zenóbio da Costa. O general Henrique Teixeira Lott leu o termo de posse, transcrevendo decisão da Câmara e do Senado. Assinaram o termo o presidente Nereu Ramos, o general Lott, o presidente em exercício da Câmara dos Deputados, general Flores da Cunha, o senador Georgino Avelino e as demais patentes militares presentes.

RENÚNCIA DE CARLOS LUZ

Ante a impossibilidade de continuar governando, impedido que foi pela Câmara dos Deputados, o presidente Carlos Luz enviou ao almirante Amorim do Valle a seguinte mensagem: «Minha atitude até aqui obedeceu unicamente ao propósito de resguardar a autoridade do presidente da República e de sustentar a Constituição. Considerando porém a opinião dos ministros, oficiais e outros amigos que me acompanharam, e diante da situação de fato ora instalada no país, venho recomendar-lhe os abstenha de novos esforços no sentido de resistência a fim de evitarmos se derrame o

sangue generoso dos brasileiros e se lancem as forças militares uma contra as outras. Espero considere com seus leais comandados estas derradeiras instruções, inspiradas não só no sentimento de honra comum como na confiança que todos depositamos na bravura e no civismo da Marinha brasileira. Nesta data me dirijo ao atual governo, dando conta desta resolução. a) Carlos Luz.» Esta mensagem, juntamente com outra enviada ao presidente Nereu Ramos, afirmando «curvo-me diante de uma situação de fato», ocasionou o retorno do cruzador «Tamandaré» ao Rio de Janeiro, encerrando, assim, a sua atuação.

RETORNOU O «TAMANDARÉ»

Pouco depois das 10,35 horas de domingo, 13, transpunha a barra o cruzador a cujo bordo se encontravam, de regresso, Carlos Luz e seus auxiliares; o almirante Pena Botto, o jornalista Carlos Lacerda e o coronel Bizarria Mamede. Ao seu encontro saiu o «Barroso», passando as duas belonaves, daí por diante, a ser contornadas por embarcações do Ministério da Marinha. Para o «Tamandaré», principalmente, convergiram tôdas as atenções, quando de seu atracamento junto ao Ministério.

Nessa ocasião, na doca fortemente guarnecida do Ministério da Marinha, desembarcaram os passageiros.

Posteriormente, soube-se que a belonave, desenvolvendo apenas um quarto de sua velocidade normal — oito nós — chegara às imediações da barra de Santos, dali retornando depois da troca de mensagens com o comandante da 2ª Região Militar, general Stênio Caio de Albuquerque Lima. Após essas mensagens, em que o comandante da Região Militar dava conta ao presidente Carlos Luz da real situação no Estado de São Paulo e apelava para que o mesmo «reconhecesse uma situação de fato», foi que Carlos Luz manifestou-se, concitando seus simpatizantes a cessar qualquer resistência ao novo governo, pois iria recolher-se com o navio de guerra ao porto do Rio de Janeiro.

As 10,30 horas do dia 13, efetivamente, adentrava a barra o «Tamandaré». Canhões tapados com protetores brancos, tripulação em uniforme de passeio. Somente à tarde, aproximadamente às 15 horas desembarcaram os passageiros do navio que já não mais trazia o estandarte presidencial içado no mastro principal. Carlos Luz, Munhoz da Rocha, Marcondes Ferraz, Prado Kelly, Carlos Lacerda, oficiais das forças de terra e ar pertencentes ao Gabinete Militar da Presidência e o almirante Carlos Pena Botto que se fazia acompanhar de todo o seu Estado Maior. Com exceção do jornalista Carlos Lacerda, que se refugiou na Embaixada de Cuba, do coronel Mamede, prêso, todos os demais dirigiram-se às suas residências.



DE PRESIDENTE A PRESIDENTE

Na ante-véspera de ser transferido do Hospital dos Servidores do Estado para a Clínica São Vicente, recebeu o senhor Café Filho a visita do novo Presidente da República, sr. Nereu Ramos.

ncem
Es-
estas
ó no
ança
rismo
o ao
to, a)
com
afir-
to de
man-
im, a

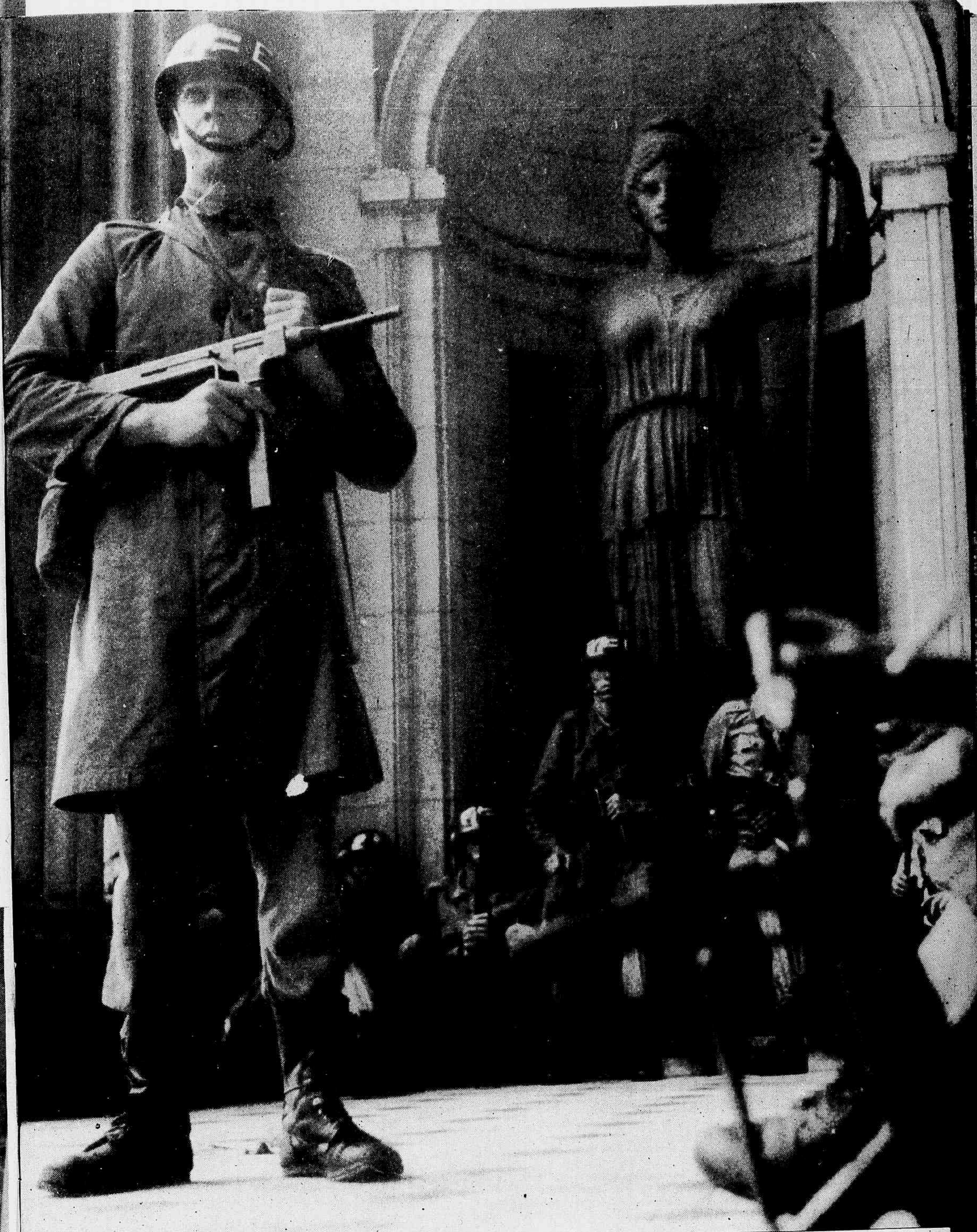
o, 13,
do se
seus
alista
mede,
do as
torna-
rinha.
vergi-
traca-

hecida
am os

onave,
a velo-
media-
depois
nte da
Albu-
m que
nta ao
o Esta-
mesmo
oi que
as sim-
cia ao
o navio

aden-
apados
niforme
amente
iros do
rte pre-
os Luz,
Prado
ças de
litar da
otto que
Estado
s Lacer-
Cuba,
ais diri-

nica São
u Ramos.



★ Quatro dias antes do aniversário da República, portanto a 11 do corrente, foi batido esse flagrante muito expressivo, na grande varanda externa do edifício da Câmara dos Deputados, no transcurso dos acontecimentos que são de domínio público e que focalizamos em outras páginas. Aqui se vêem os rapazes da Polícia do Exército, perfeitamente

equipados, e, ao fundo, a imagem simbólica da República, tranqüilamente em seu nicho. Um corpo de tropas garantia o Palácio Tiradentes contra possíveis reações. A República, em vésperas de festejar o seu maior dia, assistia, altaneira, às ocorrências e estava por sua vez defendida. — (Foto Alberto Ferreira).



LIVRO

aberto é cérebro que fala; fechado, amigo
que espera; destruído, coração que chora.
(Provérbio indú)

LIVROS PARA CONCURSOS PÚBLICOS E PARTICULARES

do Prof. A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

LIÇÕES PRÁTICAS DE PORTUGUÊS, 2ª edição	50,00
QUESTIONÁRIO DE PORTUGUÊS	40,00
EXERCÍCIOS DE PORTUGUÊS, 4ª edição	40,00
CORREÇÃO DE FRASES, 17ª edição	30,00
CORREÇÃO DE CARTAS, 2ª edição	30,00
ANÁLISE (sintática e léxica), 5ª edição	30,00
REDAÇÃO OFICIAL, 7ª edição	50,00
TESTES (nível mental e conhecimentos gerais), 2ª edição	40,00
GEOGRAFIA DO BRASIL, 7ª edição	40,00
ESTATÍSTICA (Noções), 6ª edição	50,00
MATEMÁTICA PARA CONCURSOS, 5ª edição	50,00
PARA BEM-ESCREVER, 5ª edição	40,00
A ARTE DE ESCREVER	50,00
DICIONÁRIO DE LINGUAGEM, 2ª edição	60,00

da Dra. IVETE CAMARGO

DIREITO ADMINISTRATIVO, 3ª edição	40,00
DIREITO CIVIL, 4ª edição	30,00
DIREITO CONSTITUCIONAL, 2ª edição	30,00
DIREITO PENAL, 2ª edição	30,00
ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS CIVIS DA UNIÃO, com toda a legislação complementar e índice alfabético- remissivo	30,00

do Prof. FÁBIO DE MELO (do Banco do Brasil)

ARITMÉTICA BANCÁRIA PARA CONCURSOS, 4ª edição	120,00
CONTABILIDADE BANCÁRIA	40,00
CORRESPONDÊNCIA BANCÁRIA, 4ª edição	30,00

de DIVERSOS AUTORES

GUIA DO CANDIDATO AO CONCURSO PARA OFICIAL ADM- NISTRATIVO DO S.P.F. E AUTARQUIAS, pelo Prof. Valmiro R. Vidal	150,00
PORTUGUÊS PARA O BANCO DO BRASIL, pelo Prof. M. Vieira de Melo (do Banco do Brasil), 2ª edição	50,00
SEGURO SOCIAL (Noções), pelo Prof. Armando de Assis	20,00
CONTABILIDADE MERCANTIL MODERNA, pelo Prof. Agostinho Lana	20,00
CONTABILIDADE PÚBLICA, pelo Prof. João S. Pimenta	20,00

GEOMETRIA PARA O ART. 91 (MADUREZA)
pelo Prof. Lauro Pastor Almeida, do Colégio Pedro II

Contém parte expositiva, centenas de exercícios e questões da-
das em exames com as soluções. Edição-Miniatura

DE HONORINO CARNEIRO DE QUEIROZ
Para amadores e profissionais

CURSO PRÁTICO DE MOTORISTA — De acôrdo com os pontos de exames das Inspetorias de tráfego do Brasil. Muito efi- ciente	40,00
CHOFER SEM MESTRE, 23ª edição	40,00
MOTORISTA POR PERGUNTAS E RESPOSTAS, 10ª edição	40,00
ELETRICISTA DO AUTOMÓVEL, 3ª edição	30,00
MANUAL DO MESTRE DE OBRAS — Guia prático para constru- ção da casa própria. Contém instruções e gravuras ilustra- tivas a fim de que qualquer pessoa possa encontrar-se em condições de planejar e construir a sua própria casa, dese- nhando-lhe a planta, calculando o dispêndio do material a empregar, seu custo, etc. 3ª edição	30,00

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO
Ilustrações de RENATO SILVA — Texto de SÉRGIO MACEDO

«Conforta saber que essa publicação vai obtendo crescente procura
nas bancas de jornais e nas livrarias; e aqui a recomendamos aos que
ainda não a manusearam. Ela representa um esforço digno do mais
decidido amparo, nesta hora em que a polícia se vê na necessidade de
apreender revistas obscenas, cujos editores colocam a preocupação de
lucros acima do dever de resguardar a formação moral da infância e da
adolescência» — «Diário de Notícias» — Rio.
Sai mensalmente. Para ler e guardar. Cinco números já publicados.
Cada volume 10,00, nas bancas de jornais, nas livrarias e na editora.

Atende-se pelo Reembolso Postal.

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro — Brasil

REVISTA DA SEMANA — 12

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—«Ser filósofo é aprender a morrer» — frase de:

- Descartes?
- Pascal?
- Montaigne?

2—Marcelo Ficino foi célebre:

- Geólogo?
- Humanista?
- Músico?

3—Purcell foi o autor de:

- Cantata de Dido?
- Didascalion?
- Dido e Eneas?

4—As «Novelas Ejemplares» são de autoria de:

- Cervantes?
- Gracian?
- Gongora?

5—Rui Barbosa e Castro Alves que tinham em comum:

- Eram baianos?
- Foram colegas de Faculdade?
- Eram abolicionistas?

6—Que poeta nascido no Brasil é reclamado pela literatura portu-
guêsa?

- Gonçalves Dias?
- Gonçalves Ledo?
- Gonçalves Crespo?

7—O que é «Ra-txa-u-ni-ku-ê»:

- Uma dança oriental?
- uma saudação em japonês?
- a língua falada pelos índios bacacris?

8—Foi um dos primeiros livros a aparecerem sobre Sociologia:

- «O Bezerro de Ouro»?
- «Casa Grande e Senzala»?
- «Manual de Culturologia»?

9—Dêsses nomes, qual deles pertence a um romancista norueguês:

- Knut Hamsun?
- Kurt Baum?
- Pär Lagerkvist?

10—Que escritor português chegou à Presidência da República:

- Júlio Dantas?
- Júlio Diniz?
- Teófilo Braga?

11—Qual o símbolo químico do mercúrio:

- Mc?
- Hg?
- Ag?

12—Saturno estava ligado, na Astrologia, ao temperamento:

- Sanguíneo?
- Melancólico?
- Depressivo?

13—Que há de comum entre Rimsky Korsakoff, Manet e Joseph Conrad:

- Todos foram músicos?
- Todos foram escravos?
- Todos foram da Marinha?

14—Que livro do Antigo Testamento é o Censo dos judeus:

- Levítico?
- Números?
- Gênesis?

15—Salt Lake City é a Meca dos:

- Batistas?
- Mormons?
- Adventistas?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco;
de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estu-
dante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14:
um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Montaigne; 2 — Humanista; 3 — Dido e Eneas; 4 —
Cervantes; 5 — Tudo isso; 6 — Gonçalves Crespo; 7 — Língua dos ba-
cacris; 8 — «Bezerro de Ouro»; 9 — Knut Hamsun; 10 — Teófilo Braga;
11 — Hg; 12 — Melancólico; 13 — Todos foram da Marinha; 14 — Nu-
meros; 15 — Mormons.



Srtas. Vânia de Araújo, Marita Dória e o sr. Luís Barroso, conversam animadamente. À direita: Numa das últimas reuniões do Museu de Arte Moderna, vemos a sra. Vera Mindlin, cronista Pomona Politis e o senhor Aloísio de Salles, da diretoria.

SEMANA MANSA DE MUITOS BAZARES — "CARMEN JONES" ESTRÉIA COM DOROTHY DANDRIDGE

O Embaixador da Nicarágua e senhora de Sanson Balladares receberam para um «buffet dinner», em comemoração ao sexto aniversário do casal de diplomatas no nosso país. Estiveram presentes o sr. e sra. Nereu Ramos, embaixador da Itália e senhora Lanza D'Ajeta, embaixador de Portugal e senhora Antônio Faria, embaixador da China e sra. Meng Liy, sr. e sra. Celso Kelly e sra. Alzira Pompeu. Estêve muito simpática a reunião no bonito apartamento dos Embaixadores.

★

No Clube da Aeronáutica, houve o Chá das Margaridas, com leilão americano animado por Heron (Esso) Domingues e enfeitado por Ilde Garavaglia e Emília Correia Lima.

★

A Embaixada da Itália receberá dia 18. «Cocktail».

★

No aniversário da sra. Ângela Harbib, o casal convidou um grupo de amigos para jantar no Copacabana. Entre eles, anotamos a presença do sr. e sra. Adolfo Cláudio Graça Couto, sr. e sra. Bento Luís Soares Sampaio, sr. e sra. Gastão Veiga e sr. Válder Quadros. Nesta mesma noite, estiveram no «Meia-Noite» a srta. Beatriz Gallembeck e o sr. Alexandre Camacho.

A saída, encontramos os nossos amigos, sr. e sra. Pepe Mora que vinham do cineminha na casa do casal Pepe Caraballo. Contaram-nos que fôra uma sessão concorridíssima e que haviam sido passados dois filmes.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Em benefício dos Sanatorinhos de Campos de Jordão, a sra. Jorge Prado reuniu seus amigos em Jequitimar. Entre outros, compareceram à reunião o sr. e sra. Fábio Andrade, recém-chegados dos Estados Unidos.

★

O casal Francisco Matarazzo Sobrinho vai mudar-se para a Avenida Paulista.

★

O Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo condecorou várias figuras da sociedade paulista que colaboraram para a transladação dos despojos da Imperatriz Dona Leopoldina para o Panteão do Ipiranga. S.A.I. Dom Pedro de Orleans e Bragança foi um dos condecorados.

★

A cronista Lúcia Simões Sá, da Bahia, encontra-se em São Paulo. Assistirá ao lançamento da Casa da Bahia, organização que pretende fazer os paulistas conhecerem as coisas baianas.

★ Pode-se dizer que tivemos uma semana sem grandes e decotados acontecimentos sociais. Houve inauguração de exposições de pinturas, continuou com muita gente e entusiasmo a projeção de filmes de arte, promovida pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas, o «forte» da semana, do ponto de vista social, evidentemente, foram os bazares promovidos em favor do Natal dos pobres. O «Best Seller» e o da Stela. Muito concorridos e de grande sucesso. Numa grande estréia tivemos Dorothy Dandridge, a protagonista de «Carmen Jones» que veio ao Rio, especialmente para assistir ao lançamento de seu filme, num acontecimento em favor da campanha de proteção ao menor desamparado.

Ainda no setor das estréias, temos Jean Sablon, nosso velho conhecido, no «Midnight». Com um repertório atualizado, o cantor francês ainda é mais aplaudido com as suas músicas do tempo do Urca, como «J'attendrais» e «Un fiacre».

O Hotel Glória marca mais um ponto, prometendo para 1º de dezembro a inauguração do Teatrinho Arena, com ar refrigerado e capacidade para 120 pessoas. Para sua estréia, virão de São Paulo Eva Wilma e José Renato que fazem o mesmo gênero de teatro. O primeiro autor a ser apresentado será Pirandello.

★

Numa bonita cerimônia, na igreja repleta de amigos dos noivos, casaram-se sábado a srta. Marília Pinto Amando e o sr. Paulo Távora.

★

O sr. Paulo Alvaro de Assunção está apresentando o sr. Roberto de Carvalho, renovador do artesanato de vime no Brasil, e fundador da nossa já conhecida «Vimarte» e convidando para a inauguração da filial paulistana.

★

O encarregado de Negócios da Etiópia e sra. Ghermatchew Tekle-Hawariat, ofereceram recepção de gala, no Hotel Glória, em comemoração ao 25º aniversário da coroação de Sua Majestade o Negus Hailé Sellassie 1º. Todo o mundo diplomático estêve presente.

★

O Fluminense realizou com eficiência o seu tradicionalíssimo baile do Pó de Arroz. A festa que deveria terminar às três foi prorrogada. Os músicos de Bené Nunes, revezaram-se nos instrumentos e deram um verdadeiro «show». O final foi de cordão e quase grito de Carnaval.

O barão e a baronesa Oto Leithner promoveram no Haras São Bernardo prova hípica, seguida de «cocktail». Estiveram presentes o sr. e sra. Júlio Pimenta, srs. e sra. Bento de Carvalho, sr. e sra. Roberto Mendes Gonçalves, sr. e sra. Herculano Ferreira, sr. e sra. Eduardo Toledo Pisa e os srs. Durval Araújo, Luís Cintra e Alberto Samaja.

★

O sr. e sra. José Eiras de Mairy comemoram, com ceia na boite «Oásis», o noivado da filha Ana Maria com o sr. Eduardo Messina.

★

A cantora portuguesa, Amália Rodrigues visitou São Paulo, no dia 14.

★

A bonita sra. Dana Mendonça estêve domingo no Rio. Veio encontrar-se com seus amigos, o sr. e sra. Roberto Suplicy.

★

Numa reunião de muita poesia e alguma balhoada, o poeta Antônio Rangel Bandeira inaugurou sua casa.

★

Os instrumentos já estão sendo afinados para a estréia da boite do «Esplanada», numa nova fase. Louis Cole será sempre uma grande atração para os cariocas.

INTERNACIONAIS

O Ministro do Brasil em Oslo, sr. Glaucio Ferreira de Souza, entregou ontem as insígnias da Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul ao chefe da Casa do Rei, Smith Keilland.

★

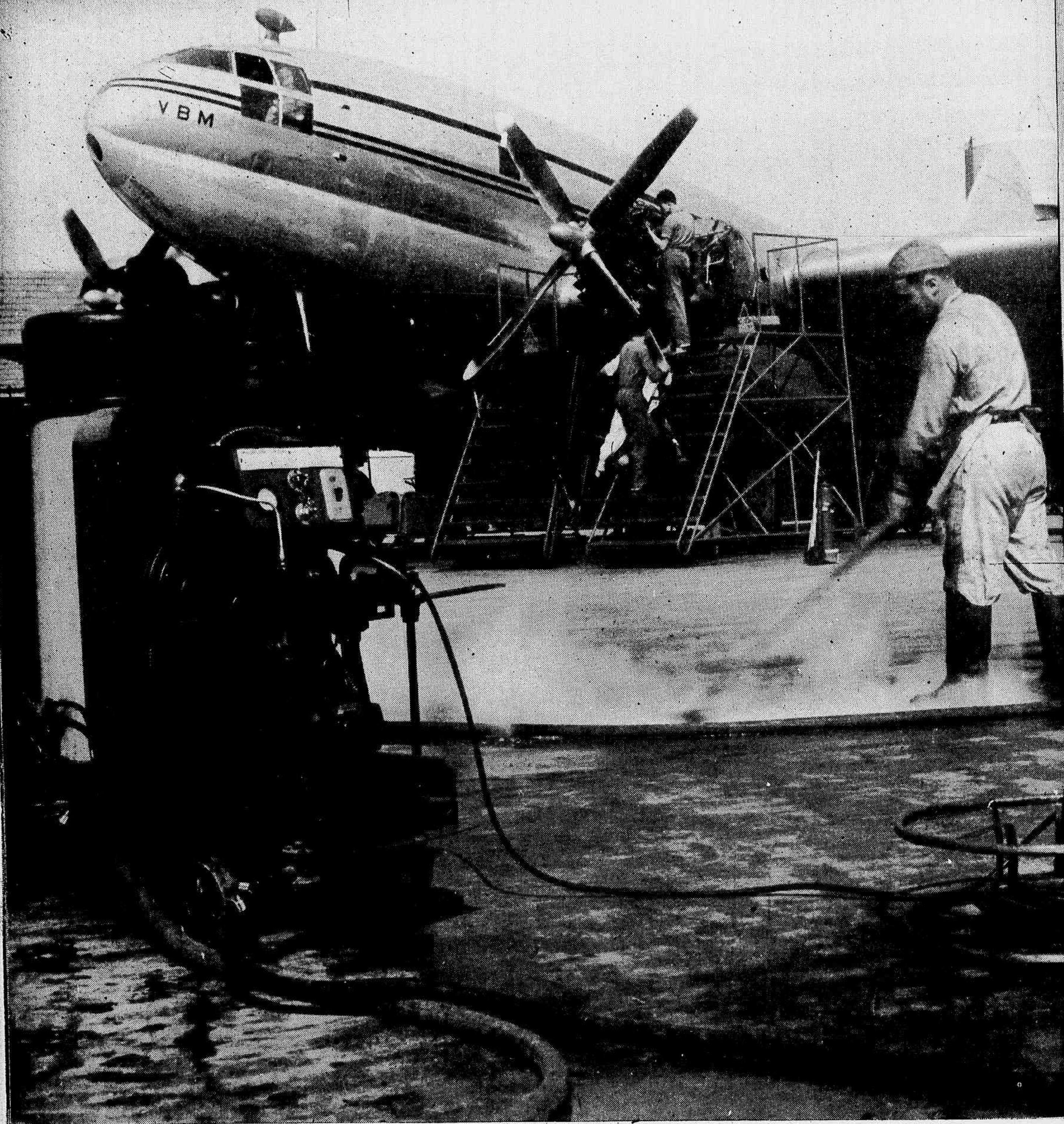
A estranhíssima Greta Garbo, que raramente comparece aos lugares públicos famosos, foi vista recentemente na mais famosa «boite» de Nova York.

★

O generalíssimo Rafael Trujillo está sendo esperado em Kansas City, onde deverá comparecer a uma exposição de gado. Trujillo é um grande criador, dono do melhor rancho de seu país. Também, não era para menos...

★

Para quem considera os colonistas sociais brasileiros maldizentes, é bom não esquecer os americanos e os franceses que são ainda piores. Referindo-se à noiva do poderoso Winthrop Rockefeller, certo colonista americano chamou-a de «a mais perene».



É verdadeiramente impressionante o desenvolvimento da aviação comercial brasileira, a ponto de, hoje em dia, possuir o Brasil a terceira frota

A AVIAÇÃO COMERCIAL NO BRASIL

DO PRIMITIVO "ATLÂNTICO" AOS "SUPER-CONSTELLATIONS" ★ O PRIMEIRO AVIÃO COMERCIAL E SUA VIAGEM INAUGURAL NO SUL DO PAÍS ★ ESTATÍSTICAS IMPRESSIONANTES DO PROGRESSO DA AVIAÇÃO ★ O NÚMERO DE AVIÕES E DE AEROPORTOS NO BRASIL EXISTENTES ★ O "DO-X", O "ZEPELIN", O "GUANABARA" E O "PIRANGA" ★ OS PIONEIROS E SUA HISTÓRIA CHEIA DE HEROÍSMO

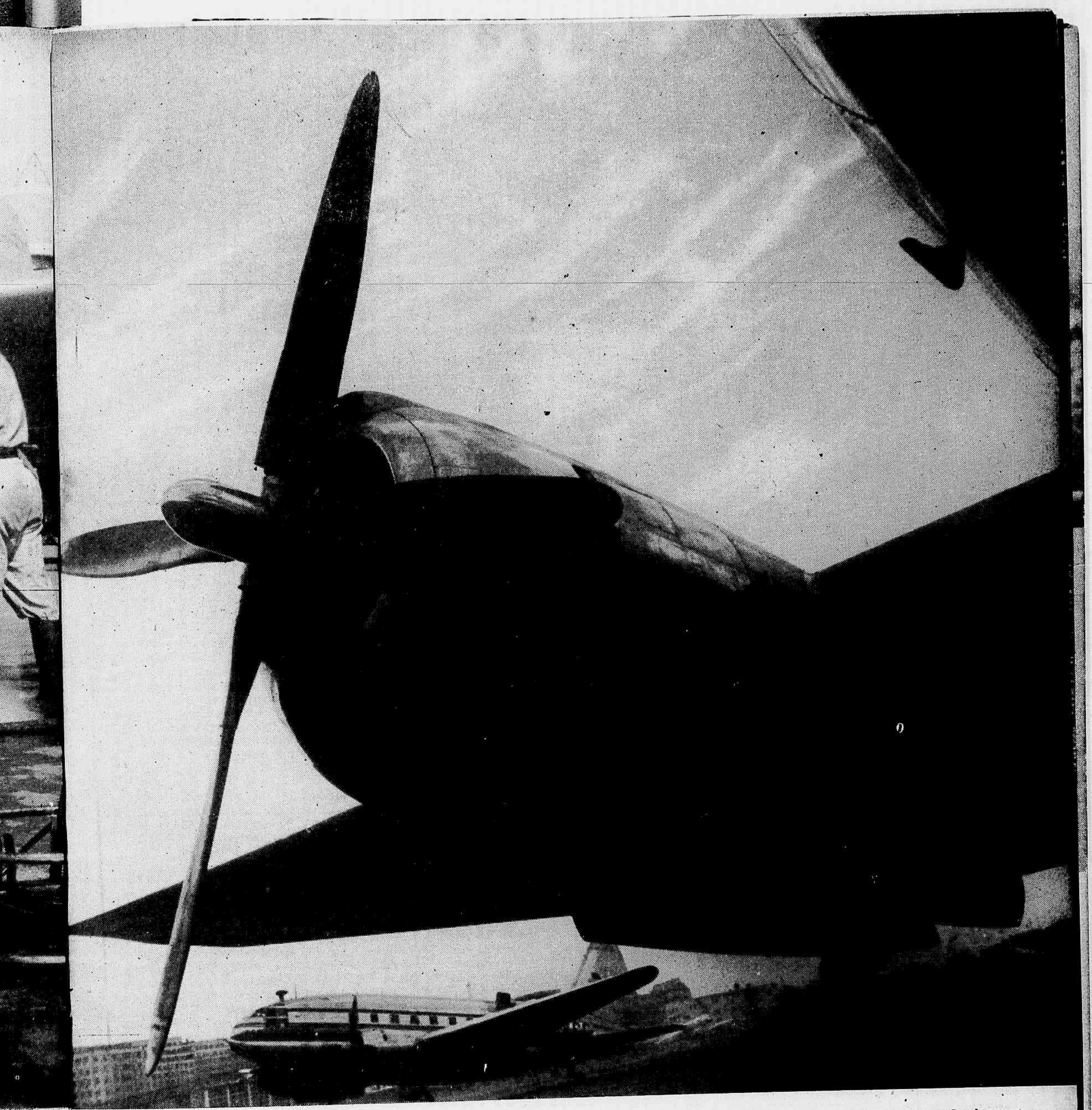
Reportagem de VINÍCIUS LIMA

JANEIRO de 1927. Agentes de certa companhia em formação andavam pelas ruas abordando os transeuntes:

— O sr. quer ter uma experiência nova, excitante, maravilhosa?
— De que se trata?
— Andar de avião...

— O sr. está maluco? Não vê logo que eu desejo continuar vivendo e que não vou andar numa geringonça dessas? Além disso, se é tão maravilhosa assim, por que não vai o sr. mesmo?...

— Eu já esperava essa resposta, mas posso explicar: nossa Empresa deseja mandar pessoas estranhas à Organização, a fim de encorajar o povo.



aérea comercial do mundo — equipes altamente categorizadas velam, em terra, pela tranquilidade do vôo, lá em cima. — O Brasil criou asas.

★ No intuito de fornecer aos leitores o resumo da História da Aviação Comercial no Brasil, cujo progresso vertiginoso nos coloca em situação privilegiada no cenário mundial, em vinte e oito anos de atividade, teve o repórter que recorrer a cerca de quarenta pessoas e entidades, dentre as quais destacamos: a DIRETORIA DE AERONÁUTICA CIVIL; o INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, o CONSELHO NACIONAL DE PETRÓLEO, e a aviadora patricinha Anésia Pinheiro Machado, que apesar de não ser pessoa ligada diretamente à Aviação Comercial Brasileira, muito nos auxiliou nas pesquisas. Merece, porém, destaque especial, o pioneiro Franz Xavier Greiss, contemporâneo dos primeiros pilotos civis que operaram em nossa pátria, e que lhe transmitiram tudo aquilo que sabiam, inclusive o pitoresco daquele ano de 1927, quando andar de avião constituía temeridade. Agradecemos a todos aqueles que colaboraram para a feitura desta reportagem, que pretende tão somente homenagear a Aviação Comercial Brasileira, não tendo esta matéria intuítos secundários.

Isso aconteceu em Porto Alegre, R. G. do Sul, quando a V.A.R.I.G., ainda em período de experiência, decidiu fazer sua primeira viagem aérea comercial, sob a responsabilidade da «Condor Syndikat», empresa alemã que vendia material de aviação no Brasil.

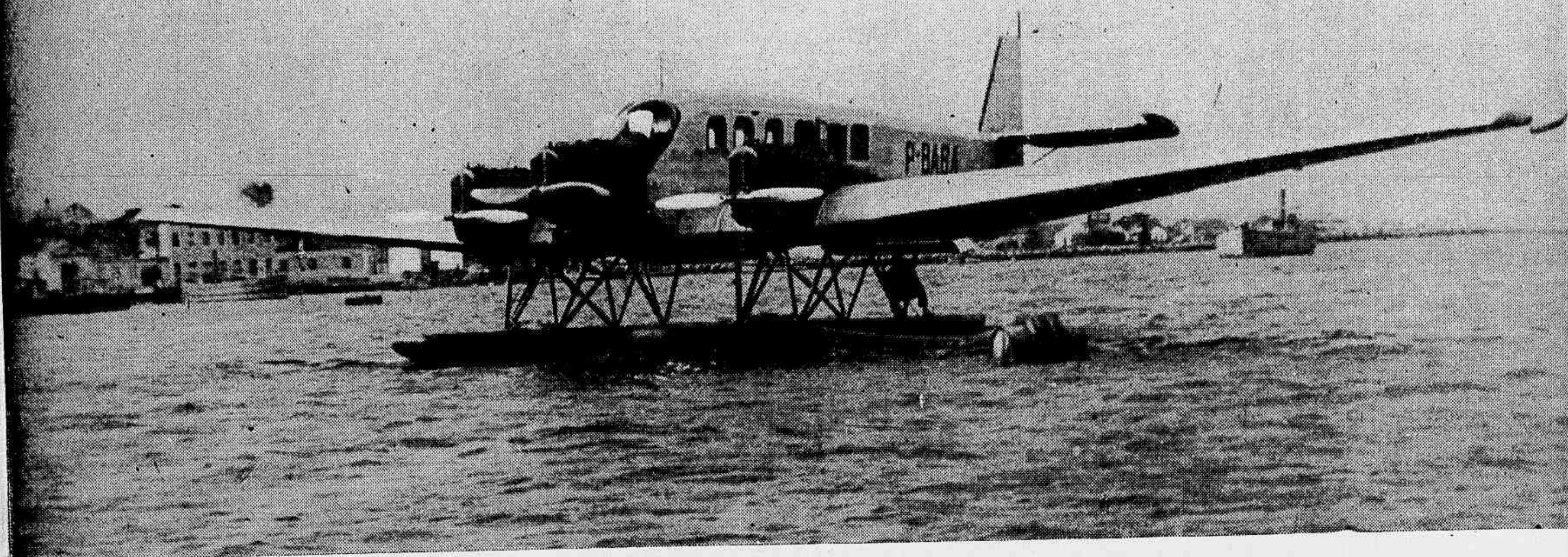
Quem nos contou o episódio acima descrito foi o sr. Franz Xavier Greiss, pioneiro da aviação comercial Brasileira e amigo íntimo dos srs. Cramer von Clausbruck e Franz Nuelle, piloto e mecânico, respectivamente, do hidroavião «Atlântico», nessa viagem inaugural.

Documentando os fatos aqui narrados, prosseguiu o sr. Xavier Greiss: «Finalmente conseguimos dois «corajosos» para a tal viagem. Foram-êles os srs. Guilherme Gastal e João Oliveira Goulart; restava porém um

problema que consistia em arranjar uma mulher disposta a fazer companhia aos dois citados senhores. Mas, para surpresa nossa, surgiram várias candidatas, sendo escolhida a srta. Maria Echenique, que foi, portanto, a primeira passageira de avião comercial no Brasil. O destino era a cidadezinha de Rio Grande, na fronteira com o Uruguai, via Pelotas.

E lá se foi o «Atlântico», roncando... E o povo que atravancava as margens do «Guaiíba» bateu palmas. A banda de música da Brigada tocou o Hino Nacional; foguetes pipocaram no ar, os sinos tocavam alegremente e cá em baixo o povo exclamava: coitados, loucos varridos, isso é uma gauchada!...

A AVIAÇÃO COMERCIAL NO BRASIL



Esta foto é do «Ipiranga», segundo avião comercial brasileiro. O «Ipiranga» ainda existe. É porém relíquia de museu; mas, no seu tempo, esse aparelho foi considerado o melhor entre os melhores aviões do mundo.

Vinte minutos após a saída do «Atlântico» foi ouvido um estrondo que parecia trovão. O povo ficou aflito. Toda a cidade lamentava a sorte daqueles três gaúchos que, juntamente com os dois alemães, deviam, daquelas horas, estar mortos.

Duas horas mais tarde chegava um telegrama urgente de Pelotas: o ruído que parecia trovão, era trovão mesmo. Chovia no litoral, mas o «Atlântico», são e salvo, já se preparava para atingir Rio Grande, onde realmente chegou após mais 30 minutos de voo.

O sr. imagina como devem ser essas coisas. Nós da Companhia tínhamos confiança no avião, mas o povo, não. Por isso mesmo várias missas em ação de graças foram rezadas, e em compensação, na viagem de volta, todo mundo queria pagar a passagem e voar. Estava quebrado o mito, com essa viagem de 380 quilômetros, o primeiro voo comercial levado a cabo em território brasileiro.

A SEGUNDA ETAPA

A 1ª de dezembro do mesmo ano de 1927, o conde Ernesto Pereira Carneiro, através dos alemães Carl Herm. Runge, Fritz Hammer e Max Sauer, organizavam o «Syncto Condor, Limitada», com o capital inicial de Rs. 100:000\$000, divididos em quotas de Rs. 5:000\$000. No dia 22 do mesmo mês, era registrado no Departamento Nacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro, o contrato da nova Organização aérea, que pouco depois passou a operar entre várias cidades do Brasil.

Mas a segunda etapa da aviação comercial brasileira pode ser caracterizada com a primeira travessia do Atlântico por Jean Mermoz, quando conduziu a primeira mala postal da França para o Brasil, em 30 de maio de 1930, tendo sido agraciado a 2 de setembro de 1934, com a Ordem do Cruzeiro do Sul.

ESTATÍSTICAS DA MODERNA AVIAÇÃO

★ Em 1954, segundo dados que nos foram cedidos pela Diretoria da Aeronáutica Civil, 128.595 viagens aéreas foram realizadas no Brasil, com 7 acidentes graves. No mesmo espaço de tempo, somente no Distrito Federal, morreram 348 pessoas, em 987 acidentes de automóveis. Ainda em 1954, os aviões comerciais do Brasil percorreram 103.665.228 quilômetros em 419.954 horas de voo. Cortaram os céus de nossa pátria 2.773.414 passageiros. E o Correio Aéreo transportou 1.469.092 quilos de CARTAS, além de 33.061.809 quilos de bagagem e 62.495.357 quilos de CARGA. Enquanto isso, as empresas estrangeiras que operam em território nacional, no mesmo período, fizeram apenas 3.070 viagens, 21.623 horas de voo, e conduziram 99.893 passageiros.

O Brasil opera em 25 países estrangeiros, dentre os quais a França, Reino Unido, Itália, Turquia, Portugal, Espanha, Líbano, Bélgica, Argentina, Paraguai, Uruguai e outros, fazendo nesses países movimento 90 vezes maior do que as companhias estrangeiras fazem em nosso território.

Existem no Brasil 18 empresas de aviação comercial, com 264 aeronaves, a saber: 173 Douglas DC-3; Curtiss C-46, 37; 11 Constellation; Convair 340, 10; Beechcraft tipo AT 11, 7; Scandia, 9; Catalina PBV-5, 6; Douglas DC-4, 3; Convair 340, 5; Super-Constellation, 3. Esses aviões fazem 353 linhas, no Brasil.

Tem ainda o Brasil 88 táxis aéreos e 114 aviões de pessoas físicas, sendo que o total de aeronaves privadas em dezembro de 1954, era de 2.166 aparelhos. Possuímos igualmente 308 aeroportos, destacando-se o Amazonas com 29, o Rio G. do Sul com 31, São Paulo com 47. Não estão incluídos aqui os campos de pouso de emergência, os militares e os de particulares.

Muito deve a aviação comercial aos aeroclubes espalhados por todo o território nacional, atualmente em número de 429. O primeiro deles foi fundado em 14 de outubro de 1911, na redação do jornal «A Noite», com o nome de Aeroclube Brasileiro (hoje Aeroclube do Brasil). Essas agremiações possuem 1.080 aviões e cerca de 40.000 pilotos. Dos 429 aeroclubes nacionais, segundo a D.A.C., 18 são entidades de voo à vela ou escolas de mecânicos de aviação. Dos 1.080 aviões, 960 foram oferecidos pelo Ministério da Aeronáutica, e principalmente pela Campanha Nacional de Aviação.

OS PIONEIROS (COMERCIAIS) DO BRASIL

★ Em 1926 chegou ao Brasil um avião da «Condor Syndikat», sociedade mercantil alemã, criada com a finalidade de vender material de aviação aos países da América do Sul. A «Condor Syndikat», teve como primeiros clientes um grupo de brasileiros que pretendiam fundar uma companhia de aviação no Brasil. Os primeiros acionistas, foram os srs. Álvaro G. Seller, Antônio Pereira da Silva Filho, Armênio Avelino de Souza, Adelberto Kramer, Ângelo Zanota Júnior, Alberto Krueger Sobrinho, Abdalla Neder e muitos outros. Reunindo o capital inicial de 100 contos de réis, divididos em quotas de 5, foi, por decreto que tomou o número 17.832, de 10 de junho de 1927, a V.A.R.I.G. autorizada a funcionar, usando um hidro-avião chamado «Atlântico», aparelho marca «Dornier-Wal», de número 34-P-B-AAA, segundo consta das folhas 1, do livro 1, do Registro Aeronáutico Brasileiro.

O presente esclarecimento é feito porque existe certa confusão sobre qual seria a companhia pioneira do Brasil. Assim, sendo, depois de exaustivas pesquisas, conseguimos apurar que a «Condor Syndikat», empresa que vendia material aeronáutico, foi confundida com a «Sindicato Condor Ltda», fundada a 1ª de dezembro de 1927, no Rio de Janeiro, seis meses, portanto, após a fundação da pioneira.

Em 1939, encampada pelo governo, foi a «Sindicato Condor Ltda.» transformada na atual «Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul», que dessa maneira veio a ser a segunda companhia de aviação do Brasil, conforme se comprova pelas certidões expedidas pelo Ministério da Aeronáutica, em 17 de julho de 1952, cujo fac-símile acha-se em poder do repórter. Antes da V.A.R.I.G., porém, em 1890, o cidadão Leopoldo Corrêa da Silva, natural de Minas Gerais, pensou em fundar uma companhia de aviação do menos pesado que o ar. Tinha ele dois dirigíveis, o «Cruzeiro do Sul» e o «21 de Abril», com os quais pediu autorização para explorar comercialmente os céus do Brasil, mas nada realizou. Mais tarde, em 1912, o comandante Nelson Guillobel, que ainda vive, chegou a pleitear a instalação de uma companhia aérea, agora, do mais pesado que o ar, mas nada conseguiu. Depois do comandante Guillobel, Antônio Ross, em 1918, João Batista dos Santos e Augusto de Araújo Góis, tentaram igualmente fundar empresas aéreas no Rio e em São Paulo. Até Herbert Moses, em 1925, trabalhou juntamente com outros, para instalar comercialmente a aviação em nosso país. Mas, coube aos srs. Ernest Meyer, Alberto Bins, Pedro Osório, José Bertaso, Gustavo Poock e Arthur Bromberg, realizar aquilo com que outros tanto sonharam.

CONSUMO DE GASOLINA NO BRASIL

★ Em 1939, o Brasil consumiu 15.577.300 litros de gasolina de aviação; em 1945 o consumo desse combustível pulou para 69.250.400 litros. Em 1950, já gastávamos, anualmente, 206.971.400 litros. Aumentando sempre de consumo, alcançamos em 1953 os 234.078.100 litros, para em 1954 atingirmos 301.846.000 litros. No mesmo ano de 1954, gastamos exatamente TRÊS BILHÕES E TREZENTOS E SESENTA E OITO MILHÕES DE LITROS de gasolina comum. Essa disparidade aparente é no entanto explicável, porque, temos no país 2.166 aviões comerciais e 1.080 de Aeroclubes, enquanto existem no Brasil 650.000 veículos motorizados, dos quais apenas 30.000 consomem óleo diesel. Não estão incluídos nesta estatística o número de aviões militares e o combustível por eles queimado, por medida de segurança. O Brasil ainda não produz gasolina de aviação, que somente fará em 1956 (Cubatão). Nota curiosa é que, até hoje, apenas 300 litros de gasolina de aviação fabricamos (refinaria Ipiranga) a título de experiência.

Nessa data a nossa aviação comercial já tinha ido ao Norte do país. O primeiro avião comercial a realizar tal proeza foi o «Guanabara», que provocou pânico entre as populações menos esclarecidas de vilas e povoados, destacando-se a história pouco conhecida dos agricultores baianos que se reuniram (80 homens) para «caçar» o «bicho brilhante que voava e que tinha passado sobre a cidade de Feira de Santana com uma criança no bico...»

ETAPA DECISIVA

Após a criação da V.A.R.I.G. e da «Cruzeiro do Sul», surgiu em 1930 a «Panair do Brasil», cujo nome original era «Nirba, S. A.». Em seguida, em verdadeiras avalanches, despontaram, dentre outras que não mais existem, a «V.A.S.P.», a «N.A.B.», o «Lóide Aéreo Nacional», a «Transportes Aéreos Nacional», a «L.A.B.», a «Transportes Aéreos Salvador», a «Itaú», a «Central Aérea», a «Taba», a «Catarinense», a «Savog», a «Via Braz», a «VASP», a «Real», a «Aerovias Brasil», agora associada à primeira, e finalmente a «Aeronorte».

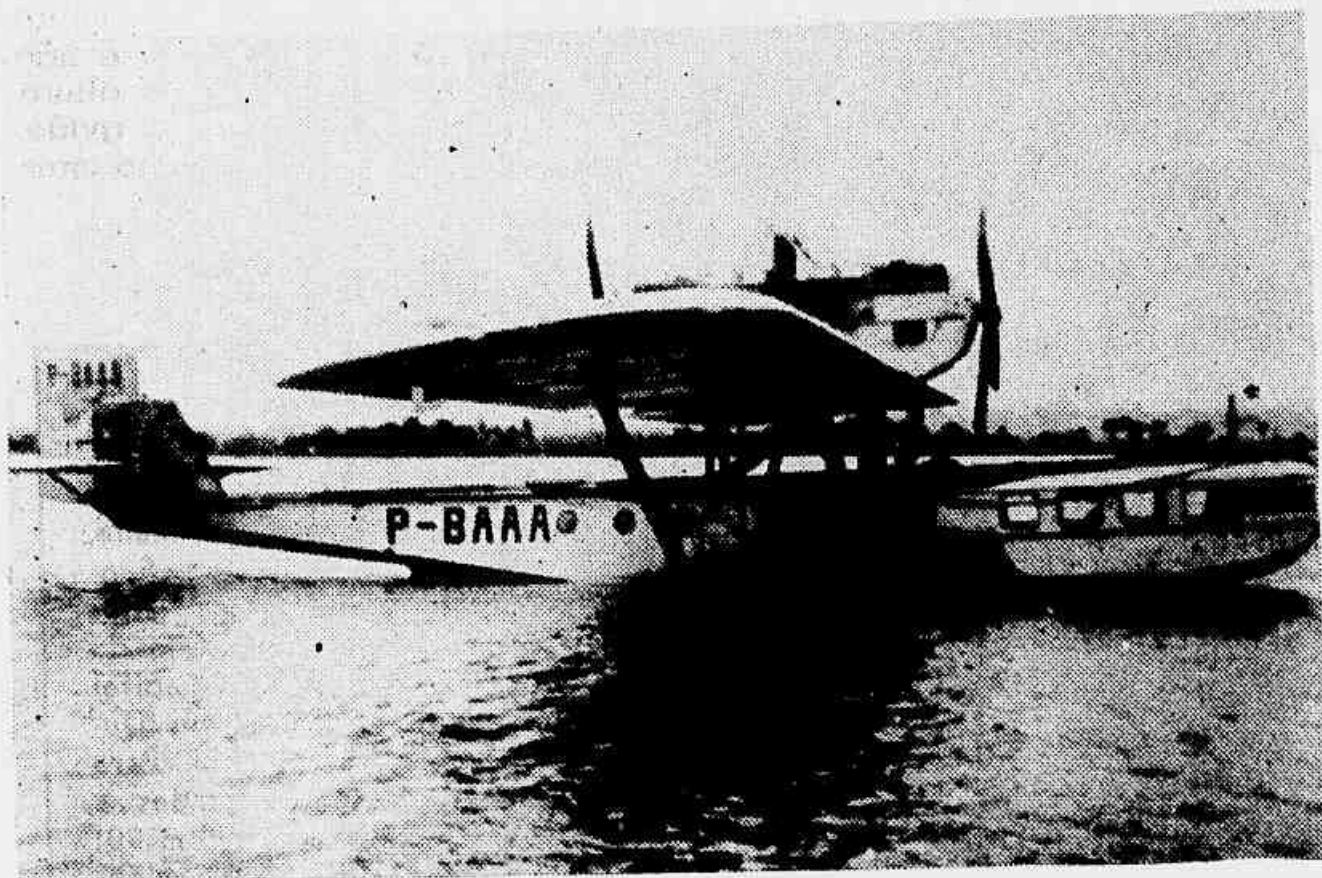
Com essas empresas o Brasil marchou a passos largos e encurtaram-se as distâncias. Hoje já é possível tomar café no Rio e jantar em Manaus, onde uma nova esperança surgiu com o aparecimento do petróleo que nalgum dia ainda virá a acionar os motores de nossos aviões.

O DO-X E O ZEPELIN

O DO-X, hidroavião de 12 motores, (Curtiss Conqueror) jamais pertenceu às nossas empresas, mas serviu para ilustrar o futuro de nossa aviação comercial. Pilotado por Cramer V. Mansbruck, pousou na enseada de Botafogo, onde ficou exposto à visitação pública. Aparelho de grandes proporções, de tal modo despertou a curiosidade popular que muita gente vinha do interior para ver o enorme «bicho».

Outra sensação daqueles tempos foi o não menos popular «Zepelin» que aqui chegou sob o comando do piloto Emilio Herrera. Nesse voo inaugural, o infante de Espanha, D. Alfonso de Orleans e Bourbons, visitou a nossa pátria, (maio de 1930) tendo também marcado a época do primeiro voo internacional de um passageiro brasileiro, que foi D. Clara Amém, que voou também (Europa e Ásia) no DO-X.

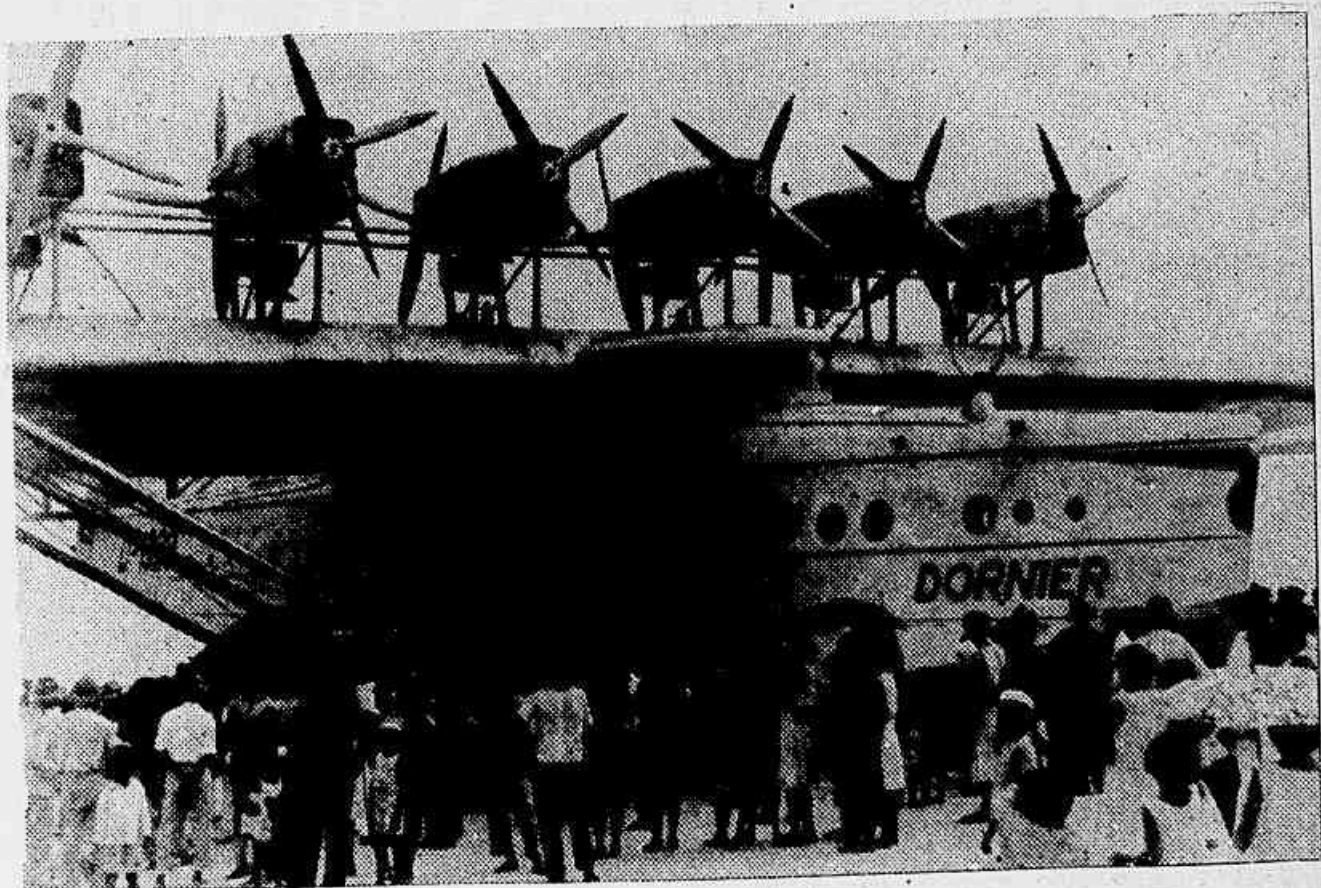
Nossa reportagem se restringe à aviação comercial como já fizemos, mas, nem sempre é possível deixar de mencionar fatos que estão estreitamente ligados à história da aviação comercial, como a viagem do «Jaú» realizada em 1926 (primeiro voo sobre o Atlântico, Gênova-Santos), proeza do piloto Ribeiro de Barros e de seu navegador Newton Braga. Além do famoso voo Gênova-Santos, é justo que se lembre a façanha de Pinto Martins, (1923) que veio dos EE. UU. ao Rio em seu pequeno aparelho, sendo festivamente recebido pelo povo.



ÉIS UMA RARA fotografia do «Atlântico», primeiro avião comercial brasileiro, pertencente a V. A. R. I. G. Seu voo inaugural realizou-se a 3 de fevereiro de 1927, entre Porto Alegre - Rio Grande, via Pelotas.

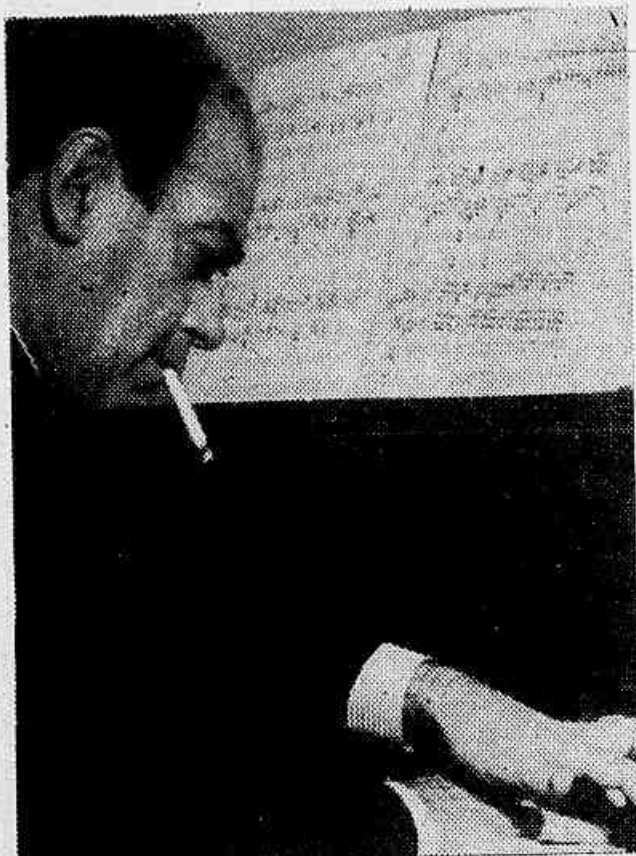


QUANDO for escrita a História da Aviação Comercial no Brasil, enorme capítulo há de ser dedicado exclusivamente às abnegadas aeromoças, de quem depende, em parte, o conforto e a segurança dos passageiros.



O FAMOSO DO-X, a sensação de 12 motores, numa foto batida na praia de Botafogo onde ficou exposto a visitação pública. Era um «monstro» que ainda hoje seria respeitado, em virtude de suas dimensões avantajadas.

EM DEFESA DE VILA-LÔBOS



★ A história é a seguinte: certo indivíduo, que se diz cessionário exclusivo da obra litero-musical de Catulo da Paixão Cearense, moveu, há tempos, no Juízo da 4ª Vara Civil, uma ação ordinária contra o maestro Heitor Villa-Lobos, na

qual acusa o maior dos nossos compositores de haver plagiado trechos da canção «Rasga o Coração», da autoria do famoso poeta popular. Em outro item o autor afirma ainda que Villa-Lobos cedeu, como sendo de sua propriedade, a uma editora francesa (Editions Max Eschig 48, Rue de Rome, Paris), depois de harmonizadas, as canções «Tu passaste por este jardim» e «Cabôca di Ca-xangá», também da lavra de Catulo. Após seguir seu curso normal o processo foi julgado pelo dr. Mário Brasil de Araújo, que, em longa sentença, decidiu pela procedência da ação, condenando o criador das «Bachianas Brasileiras» a pagar ao autor as perdas e danos apurados em execução.

Mesmo sem termos aprofundado conhecimento de causa da demanda em questão, pensamos que a falsidade da decisão foi determinada pela fraqueza da contestação. A palidez desta, repetimos, atribuímos a exclusiva responsabilidade por um julgamento defeituoso, cujas consequências poderão abalar sensivelmente o prestígio do mais internacional dos nossos valores.

★ Indiscutivelmente o advogado de Villa-Lobos caiu, por assim dizer, numa esparrela, ao concentrar toda a força defensiva do seu constituinte na precária e insubsistente alegação de ilegitimidade da parte acionadora. No mérito assevera que as músicas das aludidas canções não são da autoria de Catulo, acrescentando ainda que este nada sabia de música, e que por isso mesmo não podia ser compositor. Concordamos plenamente com esta afirmativa, mas por outro lado reconhecemos que a mesma carece, por completo, de uma base legal. Senão vejamos o que reza o parágrafo único do Art. 673 do Código Civil: «As certidões do registro induzem a propriedade da obra, salvo prova em contrário.» Ora, ninguém desconhece que Catulo da Paixão Cearense, inescrupuloso explorador da inspiração de vários compositores populares do nordeste, fazia suas e publicava todas as melodias que lhe caíam em mãos, fato suficiente para outorgar-lhe os direitos de autor mediante a consecução automática do registro. Onde, pois, encontrar provas idôneas para contradizer o que dispõe o parágrafo do citado artigo?

★ Na verdade, o único caminho possível para a efetivação de uma defesa séria, no caso, teria sido limitar a discursividade do problema ao plano da estilização, da harmonização. E todo mundo de bom senso sabe que o maestro Villa-Lobos não plagiou coisa alguma. Para nós, ele não fez mais que aurificar a tosca argila de tais melodias, valorizando-as ao máximo, graças à aplicação de seus invejáveis conhecimentos musicais. Se todos os compositores que utilizaram melodias populares pré-existent na elaboração de suas obras, incorressem em semelhante falta, que não seria de um Falla, de um Dvorak, de um Schubert, e mesmo de um Bach? Quando não fôs-

se mais possível enquadrá-los dentro do rigorismo das legislações, pelo menos teriam sofrido conseqüentes restrições dimanadas do irreverente tribunal da crítica-histórica.

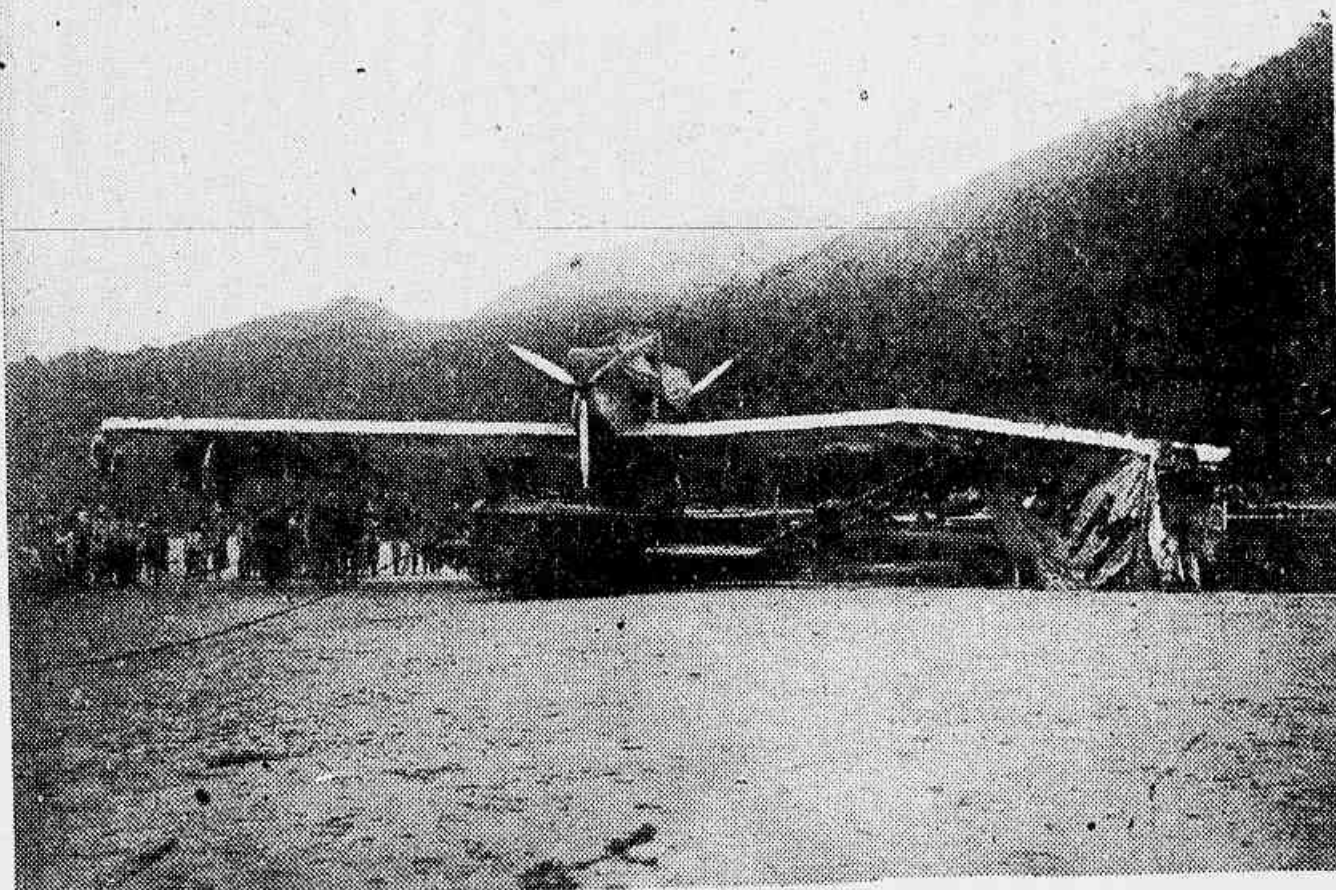
Não queremos fazer prevalecer o elevado grau de admiração que devotamos ao grande compositor pátrio. E nem discutir a validade intrínseca da sentença, cujo conteúdo (e somos forçados a reconhecer) é uma resultante lógica dos elementos apresentados pelas partes. O vício foi da defesa: vício estrutural, evidentemente integrado por excrescências jurídicas que, de maneira alguma, poderiam conduzir a demanda a um desfecho diverso do que teve.

NOTICIÁRIO

O coro misto da Associação do Canto Coral, vem obtendo os maiores sucessos em nossos meios musicais, com a apresentação de programas que incluem várias obras primas do gênero. No dia 9 deste, a Associação de Canto Coral realizou mais uma audição, na Escola Nacional de Música. Sob a regência da diretora artística, professora Cleofe Person de Matos o brilhante conjunto apresentou composições de Arcadelt, O. de Lassus, Gesualdo, J.S. Bach, Aubanel, Poulenc, Debussy, Francisco Mignone, C. Guarnieri e Brasilio Itiberê.

No Conservatório Nacional de Canto Orfeônico prosseguiram no dia 9, as audições públicas de obras de Villa-Lobos. O programa foi o seguinte: Concerto nº 5 para piano e orquestra; Papagaio do Moleque; e uma das suítes do «Descobrimento do Brasil».

A AVIAÇÃO COMERCIAL NO BRASIL



O «GUANABARA» na Praia Vermelha, onde o povo se aglomerava para vê-lo. Despertou muita curiosidade esse hidroavião «Dornier», cuja velocidade média, era, a favor do vento, de pouco mais de 170 quilômetros.

NOVEMBRO, 1955:

Para escrever o último capítulo desta reportagem, o autor muito pouco terá que dizer, porque aí estão as estatísticas que publicamos e que ilustram melhor que qualquer notícia. Somos o terceiro país do mundo em percurso de vôo, somente superados pelos Estados Unidos da América e pelo Reino Unido da Grã-Bretanha. Alegria-nos, porém, o fato de nossas companhias de aviação fazerem com vantagem concorrência a todas as organizações congêneres do mundo, nos EE. UU., na África, na Inglaterra e em todo e qualquer ponto do globo onde levam a bandeira verde e amarela.

OS PILOTOS MILITARES E A AVIAÇÃO CIVIL

Os pioneiros da aviação comercial brasileira merecem todas as homenagens, mas, a eles estão ligados os pilotos militares, muitos dos quais (40%) estão ligados às empresas civis de navegação aérea. Tão íntima é a relação entre um e outro que, embora tenha sido uma operação civil, foram militares que a realizaram. Referimo-nos à primeira viagem do Correio Aéreo Militar, entre Rio de Janeiro e São Paulo, efetuada pelo avião prefixo K 213 (Curtiss de 140 HP) em 12 de junho de 1931.

SEGURANÇA DE VÔO

● Na rota Rio-São Paulo existem 10 estações de rádio, 15 rádio-faróis e 7 estações meteorológicas, além de 7 torres de controle e 2 centros de controle. Em todo o Brasil temos 237 centros de controle para a aviação, que ocupam 2.500 homens. Todo avião que voa o território brasileiro é controlado pelas autoridades, a fim de evitar acidentes. Assim sendo, por exemplo, entre as duas maiores cidades nacionais existem as chamadas estradas aéreas que são faixas de espaço de 30 quilômetros de largura, (duas) — mão e contra-mão, não podendo um avião voar sobre a estrada alheia. Curioso que a mão, na aviação, é a esquerda, e não a direita, como acontece em terra firme. Entre Rio e São Paulo, a altura mínima permitida em vôos de cruzeiro é de 2.400 metros e cada avião, dentro de sua «estrada», tem que voar 600 metros acima do aparelho mais próximo.

MOVIMENTO DOS AEROPORTOS

★ Na cidade de Monte Alegre, no Pará, apenas duas vezes por semana, escalam os aviões comerciais da Panair do Brasil. Na cidade vizinha, Santarém, 9 aviões posam semanalmente. Monte Alegre tem 5.000 habitantes e Santarém, 18.000, o que nos leva a crer que o movimento aeroviário do Brasil é proporcional ao número de habitantes, senão, vejamos: na capital paulista, o movimento diário é de cerca de 170 aviões. No Santos Dumont, 90 aviões levantam vôo e outros tantos pousam diariamente. Para sermos mais exatos, aqui vão as estatísticas de dois dias, apanhados a granel, na D.A.C.: a 18 de setembro, decolaram 87 aviões e pousaram 90; dia 24 de outubro: decolaram 90 e 87 pousaram. Em setembro 2.408 aviões decolaram e 2.318 pousaram no Aeroporto da Ponta do Calabouço, onde apenas fazem base os aviões de linhas internas, ou sejam, os bi-motores. Os demais fazem uso do Galeão, cujo movimento é também apreciável.

PÓ DE
ARROZ

LOÇÃO

EXTRATO

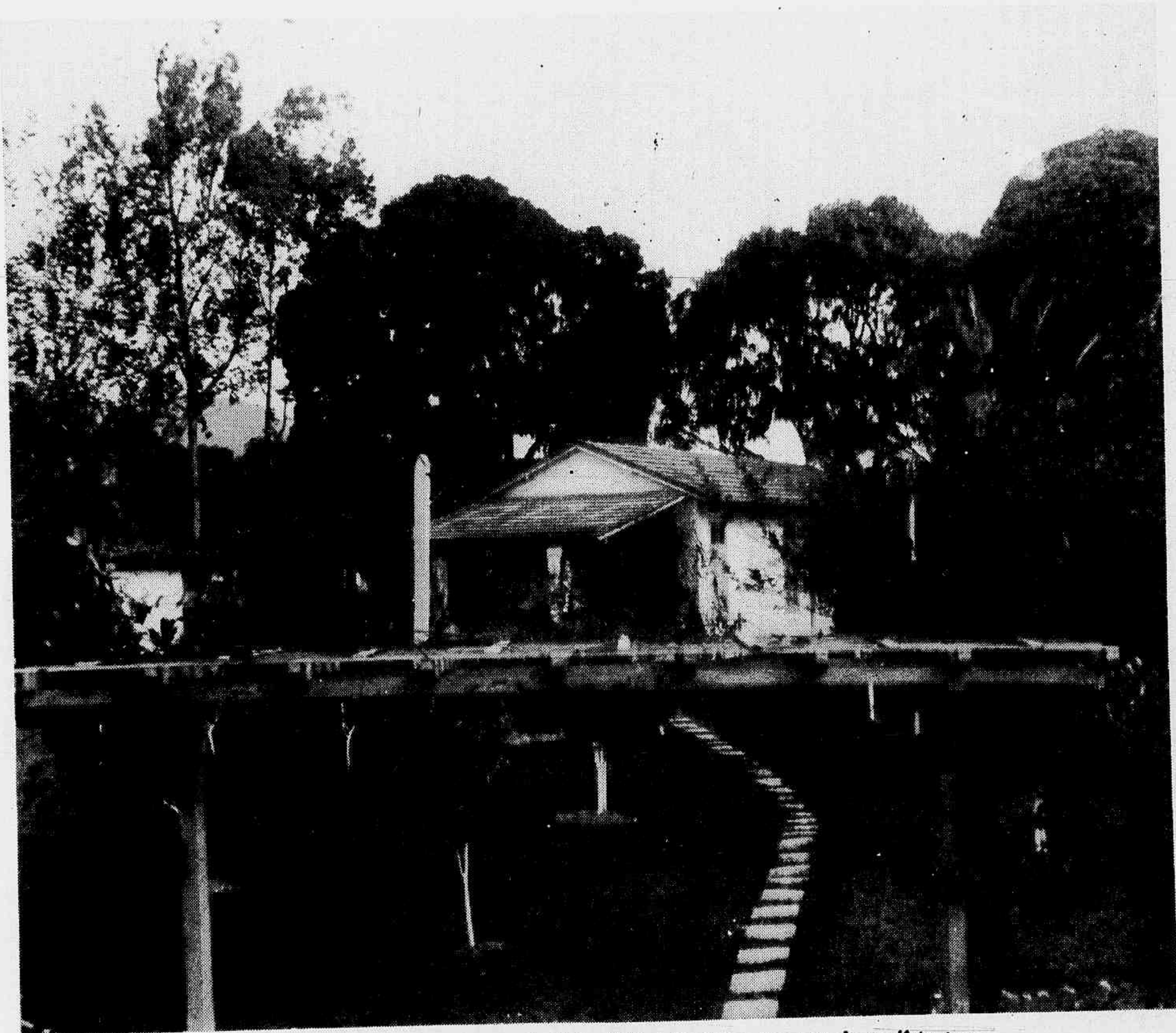


M A D E R A S
D E O R I E N T E

M Y R U R G I A



CANROBERT: UM SÍTIO



A casa em que vivia o ex-presidente do Clube Militar. Pequena, sem grande conforto, mas que era «a menina dos olhos» do gal. que pretendia, agora, comprar uma fazenda maior.

NÃO ACREDITAVA NA MORTE, MESMO NA VÉSPERA DE SEU PASSAMENTO ★ O MARECHAL DUTRA ERA UM DE SEUS MELHORES AMIGOS ★ A ÚLTIMA CARTA: "MANDE LIMPAR OS COQUEIROS" ★ "EM QUEM DEVO VOTAR, GENERAL?" — "NÃO SEI, MEU CARO, FRANCAMENTE QUE NÃO SEI..." ★ TRÊS MESES ATRÁS, OS PRIMEIROS SINTOMAS DA MOLES-TIA ★ AS CONFIDENCIAS DE UM FAZENDEIRO QUE SÓ DORMIA EM REDE ★ CARPINTEIRO NAS HORAS VAGAS, DAVA NOME A TODOS OS ANIMAIS ★ NUNCA TINHA FÓSFOROS NO BÓLSO ★ RESPOSTAS INDISCRETAS AS PERGUNTAS QUE LHE FAZIAM, PRINCIPALMENTE SOBRE JUAREZ, DO QUAL DIZIA: "É UM COLEGA" ★ VAI SER VENDIDO O SÍTIO QUE SE ACHA FECHADO ★ A MANIA DE HIGIENE: "SEJA BEM VINDO, MAS LIMPE OS PÉS ANTES DE ENTRAR, MEU AMIGO"

Reportagem de ALVARENGA JÚNIOR

O general Canrobert Pereira da Costa, recentemente falecido, era homem de poucas palavras. Só opinava sobre assuntos importantes durante solenidades ou quando, na qualidade de presidente do Clube Militar, era obrigado a manifestar seu pensamento em atenção aos que o elegeram para tão elevado posto. Seu último pronunciamento público foi feito às vésperas de embarcar para os E.E.U.U., onde foi a tratamento de saúde. Desde então não mais opinou sobre coisa alguma. Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, o general Canrobert era um homem bastante estimado pelos seus colegas de farda e sobretudo pelos humildes soldados aos quais ele dispensava grande consideração. Des-

pido de preconceitos, tinha entre seus melhores amigos um sargento do exército que passava dias inteiros em seu sítio em Jacarepaguá, localizado na Estrada do Capão, onde, em 1949, foi a «REVISTA DA SEMANA» encontrá-lo pela primeira vez, entregue aos afazeres de agricultor. Cheio de entusiasmo pelo ideal de fazendeiro, o general, nessa oportunidade, disse à Revista que pretendia fazer daquela faixa de terra o melhor sítio do mundo. Decorridos seis anos, voltaram os repórteres desta publicação ao mesmo local, agora, já sem a presença do ilustre soldado, tão prematuramente desaparecido.

No aia de descobrir fatos novos para os lei-

tores, entrevistamos quase todos os empregados do sítio São Carlos, o mesmo fazendo com o sr. José Machado, sócio e amigo do falecido. E



LHE BASTAVA

CANROBERT

conseguimos desvendar alguma coisa, descobrimos inclusive como teve início a doença que ocasionou a morte do presidente do Clube Militar, justamente quando ele se preparava para voltar as suas lides de fazendeiro.

Tudo isso contamos nesta reportagem; tudo isso, e mais: as sutilezas do espírito do homem que batizava todas as vagas do sítio, em número de 54: a Mimososa, a Barreira, a Princesa, a Jurema, a Formosa, a Guanabara...

Era assim o general Canrobert, o homem que nunca tinha fósforos, coisa que não faltava nos bolsos de seus empregados em número de 11, porque o patrão esquecia de comprar e não ficava bem ele pedir e...

Canrobert não apreciava frutas, mas plantava-as. Gostava de criar pássaros, mas em viveiros, para dar-lhes a ilusão de liberdade. O sítio produzia 400 litros de leite, diariamente, porém, 50 litros eram distribuídos entre os trabalhadores, gratuitamente.

Dormia em rede, o general, na pequena varanda de sua casa, onde, escrito em letras miúdas, se lê: «Seja bem vindo, mas limpe os pés, amigo». E mais, o fazendeiro Canrobert jamais chamava alguém pelo verdadeiro nome. Tinha o hábito de moldar as coisas ao modo que lhe parecia mais poético. Assim sendo, José Balbino dos Santos, o mais velho empregado do «São Carlos», era por ele chamado de Balduino. Com relação aos seus amigos, o sargento Antônio Duarte, agora tenente reformado, era uma das pessoas com quem o general gostava de trocar idéias.

E Canrobert morreu deixando 2 filhos: José Geraldo Pereira da Costa, que este ano será graduado engenheiro; e a sra. Ieda Pereira da Costa Machado, casada com o dr. Ailton Ma-



Os empregados mais chegados à família de Canrobert, foram demoradamente entrevistados. Na foto, eles aparecem no balanço feito pelo próprio general, para seus netos, pois Canrobert tinha aptidões as mais variadas, dentre as quais a arte de entalhe e de carpintaria.

chado, filho do seu sócio e amigo José Machado. Era o general casado com d. Enedina Pereira da Costa. Deixou 4 netos, resultantes do matrimônio de sua filha Ieda. Dos frequentadores do sítio São Carlos, o mais assíduo era o marechal Dutra, com o qual conversava sentado num banco feito por ele próprio. Outra pessoa das relações íntimas de Canrobert, era o general Eduardo Monteiro de Barros.

Atualmente é pensamento do sr. José Machado vender o sítio São Carlos, pois, confessou ao repórter: «Eu não vou viver num lugar onde estou vendo um homem com quem convivi por tanto tempo. Agora mesmo vejo-o diante de mim, com a enxada nas mãos, dizendo: «Machado, dá licença de mandar o empregado tal lá na vila comprar sal?»...

«Ele era assim, eu era o administrador, mas não fazia nada sem pedir o meu consentimento. Já fechei a casa (só nos permitiu ir à varanda onde Canrobert passava a maior parte do tempo) e mandei as chaves para a viúva. Nunca mais entrarei nessa casa nem permitirei que o façam, exceto quando estiver vendida. Foi repórter, compreendo a curiosidade de vocês, mas não posso, e mesmo já não há nada lá dentro, tudo foi para a cidade, só restando os dois chapéus do general».

Foi assim que começamos a primeira parte desta reportagem. Na companhia do sr. José Machado, um ex-repórter. Depois ouvimos quase todos os empregados do sítio que conviveram com o extinto. Destacamos no entanto os srs Kogot Roanan e José Balbino dos Santos e d. Sílvia Roanan, que juntamente com sua filha Miguelina de 9 anos de idade, boas informações nos prestaram.

O ÚLTIMO DIA DO GENERAL

No dia 30 de outubro último, ou seja, na véspera de sua morte, o general Canrobert Pereira da Costa mandou chamar o seu amigo e sócio. José Machado e lhe disse: «Machado, na próxima semana, nem que seja de padiola, voltarei



de
os.
lo
ert
as
ia.

no-
ei-
a-
es
re-
um
as
rai

na-
ao
de
por
im,
do.
no

nas
to.
da
m-
na
e o
re-
nas
tro,
ha-

arte
osé
ase
am
srs
d.
lha
ões

res-
eira
cio.
óxi-
arei

donarei o meu sítio, isto é — virei aqui regularmente como o tenho feito até agora, pois isto aqui é muito importante para mim».

O general era homem discreto. Evitava falar sobre política, mas, durante tantos anos de convivência com os empregados, com a esposa e visitantes, dizia alguma coisa como isto.

— «Ser Presidente, no Brasil, é tarefa ingrata. Muita coisa está por consertar, principalmente os homens...»

— «O Juarez é um colega. O sr. me pergunta para quem deve dar o seu voto? Não vê que apesar de futuro fazendeiro não sou coronel de latifúndios por tradição? Juarez é um colega, vote em quem achar melhor, mas saiba escolher, meu caro, porque o voto é uma questão de consciência».

— «Tenho um filho que vai ser engenheiro, eu sou general, mas, pelo visto, meus descendentes serão fazendeiros. Serão felizes».

— «A vida poderia ser bem melhor se houvesse mais compreensão, mais generosidade e boa vontade por parte dos homens».

ERA O CANDIDATO DE DUTRA

Após dois dias de exaustivas entrevistas, perguntando a um e a outro empregado, usando os mais variados ardis, fomos caminhando para bom termo, fazendo perguntas assim: mas, se o sr. estava podando este coqueiro, no dia em que o marechal Dutra estava sentado naquele banco em conversa com o general, poderia tê-lo ouvido falar de candidaturas, etc.

Finalmente veio uma resposta: — «Uma vez ouvi o marechal dizer que era o jeito, que ele tinha de aceitar, o que eu não ouvi bem, mas parece que era aceitar ser candidato. Ai, o general disse que não, que era cedo e que outros não pensavam da mesma maneira do marechal Dutra. — Seja como for — afirmou o ex-Presi-

dente da República, o sr. é e será meu candidato até o fim. Não aceitarei outro».

O sr. José Machado, embora ex-profissional da imprensa, é um sujeito duro de falar. Em cada 5 perguntas que lhe eram feitas, respondia a apenas uma. Contudo, justificando-se, disse ainda ao repórter:

— «Eu não posso estar falando, agora que o general morreu, sobre suas idéias e além disso não sei se a viúva está de acordo, até, com esta reportagem que estou permitindo ser feita. Acho mesmo que decorrido tão pouco tempo, falar sobre tão doloroso assunto, é difícil. Ele era um sujeito humano e muito discreto. Aqui na fazenda detestava falar de assuntos que não fossem da fazenda, como chamava ao nosso sítio. O que me dói é saber que na véspera ele me fazia tantas recomendações. Mas posso dizer ainda que não é verdade que ele previa a morte, e que em seu último discurso deixasse transparecer tal fato. O general tinha certeza de que ia ficar bom. Não admitia a morte e tanto é verdade que disse: «Eu vou voltar para o sítio logo mais e já tenho aqui as plantas dos banheiros dos porcos, o que evitará a propagação da febre aftosa. Fiz essa planta no hospital americano onde me achava, vá tratando do assunto, meu amigo».

— Mas o sr. não pode dizer por que o general não queria ser Presidente?

— «Por várias razões e mesmo porque a sua mania era criar gado, porcos e galinhas. Também não pretendia deixar o Exército porque achava de seu dever esperar a idade para a reforma compulsória, pois um soldado não pode fugir dos seus compromissos. Além do mais, os postos que ocupava lhe permitiam dividir o tempo entre os ditos cargos e o «São Carlos».

— Onde estão as tão faladas galinhas que o general criava?

(Cont. na página 46)

Aspecto parcial da granja São Carlos, pelo qual se vê os dois estábulos em primeiro plano, e, ao fundo, uma das casas de empregados que é bem maior que a residência que Canrobert usava para sua moradia. À esquerda, um dos poços com a caixa, que fornece água à granja.

para o sítio. Acho que já melhorei bastante. Precisamos combater a aftosa que já nos matou mais de 100 porcos. Além disso, aquela nossa idéia de comprar uma fazenda, continua de pé e necessitamos conversar sobre isso. Outra coisa, Machado: Aquêles carneiros, você desculpe estar recomendando, mas acontece que eu os estou esperando há muito tempo. Vieram do Ceará. Também quero resolver o caso do Kogot (empregado que ia ser despedido), e a propósito, a «meia noite» já deu cria?...»

Mal sabia o general que no dia seguinte, justamente quando estivesse exalando o último suspiro, «meia-noite», uma vaca de estimação, estaria dando ao sítio o bezerro esperado, produto do cruzamento com «Sultão», um zebu campeão que lhe fora dado de presente.

Como vêem os leitores, o general Canrobert Pereira da Costa não esperava a morte. Tinha planos, tantos planos, e tanto é verdade que mesmo dos EE.UU., após conferenciar com os seus médicos, escreveu ao sócio dizendo entre outras coisas, o seguinte: «Gostaria que você mandasse podar e limpar os coqueiros. Acha que irei diretamente para o sítio».

Tudo isso nos foi contado pelo ex-repórter José Machado, que nos adiantou ainda alguns detalhes de quando o general sentiu os primeiros sintomas da doença: «Nós estávamos conversando aqui neste balanço (fabricado pelo general) quando ele deu um leve gemido e disse-me: «Não sei o que há comigo. Ando sentindo umas cólicas esquisitas, (e colocou as mãos no ventre) umas dores... Talvez tenha comido algo que não devia. Também sinto enjões».

Dias mais tarde, torturado pelas dores, o general Canrobert foi para o Hospital Central do Exército, tinha câncer, no pâncreas, fígado, etc.

NÃO QUERIA SER PRESIDENTE

«Não quero ser Presidente da República» — dizia constantemente o general Canrobert, quando era assediado por amigos. «Quero ser fazendeiro, e se chegar a Presidente, não aban-



«A última carta de Canrobert, escrita dos EE.UU., recomendava ao sr. Machado que apareça na foto: «Não esqueça de limpar os coqueiros».



Eis o que restou dos 120 porcos que existiam na fazenda. Mais de 100 suínos, dentre os quais alguns de raça, morreram de febre aftosa.



A única égua que a febre aftosa não matou. A «Campolina», égua de montaria do extinto, foi vendida pouco antes da viagem para os EE.UU.



«Meia-Noite», uma vaca de raça que era a preocupação do gal. Deu à luz no dia e hora em que Canrobert perdeu a vida tão prematuramente.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ HUMORISMO

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

ARTES

JOSÉ ROBERTO

ERASMO PINTOR

«Será necessário tratar aqui daqueles que se dedicam às Belas Artes? O orgulho lhes é tão natural, que não existe, talvez, um só que não prefira ceder todo o seu pequenino patrimônio, antes que sua reputação de homem genial.» (do ELOGIO DA LOUCURA.)

★ Muito pouca gente há de saber que o autor do «Elogio da Loucura», Erasmo de Rotterdam, que aliás privou da intimidade de alguns grandes artistas de sua época, tendo sido retratado, por exemplo, inúmeras vezes pelo pincel de um Holbein ou de um Metsijs, foi ele próprio pintor, tendo produzido pelo menos uma obra, infelizmente desaparecida ou destruída, durante a mocidade.

Foi o historiador Van Bleyswijck quem, em obra editada no ano de 1667, afirmou ter o humanista por muito tempo se dedicado à pintura, «para distração e refrigério», existindo inclusive, no mosteiro de Steyn, em Delft, uma «Crucifixão» a ele atribuída. Tal «Crucifixão» sempre foi objeto dos maiores cuidados, de parte dos religiosos de Steyn, e somente seu superior, Cornelius Musius, foi julgado digno de possuí-lo em sua cela. Musius aliás chegou a dedicar à obra um dístico latino:

Hæc Desiderius (ne spernas) pinxit Erasmus
Olim in Steinaeo quando latebat agro.

★ Ainda em fins do século XVIII a tela existia (afirma Georges Marlier (1), em mãos de Cornelius Van Amstel, possuidor de fabulosa coleção. Em sua «Historie van wereld», de 1787, Martinet a descreve, atribuindo-lhe, porém, maior valor histórico que artístico. Em 1800, afinal quando da dispersão da coleção Van Amstel, a «Crucifixão», adquirida não se sabe por quem, desapareceu de circulação. No catálogo de venda, aparecia sob o número 54: «o Cristo, na cruz, com a Virgem e São João a seu lado». Não é impossível a autoria de Erasmo. E o próprio escritor, em carta dirigida a um amigo, certa ocasião, afirmava ter ornado de iluminuras um livro, tencionando dê-lo fazer presente ao destinatário. No mosteiro de Steyn, e por todos os demais por onde passou, a fama de Erasmo

como copista e miniaturista não era nada desprezível. Terá tido contudo o autor dos «Adágios» uma educação profissional que o habilitasse a palmilhar, com êxito e sem hesitações os difíceis caminhos da arte? Certamente que não. Não há nenhum documento que permita concluir pela afirmativa. E todos sabem como eram rigorosas as admissões às comunidades de pintores medievais. De qualquer modo, há um verso latino, erasmiano, que já deu o que falar aos estudiosos:

Pingere dum meditor tenues sine
[corpore formas...

isto é,

Enquanto me entregava a pintar
[formas tênues e sem corpo...

★ Como entender, na frase, esse verbo pintar? Em sua acepção normal, ou no sentido figurado, significando somente, em se tratando de um poeta, o delineamento de caracteres, a composição de imagens poéticas? Parece-nos ser essa segunda hipótese a mais afortunada. De qualquer maneira, é por demais audaciosa a atribuição a Erasmo de um grande tríptico, existente nos Estados Unidos, que representava igualmente uma «Crucifixão» no painel central, e, nas asas laterais, a «Cruz às Costas» e a «Deposição no Túmulo». Maurice Brockwell o fez, primeiro em artigo publicado na «Art in America» de dezembro de 1917, e depois em volume especial, que se conserva inédito, ao que parece. Determinou tal atribuição unicamente o fato de estar aposta à tela uma assinatura enigmática, ERASMUS P/, que Brockwell imediatamente traduziu por ERASMUS PINXIT... O nome de Erasmo era porém bastante contraditório em fins da Idade Média e princípios da Renascença, e o simples fato de se conhecer o humanista por Erasmo DE ROTTERDAM devia ter significado a Brockwell a existência de outros Erasmos. Foi pois uma verdadeira temeridade a identificação apressada do autor da tela com o pensador holandês. E talvez por ter reconhecido posteriormente a fragilidade do seu argumento, a já citada obra especial sobre o tríptico continua, ainda hoje esquecida numa gaveta. Em realidade, a tela (que leva a data de 1501) é de autoria de um artista acabado, pôsto que sem grande relêvo, nada possuindo de amadoresco. Limitemos, portanto, as atividades pictóricas de Erasmo à «Crucifixão» de Steyn (se de fato existiu, e se se pode atribuí-la ao pincel de Erasmo — o que talvez jamais se possa averiguar), e aos poucos manuscritos por ele copiados e ilustrados com miniaturas mais ou menos bem sucedidas.

(1) Georges Marlier — «Erasme et la Peinture Flamande de son temps». Damme, 1954, página 63.

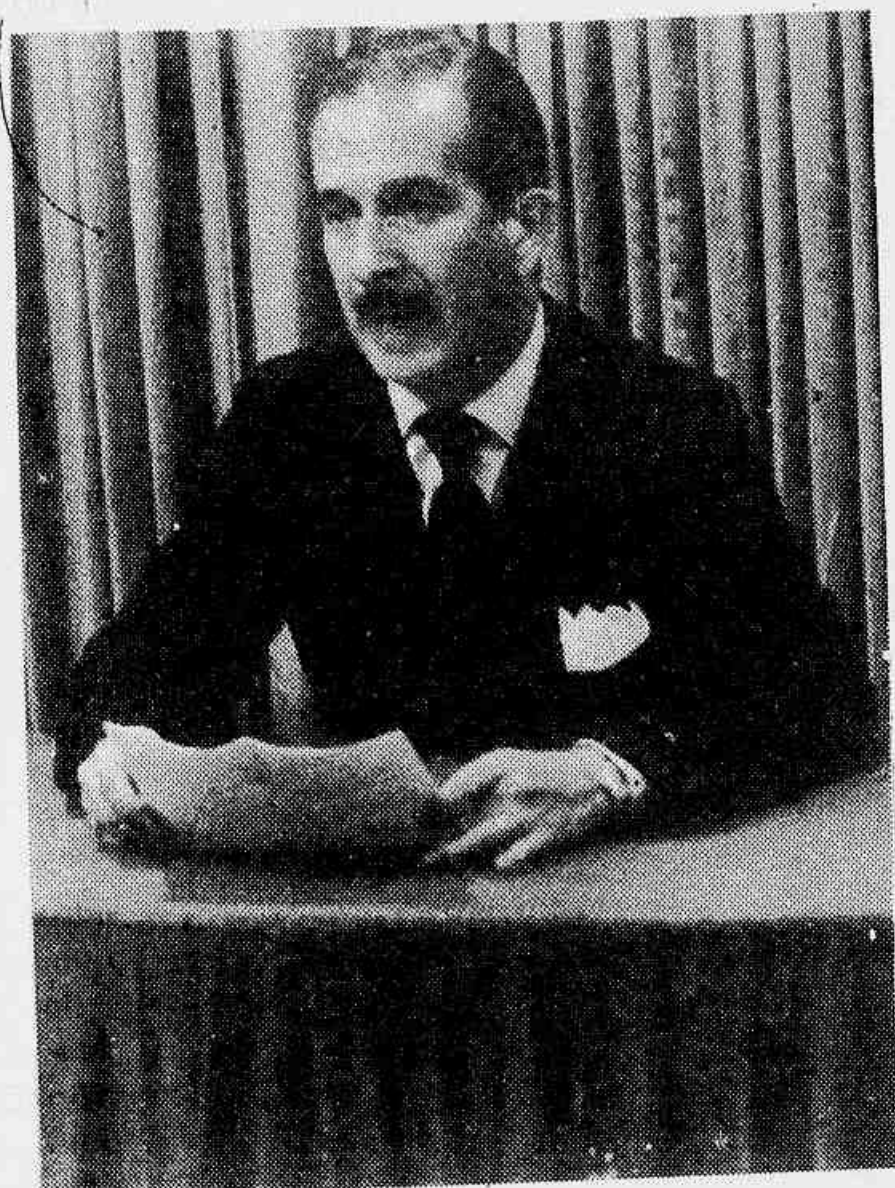
PROGRAMAS INFANTIS

★ Numa cidade como o Rio em que as crianças têm tão poucos divertimentos, a televisão pode constituir para elas um ótimo passatempo; no entanto é necessário que os programas sejam orientados também no sentido de instruí-las. A idéia de apresentar programas nos quais os pendoros artísticos infantis, isto é, a dança, canto, execução de instrumentos, são incentivados, é interessante e tem sido muito difundida pelas nossas estações de TV. A Tupi, há alguns anos apresentava pelo rádio o «Clube do Guri» que depois passou a ser televisionado e «Gente Importante» é um programa semelhante, criado pela TV-Rio; tanto num como noutro as meninas e meninos comparecem para cantar, dançar, etc. Pena que na maioria das vezes os pequenos artistas procurem imitar algum astro ou estrela do momento, executando números de dança ou interpretando canções completamente em desacôrdo com as suas idades, fazendo-o de modo bastante afetado. Deve haver uma orientação nesses «shows» infantis, como aliás já acontece com o «Clube do Guri» que, por intermédio das crianças, procura homenagear vultos da nossa História ou comemorar festas e acontecimentos de destaque.

★ Histórias de fadas e mesmo a teatralização de pequenos contos são

exibidos com frequência e a garotada tem em «Teatrinho Peteleco», «Histórias de Tia Lúcia», alguns programas de sua predileção.

Madeleine Rosay que anima o «Teatrinho Peteleco», teatro de «marionettes» com a inovação de que os bonecos conversam com a artista e com os pequenos e meninas que no fim do programa sobem ao palco, idealizou também «Nossos Filhos» onde, por meio de perguntas curiosas feitas aos participantes do programa, procura saber a sua opinião sobre diversos temas de interesse. Esse é um dos programas feito com o maior cuidado e que permite, analisando-se as respostas dadas, tirar uma conclusão sobre o que pensam os nossos jovens dos mais variados assuntos. Os circos armados nos estúdios de TV constituem um ótimo divertimento para a gurizada e a Tupi dedica a sua programação dos domingos pela manhã, inteiramente a ela, exibindo desde aulas de ginástica feitas de maneira racional, até pequenas demonstrações de iniciação musical. Todos esses esforços feitos no sentido de distrair, incentivar os valores artísticos e educar as nossas crianças precisam ser louvados mas nunca devem eles afastar-se das finalidades a que se destinam, procurando cada vez mais ampliar o âmbito dessas realizações trazendo novidades e idéias sempre interessantes.



Oduvaldo Cozzi, o chefe da equipe esportiva da TV-Tupi, em uma das apresentações da sua «Tarde Esportiva».

VAMOS MELHORAR

★ As apresentações de Virgínia Lane, às quintas-feiras, têm decaído de interesse. Os produtores do programa lançam mão de todos os recursos para despertar a atenção do público; em uma das últimas exibições Virgínia apareceu cantando, montada em um elefante e depois, cercada de coristas, em traje de banho, dançando na piscina, mas, nem assim o programa conseguiu o agrado que despertava antes.

★ Geralmente o tempo vago entre a apresentação de um programa e outro é preenchido com filmes variados; isso é feito com a intenção de não cansar aos espectadores que ficariam saturados com a sucessão de 10 ou 15 minutos de anúncios, consecutivos. Na maioria das vezes no entanto o recurso não consegue alcançar o seu objetivo. Os filmes apresentados são ve-

lhíssimos e já foram exibidos várias vezes; além do mais, constantemente são interrompidos, talvez devido a algum defeito no aparelho de projeção. Será essa a maneira agradável de distrair os espectadores entre a apresentação de um programa e outro?

GRAU DEZ

... Para «Teatro do Rio» que apresenta sempre peças de relêvo de autores nacionais e estrangeiros e onde se destacam as interpretações de Nicette Bruno.

... Para Aloísio Chaves que perdeu aquele modo austero, embora impecável, com que apresentava «Segunda Pergunta», passando a conversar sem maiores formalidades com os candidatos que concorrem aos prêmios; com isso deixa os concorrentes mais à vontade e consegue que o programa se torne mais agradável.

... Para «Tarde Esportiva», em uma de suas apresentações, quando Cozzi levou aos estúdios várias concorrentes aos Jogos da Primavera. Os telespectadores durante alguns minutos deliciaram-se apreciando o garbo das atletas, a beleza da rainha e das princesas e as interessantes evoluções das balizas. Parabéns portanto a Cozzi que, saindo do assunto predominante do seu programa, o futebol, exibiu aos espectadores, mesmo aos que não torcem por esse ou aquele clube, um espetáculo deveras curioso. Pena é que Oduvaldo ainda não se tenha libertado da maneira rebuscada de falar o que em parte prejudica as suas apresentações na TV, desagradando mesmo a muitos dos telespectadores.

... Para Waldir Calmon que nas audições dos sábados, continua agradando plenamente. Os espectadores lamentam apenas que a apresentação do conjunto se faça em tempo tão curto; com a propaganda do patrocinador, sendo o programa de somente 15 minutos, Waldir tem apenas oportunidade de tocar três números.

... Para Helena Sangirardi que em «Cartazes Luminosos» continua entrevistando de maneira



Amália Rodrigues, que registrou enorme sucesso cantando na TV, soube conquistar através dessas exibições, grande número de admiradores

interessante personalidades de destaque de todos os setores e já agora consegue tirar o máximo de proveito do tempo de duração do programa, evitando o que antes acontecia, isto é, que o programa fôsse encerrado precipitadamente, quando a conversa ia mais animada.

... Para Chico Wright com o seu programa de culinária e os pratos apetitosos que prepara ante os tevendo. Chico tem bastante desembaraço e fala muito bem, conseguindo que as donas de casa permaneçam junto aos aparelhos de televisão, com o lápis e o papel em punho, prontas para anotar as suas deliciosas receitas.

... Para Neide Aparecida, sem dúvida uma das mais simpáticas anunciantes das nossas emissoras de TV. Deve ser louvado o esforço dessa moça que sempre sorrindo e com um modo todo especial, apresenta aos espectadores a propaganda dos mais variados produtos e agrada sempre.



UM POUCO DE BELEZA

DESENHE SEUS LÁBIOS

★ O segredo de lábios bonitos e sugestivos não está apenas na qualidade do baton, nem na sua cor ultra-moderna, ainda que isto ajude muito. A maneira correta de passar o baton nos lábios é que tornará a sua boca mais bonita.

Vamos explicar em poucas linhas como se deve DESENHAR os lábios com o baton.

Antes de mais nada, é preciso que você limpe perfeitamente os lábios de todo baton antigo. Qualquer resíduo deve ser eliminado, porque prejudicará o efeito que você quer conseguir.

Depois, abra os lábios limpos e secos, ponha uma camada de pó. Retire o excesso. Passe o baton um pouco dentro da linha natural dos lábios. Com um pincel apropriado, passe mais um pouquinho, delineando o contorno da boca. Apóie o dedo no queixo para ter a mão mais firme.

Primeiro desenhe o lábio superior e depois o inferior, sempre partindo do centro para as extremidades.

Se tem a boca muito delgada, encha um pouco mais para fora da linha natural. Se é curta prolongue a linha para os lados, nos cantos.

A fim de dar melhor acabamento aos cantos, pinte-os com a boca muito aberta, com o pincel.

Se tem os lábios curvados para baixo, o que lhe dá uma expressão pouco agradável, faça uma outra linha para cima, abandonando a primeira.

Depois de pintados os lábios espere que o baton seque por uns minutos. Com papel absorvente retire o excesso.

Pode usar mais uma leve camada de pó se não tiver tempo para esperar que o baton seque.

★ CURIOSIDADE... INDISCRICÃO...

Dizem ser a curiosidade um defeito feminino, e que as mulheres a levem até a... indiscrição. Se você quer viver em paz com seus semelhantes e com seu próximo (sendo o mais próximo seu marido) evite querer desvendar os segredos que não lhe pertencem...

★ NÃO MEXA NO QUE NÃO É SEU

Não mexa nas gavetas onde seu marido guarda seus pertences particulares, não abra suas cartas, não se mostre por demais curiosa em saber os nomes das pessoas que lhe telefonam. Tudo isso acabará por lhe despertar suspeitas

geralmente infundadas e... terminará com a harmonia do casal.

Se vive com seus pais e irmãos use da mesma discrição em relação a eles. Não é correto nem mesmo revistar a bagagem da nova empregada sem que ela o saiba. Se acha bom fazê-lo, peça-lhe licença. Dará melhor resultado.

Ao receber a visita de uma amiga, não remexa suas coisas à procura de uma carteira de identidade que denuncie sua verdadeira idade... porque desvendar o seu segredo?

★ NÃO PROCURE ESCUTAR...

As paredes dos modernos apartamentos são muito finas e deixam passar a voz dos vizinhos que discutem... É uma ótima ocasião de você se pôr a par do que se passa em casa alheia. Se alguém entrasse e batesse uma fotografia sua escutando na parede, você ficaria para sempre curada desse defeito.

★ ABUSO DE CONFIANÇA

Sua amiga, num momento de desespero e desamparo, confia em você... Depois dos primeiros desabaços você tem curiosidade em saber mais alguma coisa e... adeus discrição! As perguntas e insinuações se sucedem e a vítima se entrega confiantemente, contando-lhe coisas de que depois se arrependerá amargamente!

★ DA CABEÇA AOS PÉS...

Que mania de olhar os outros da cabeça aos pés, analisando o corte do vestido, a qualidade do tecido, os acessórios!... Não se admire se sua vítima atravessar a rua para o outro lado fingindo não havê-la visto, para escapar a mais um exame!

Também não examine as casas onde entre pela primeira vez como se estivesse fazendo um inventário! Não procure adivinhar o valor de um tapete ou a antiguidade de um móvel. Melhor será, se alguma coisa lhe chama atenção particular pela sua originalidade ou raridade, dirigir-se à anfitriã. Ela ficará encantada em saber que você admira o que ela possui e você não será chamada de indiscreta!

Notinhas úteis

PARA PROTEGER AS UNHAS —

Se você gosta de cuidar das plantas de seu jardim ou terraço, provavelmente vive com as unhas encardidas da terra. Será fácil evitar que isso aconteça. Antes de mexer na terra dos canteiros ou dos vasos, unte com massa de sabão a ponta dos dedos e por debaixo das unhas. Terminado o seu trabalho basta lavar as mãos e esfregar as unhas com uma escovinha, que sairá com facilidade a terra que ficou agarrada.

QUANDO FIZER BÓLO, experimente colocar na geladeira por quinze minutos todos os ingredientes e também a tijela e colher de bater a massa. Depois desse tempo, bata o bolo com tu-



SUGESTÃO PARA O LAR

★ Quem vive num apartamento pequenino, tipo quarto e sala, sabe quanto é precioso um bom armário, bastante grande e bem dividido, para conter tudo aquilo que não deve ficar exposto. A sugestão de hoje, vem, pois, ao encontro do desejo de milhares de leitores da Revista nestas condições.

O móvel é, na verdade, uma associação de cinco peças: uma cômoda grande, central, encimada por um espelho; um armáriozinho lateral, com portas venezianas, tendo em cima prateleiras para livros (estas formando

um armário aberto); e uma comodazinha do outro lado, no mesmo estilo da central. Essas peças podem ser dispostas de maneira diferente, se fôr necessário e poderão ser usadas separadamente.

Para que servem as gavetinhas superiores? estarão por certo imaginando. Além de sua finalidade ornamental, servem para guardar: linhas de coser, ferramentas; uma pequena farmácia; talheres; guardanapos; cartas de jogar; papel e cartões para correspondência; lenços; meias, etc.

do bem frio. Terá a surpresa de ver que o trabalho será executado com mais facilidade e rapidez e a massa resultará mais leve e homogênea.

PARA QUE OS INTERRUPTORES FIQUEM VISÍVEIS à noite, pinte-os com uma camada de tinta fluorescente. Será fácil encontrá-los no escuro, e, o que é mais importante, achando logo o botão de acender a luz evita-se que a mão fique procurando pela parede, encardindo-a.

AS MEIAS DE NYLON DURARÃO MAIS, se antes de usá-las pela primeira vez você submetê-las ao seguinte tratamento: ponha-as numa tigela com água, cubra com cubos de gelo e espalhe por cima uma camada de sal. Depois de 4 horas nessa água fria e salgada, enxague-as e torça-as. As fibras ficarão muito mais resistentes.

WEEK-END NA COZINHA

O arroz de todos os dias pode ser apresentado de maneira diferente, e... sofisticada! Basta enformá-lo, virar num prato de servir, e cobrir com legumes ao molho branco, como na ilustração.

1 — Prepare 4 xícaras de arroz cozido não, porém, muito mole. Ponha-o numa fôrma untada, apertando bem. Coloque a fôrma em banho-maria, cubra com uma tampa (ou com papel encerado), e deixe aí estar enquanto prepara os legumes. 2 — Separe: 100 gramas de presunto desfiado; 1 colher das de sopa de salsa picadinha; 1/2 xícara de cenouras cozidas; 1/2 xícara de palmitos cozidos; 1/2 xícara de «petits-pois» relogados em manteiga. 3 — Faça um molho branco, com: uma colher das de sopa de farinha de trigo; uma colher das de sopa de manteiga; e um copo de leite. Não deixe engrossar muito e, antes de retirar do fogo, junte o presunto e os legumes acima indicados, misturando bem. 4 — Desenforme o arroz. Espalhe por cima o molho branco com legumes. Enfeite com meios ovos cozidos.

Sirva bem quente.





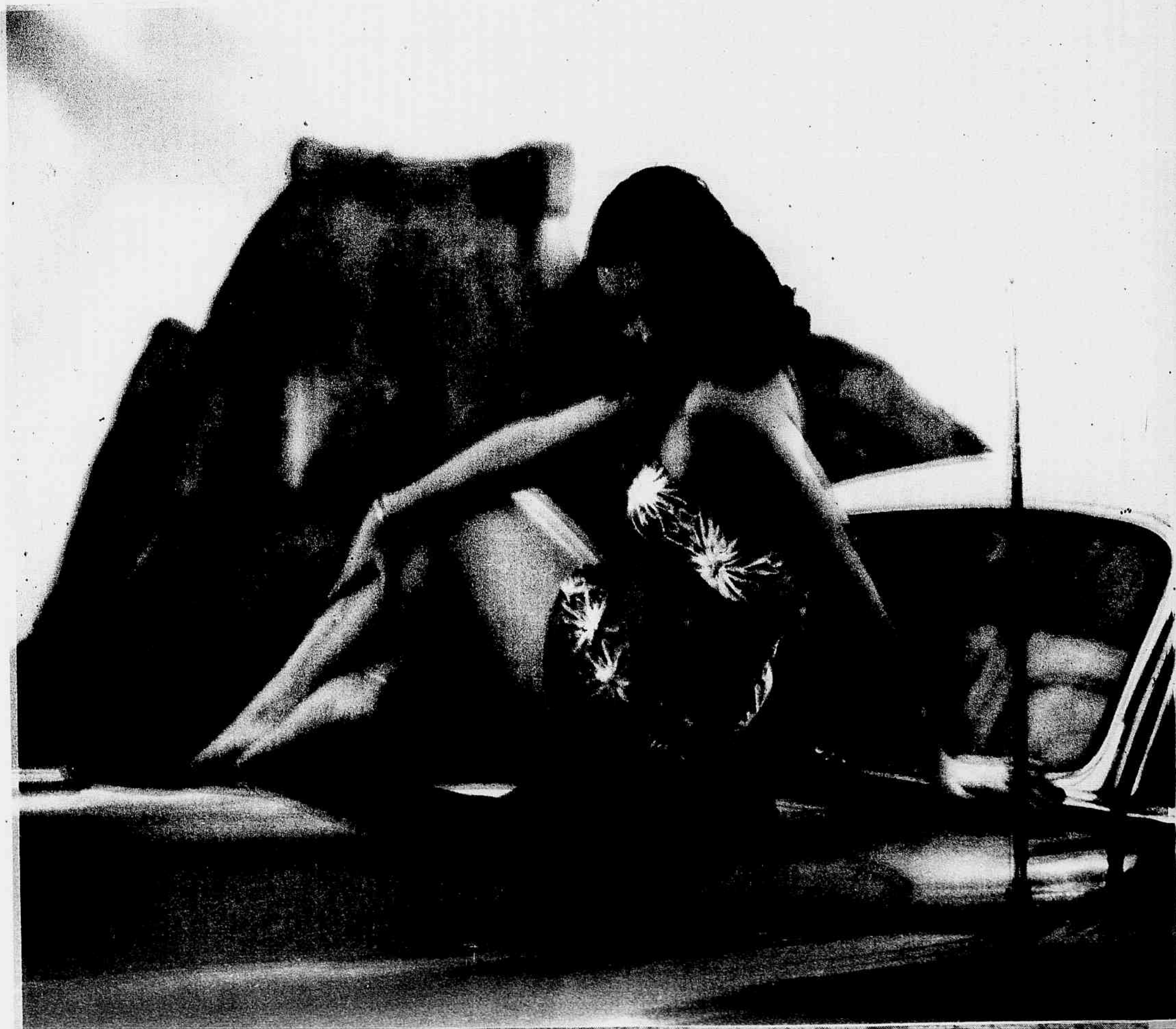
NOÉLIA NOEL VAI AO JAPÃO

Os sismógrafos já registraram as proximidades do novo terremoto...

NOÉLIA NOEL (que se chama em verdade Noélia Cozzi, nasceu na Argentina e está há dois anos entre nós) é uma das mais destacadas "vedettes" que atuam nas "boites" e teatros do Rio. Tem vinte e dois anos, 1,55 metros de altura, é morena e dotada de uma plástica verdadeiramente impressionante. Quando, há poucos meses, uma equipe de técnicos e de artistas japoneses esteve no Brasil, rodando o filme "A Noiva do Rio", do qual grande parte se desenrola em nossa capital, Noélia Noel foi escolhida para figurar no elenco. Agora ela se prepara para embarcar para o Japão, onde se exhibirá em algumas "boites" de Tóquio, terminando, ao mesmo tempo, as filmagens de "A Noiva do Rio", nos capítulos desenrolados em território nipônico. Boa viagem, Noélia! (Fotos de VAN ERVEN)



A PLÁSTICA E A SIMPATIA DE NOÉLIA NOEL SERÃO SEU MELHOR PASSAPORTE NO JAPÃO.



AO DESTINO NINGUÉM



Novela de LYSA CASTRO

Desenho de JERONYMO RIBEIRO

ENQUANTO guiava pela estrada ligeiramente tortuosa e quase deserta àquela hora, ruminava raivosos pensamentos. O jornal amarrado ao meu lado, e que eu abandonara com desprezo, era portador da notícia que tanto me revoltava: **CONDENADO O DR. PAULO MENEZES**. ... dizia a manchete encimando uma soberba fotografia do médico. Acompanhei de perto a vida do grande clínico, desde os seus primeiros dias no Rio de Janeiro, e jamais alguém me faria crer que ele fosse capaz de um ato de violência e, muito especialmente, um assassinio. Tão absorto estava em meus ressentimentos, que só no último instante percebi a figura que se destacava na estrada, acenando-me com um lenço branco. Pisei nos freios e o carro parou com um ranger de pneus.

— Dê-me condução... por favor.

— Para onde vai, meu amigo?

— Nosso destino é o mesmo: o Méier.

Não dei atenção àquela observação e abri a porta; o homem sentou-se ao meu lado, abrindo o jornal displicentemente. Ouvi o seu riso abafado, sussurrante:

— Então é esta a causa do seu nervosismo...

— Que?!

Automaticamente reduzi a velocidade do carro e olhei, intrigado para o meu companheiro

ocasional. Afinal, minha aparência era absolutamente normal. Todavia, sem mostrar surpresa por sua perspicácia, indaguei com voz encorajada:

— Está vendo a eficiência da nossa polícia? É evidente que o dr. Menezes não é o assassino de Célia Carvalho. Dou o pescoço à força se não for o próprio industrial, Júlio Carvalho quem a matou.

— O senhor tem toda a razão. Júlio é o assassino assegurou com voz firme.

— Gosto de ouvi-lo reconhecer isso. Devia aparecer alguém para testemunhar a favor de Paulo. É incrível como neste país se condena uma pessoa apenas com provas circunstanciais, sem testemunhas e sem uma confissão formal.

— Até certo ponto o senhor tem razão, e vou lhe contar duas histórias que explicarão esse «até certo ponto».

Confesso que estava intrigado com as palavras do meu interlocutor. Examinei-o disfarçadamente, encontrando apenas um homem magro, de faces um tanto encovadas, nariz adunco e uma testa tão ampla que quase lhe chegava à nuca, graças à pronunciada calvície. Rindo novamente, notei que sua boca mais parecia um golpe acima do queixo, tal a absoluta ausência de lábios. Embora conhecesse Paulo de sobra, ou pensasse conhecê-lo, desde que

este chegara ao Rio, estava curioso por ouvir as histórias prometidas pelo desconcertante homem.

O carro, agora, apenas desliza pela estrada macadamizada. Uma chuva miúdinha começara a cair com a noite que se acercava. Os faróis varriam a rodovia, mostrando-me os trechos intransitáveis que eu evitava cuidadosamente. A voz do meu companheiro chegou-me aos ouvidos como um murmurio longínquo, mas perfeitamente audível:

— O senhor diz conhecer a vida do dr. Paulo Menezes desde sua chegada a esta cidade. Saiba, talvez, que seu consultório, de início bem modesto, foi crescendo progressivamente, com sua clientela que aumentava dia a dia. Verdadeira legião, em sua maioria feminina, passava pela sala do médico. Ninguém possuía, como ele, aquele tato especial de tratar com os outros. Era um perfeito cavalheiro, um fidalgo para com as mulheres, que, por isso mesmo, viviam suspirando de amores.

— Mas ele sempre as respeitou — atalhei rapidamente.

— Não o nego. Paulo jamais confessou a qualquer mulher que a amava, mas... também jamais as desiludiu. Era um cavalheiro, enfim. Recordemos o seu consultório: ampla sala de espera, guarneçada com móveis confortáveis, onde várias pessoas entravam apenas para descansar. Uma porta ligava esta sala à outra, onde as consulentes eram atendidas. Ali se encontravam mesas de exame, estantes contendo material para pequenas intervenções cirúrgicas, uma sólida secretária de mogno trabalhado, com tampo de vidro, e todas as miudezas que vêm completar um consultório de luxo. Recordemos ainda as lindas mulheres que formavam a maior parte de sua clientela. Mulheres de todas as idades e condições sociais. Mulheres que muitas vezes o procuravam apenas para vê-lo, para elevar o espírito na contemplação do belo homem que as curava dos seus achaques. Mulheres vaidosas ou inteligentes, sem distinção de mentalidade, procuravam-n'o com o mesmo objetivo. Menezes apenas se deixava admirar, passivamente, como se fôsse uma estátua de carne. Havia as exaltadas, que, muitas vezes se lhe atiravam nos braços, entre soluços ou suspiros. Nessas ocasiões, o médico as segurava pelos ombros, afastando-as delicadamente, enquanto murmurava sábios conselhos.

— Imaginei muitas vezes que ele não era homem deste mundo, tal o seu desprendimento diante dos prazeres da vida.

— Realmente, esta era a impressão deixada por sua indiferença, mas o homem era normal como qualquer outro, apenas bastante precavido, separando inteiramente sua vida biológica de seus deveres profissionais.

— Não conheço os detalhes que precederam seu conhecimento com Célia Carvalho.

— Apenas uma cliente antiga, deu seu endereço e o recomendou a Célia, quando a moça externara preocupações sobre sua saúde. Carvalho, o esposo de Célia, é um homem animalizado interiormente, e que, embuçado na pele de civilizado, vai conseguindo enganar a todos que o cercam. Ninguém o acreditaria capaz de uma vilania, de uma violência ou simples transgressão às leis sociais. Para todos, ele é o marido perfeito, um cavalheiro digno de todos os elogios. Somente Célia conhecia-lhe o verdadeiro instinto selvagem. Carvalho ministrava-lhe castigos humilhantes e injustos, o que acabara por alterar-lhe o funcionamento do coração. Um exame minucioso revelara ao médico o distúrbio cardíaco de que vinha padecendo a jovem, a quem recomendou absoluto repouso, e ainda

A BURLA

alguns medicamentos. Três vezes por semana, Célia o procurava, não para uma consulta, mas para simples palestra, declarando que suas palavras agiam como verdadeiro tônico para o seu coração. Nos dias em que o marido se deixava dominar pelo instinto perverso, encontrava sempre um meio de chegar até ao facultativo, com quem desabafava a revolta e a mágoa. Não se passou muito tempo sem que Júlio descobrisse a preferência da esposa pelo dr. Menezes, e certa vez que ela estava fora da cidade, em visita à família, procurou ele próprio o médico: — «Dr. Paulo Menezes? Eu lhe queria falar sobre minha esposa, Célia Carvalho. Ela me tem dito ser o senhor um médico excelente».

— «Foi bom o senhor me procurar, — disse Menezes com voz grave, procurando dar às palavras a maior importância. — Sua senhora está gravemente enferma. Há uma lesão cardíaca, que poderá transformar-se em colapso de um momento para outro. Se o senhor tem, realmente, algum interesse em que sua esposa viva por mais alguns anos, deve cercá-la de todo o cuidado. Nada de rugas, entendeu?»

— «Francamente, meu amigo, — respondeu Carvalho, com um sorriso estudado — dir-se-ia que sou responsável pela enfermidade de minha mulher, tal a agressividade de sua voz. Digo-lhe que nada no mundo tem para mim maior importância do que a saúde de Célia. Rogo-lhe, mesmo, que não poupe nenhum esforço no sentido de curá-la».

Carvalho retirou-se, deixando no médico a firme convicção de que um dos dois esposos estava mentindo, sem dúvida alguma era aquele homem que acabava de sair.

★

Nesta altura da história intervém com uma observação:

— Conheço por alto os fatos que acaba de descrever, ignorando os detalhes. Não compreendo como pôde o senhor conhecê-los, se nunca o vi em companhia de Menezes.

— Se eu lhe dissesse, o senhor não acreditaria. Mas vamos adiante, porque ainda não cheguei ao ponto culminante desta história, aquele que vem confirmar que ninguém burla o destino, e mesmo quando a justiça dos homens parece falhar, as leis de Deus entram em ação. Fôra um dia de grande movimento no consultório do dr. Paulo Menezes. Finalmente o último cliente se havia retirado e o médico, sentado diante de sua secretária, fazia anotações no diário de serviço, quando a porta foi empurrada e Célia entrou numa onda de perfumes caros, e atirou-se sobre uma poltrona, sem dizer palavra. Sua respiração entrecortada denunciava plenamente seu estado de espírito e de nervos. Paulo apanhou um copo com água, deu-lhe algumas gotas de bálsamo, entregando-o em seguida à jovem senhora. Célia sorveu todo o líquido, entregando o copo. Recostou-se na poltrona, cerrou os olhos e suspirou profundamente. Quando os abriu, seu olhar encontrou o de Menezes que a fitava apreensivo.

— «Desculpe-me, doutor... não devia perturbá-lo assim».

— «Conte-me tudo quanto a aflige — pediu ele, quase ternamente».

— «É uma vergonha... — disse, escondendo o rosto entre as mãos. — Júlio é um monstro e já não poderei suportá-lo por mais tempo».

— «Calma, senhora. Não se deixe esmagar pelos sofrimentos. Recja...»

— «Reagir... Não posso mais. As injustiças daquele homem perverso são qualquer coisa de demoníaco. Acusou-me clinicamente de... de

não respeitar o interesse apenas profissional que deve haver entre nós. Caluniou-nos».

— «É lamentável, realmente». — Célia ergueu-se, atirando-se nos braços do médico. Este segurou-a pelos ombros, como o fizera tantas vezes com inúmeras clientes e recomendou novamente:

— «Acalme-se, minha amiga. Acalme-se para que possamos sair».

Minutos depois desciam pelo elevador. O acensorista piscou, malicioso, para o esculápio, que nem o percebeu, tal a sua preocupação. Várias pessoas viram-nos juntos no edifício. Na portaria, o porteiro o deteve por alguns minutos, falando de seu reumatismo, pedindo a indicação de um remédio. Finalmente os dois saíram em direção ao carro. Menezes perdeu alguns minutos em retirar o carro da vaga, seguindo depois, pelo caminho habitual. Célia pediu-lhe que o deixasse em uma praça pública perto de sua casa. A viagem foi feita quase em silêncio. Cada qual estava imerso nos próprios pensamentos, não percebendo o carro que os seguia numa distância discreta. A uma ordem da jovem, o médico parou e ela desceu com um agradecimento. Menezes seguiu sem mais preocupações, enquanto que Célia, não havia ainda dado vinte passos quando do outro carro saiu um braço empunhando um revólver munido de silenciador. A bala apenas sibilou no ar, vencendo rapidamente a distância que a separava da cabeça da mulher, onde se foi alojar violentamente. A vítima caiu para a frente, sem tempo para um gemido. O carro que conduzia o assassino voltou ao edifício onde ficava o consultório de Menezes, pois o homem pretendia recolocar o revólver em certa gaveta de onde o retirara momentos antes.

No dia seguinte, o médico chegara ao seu local de trabalho sem de nada desconfiar, pôsto que, nem os jornais havia lido. Dez minutos depois, ali dava entrada o inspetor do corpo de homicídio, acompanhado por dois policiais.

— «Dr. Paulo Menezes?»

— «As suas ordens. Mas não entendo...»

— «Não tenha pressa. Onde estava o senhor, ontem, entre nove e nove e trinta?»

— «Nove e nove e trinta... repetiu ele pensativo — estava guardando o carro na garage. Por que?»

— «Quando e onde o senhor deixou a senhora Célia Carvalho?»

— «Célia?» — repetiu como um eco.

— «Vejo que ficou perturbado... mas conte-me como a matou».

— «Morta!? Não é possível! Ontem saímos juntos daqui e eu a deixei onde me pediu, próximo à sua casa...»

— «E quando se afastava, o senhor puxou do revólver e acertou-lhe o crânio».

— «Por Deus! Não! — gritou Menezes, agora angustiado. — Meu revólver há muito que não deixa esta gaveta». — Enquanto falava retirou um Colt 38, munido de silenciador, que entregou ao inspetor.

— «O calibre é o mesmo. Vejamos o tambor... Uma bala deflagrada...»

— «Não é possível...»

— «... Aposto que o projétil que falta é o mesmo que foi encontrado preso entre ossos fraturados na parte interior do frontal, depois de ter perfurado o parietal esquerdo e atravessado a massa encefálica». — Depois de uma pausa, encarou o clínico e completou: — «Diante das circunstâncias cumpre-me dizer-lhe... o senhor está preso em nome da lei».

Menezes piscou várias vezes antes de compreender toda a gravidade da situação. Era um tremendo absurdo, uma injustiça inominável.

— «Juro que não a matei... — balbuciou nervosamente — Faz muito tempo que não ponho a mão neste revólver. Não pode ser a arma do crime... e depois, que motivo teria?»

— «O motivo é fácil ser encontrado depois. Célia Carvalho era uma linda mulher, e absolutamente honesta... segundo informações colhidas e confirmadas pelo próprio marido da vítima. O senhor é um homem atraente e... solteiro...»

— «Absurdo. Ridículo. Minhas clientes não me interessavam fora da profissão».

— «Terá tempo de provar sua inocência. Agora acompanhe-me à delegacia. Vamos proceder ao reconhecimento da arma. Reze para que, embora do mesmo calibre, não seja o seu revólver o instrumento do crime, o que muito duvido, por-

que há ainda vestígios de pólvora, o que indica uso recente. Vamos, dr. Menezes. Avise aos seus clientes para que não o procurem por algum tempo».

Foram poucas as pessoas que viram o médico deixar o seu reinado, com a cabeça baixa, curvado ao peso da tremenda injustiça. O julgamento é de conhecimento geral. Ficou provado que o revólver pertencia ao médico e só suas impressões foram nele encontradas. Ninguém assistira ao roubo da arma, nem a imediata devolução. Carvalho estava livre de qualquer suspeita, apresentando um álibi perfeito. Ninguém sabia do modo como tratava a esposa, desde que esta era discretíssima quanto a isso. Só o médico conhecia a verdade.

— Está vendo como a justiça dos homens é falha? — Interrompi cheio de calor. — O senhor que conhece tão bem toda a história, porque não foi depor em favor de Paulo?

— Simplesmente porque, afinal, se faria justiça.

— Não estou compreendendo...

— Já vai compreender. Ouça os fatos posteriores à vinda do médico para o Rio, e compreenderá que o Destino é o maior cobrador de dívidas que existe: Já se vai muito tempo sobre o que lhe vou contar e os presentes acontecimentos.

(Continua na página 40)



O SEGRÊDO É OUTRO E ESTÁ AO SEU ALCANCE



Não adianta vender tudo mais barato. O caminho para vender mais e, portanto, para obter mais lucro é anunciar mais — e anunciar num veículo cujos leitores tenham, de fato, poder aquisitivo. O MUNDO PORTUGUÊS é o jornal indicado para promoção de vendas — 80% dos seus leitores são compradores em potencial de todos os produtos anunciados pela imprensa.

Está ao seu alcance o segredo para ganhar mais, para obter mais lucro:

ANUNCIE EM

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Publicidade: AVENIDA RIO BRANCO, 277 - 1.203 - Tel. 32-0499



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

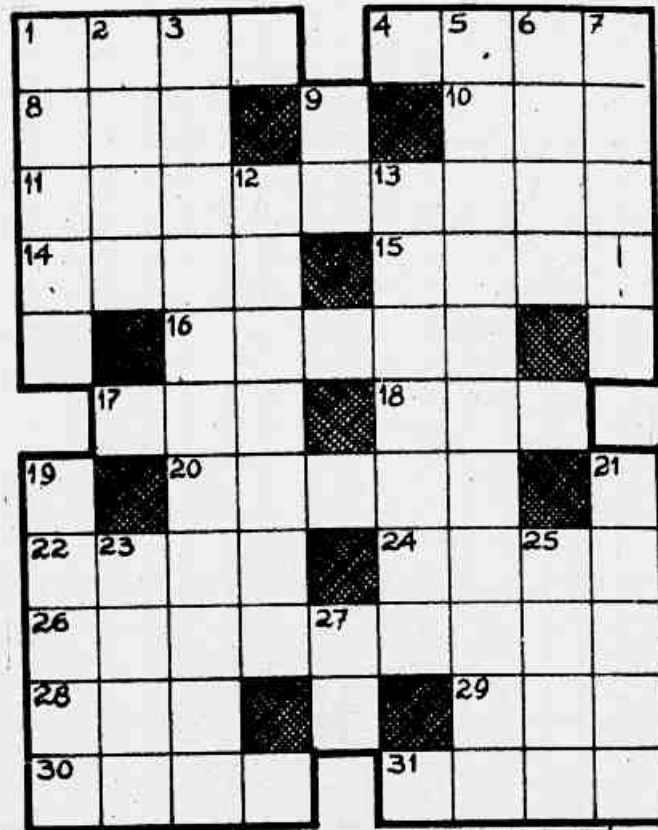
Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 95

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Trigueiro-claro — 4. Riscar — 8. Cidade do Peru — 10. Pequena moeda sueca — 11. Magote de gente (pl.) — 14. Arraial — 15. Jogo de rapazes, por meio de castanhas — 16. Pressão que se faz sobre uma hérnia para reduzi-la (pl.) — 17. Árvore que cresce nas margens do Níger e produz castanhas — 18. Gênero de insetos coleópteros — 20. Sorte no jogo — 22. O latir do cão — 24. Nome próprio feminino — 26. Acertamos — 28. Fiz alguma coisa — 29. A parte podre da madeira — 30. Exaltar — 31. Ligeireza.

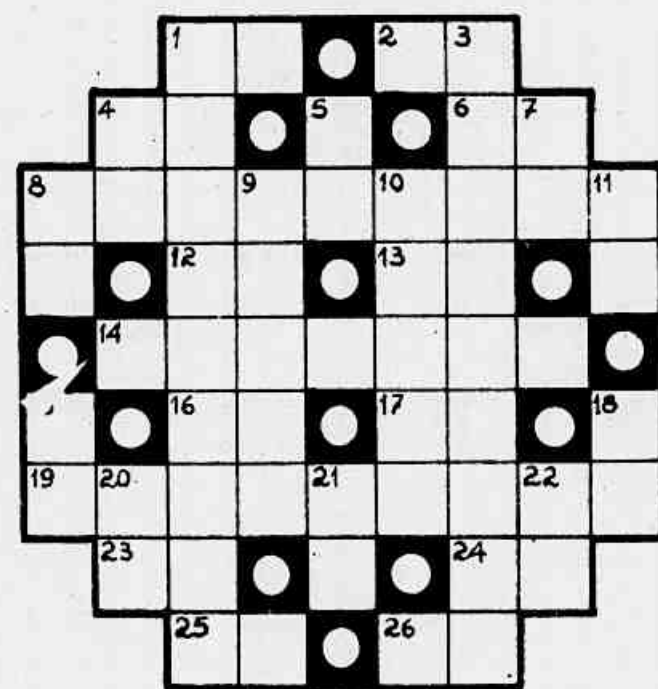
VERTICAIS: — 1. Magricela — 2. Pequeno pássaro também chamado japi — 3. Teoria da morte — 5. Que tem sementes rosadas (pl.) — 6. Indígena da tribo que habitava os sertões entre o Araguaia e o Xingu — 7. Planícies — 9. Interjeição de admiração — 12. Tornou-se inteligível — 13. Afeição — 19. Habitações pobres de indígenas na Índia Portuguesa — 21. Aventuras amorosas — 23. Embotado — 25. Peixe da família dos Gadídeos — 27. Entre eles.



PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Instrumento agrícola — 2. Rio da Sibéria — 4. Seguir — 6. Sufixo designativo de autor — 8. Falsificar, alterar — 12. Estudar — 13. Perversa — 14. Número de dez mil — 16. Nota musical — 17. Tecido finíssimo — 19. Altivez, soberba — 23. Em partes iguais — 24. Símbolo do érbio — 25. Isolado — 26. Do verbo ser.

VERTICAIS: — 1. Naturais de São Paulo — 3. Habitantes — 4. Substrato instintivo da psique — 5. Donaire, elegância — 7. Batráquio — 8. Brisa — 9. Estudaria — 10. Arruma em mala — 11. Escarnece — 15. Aqui — 18. Ama-sêca — 20. Ali — 21. Laçada apertada — 22. Andar.



* * *

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 94

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: sisa — onus — agir — risá — buta — acua — apimentar — Lao — ala — foral — suo — Otr — ambliopia — maia — Pins — arar — iatá — siso — osas.

VERTICAIS: sabal — agupá — sitiofobias — Aram — Oran — nictalopias — usual — Saara — errai — samas — umari — tinta — rasas — laró — ópio.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Papa — sara — or — rio — it — Maria — era — cal — intimar — ira — til — miara — os — ara — lá — seis — soar.

VERTICAIS: pote — ar — ara — soi — ri — atol — irritar — manam — acata — rir — Ari — imos — luar — ias — ras — Sé — la.



ALMANAQUE EU SEI TUDO

para

1956

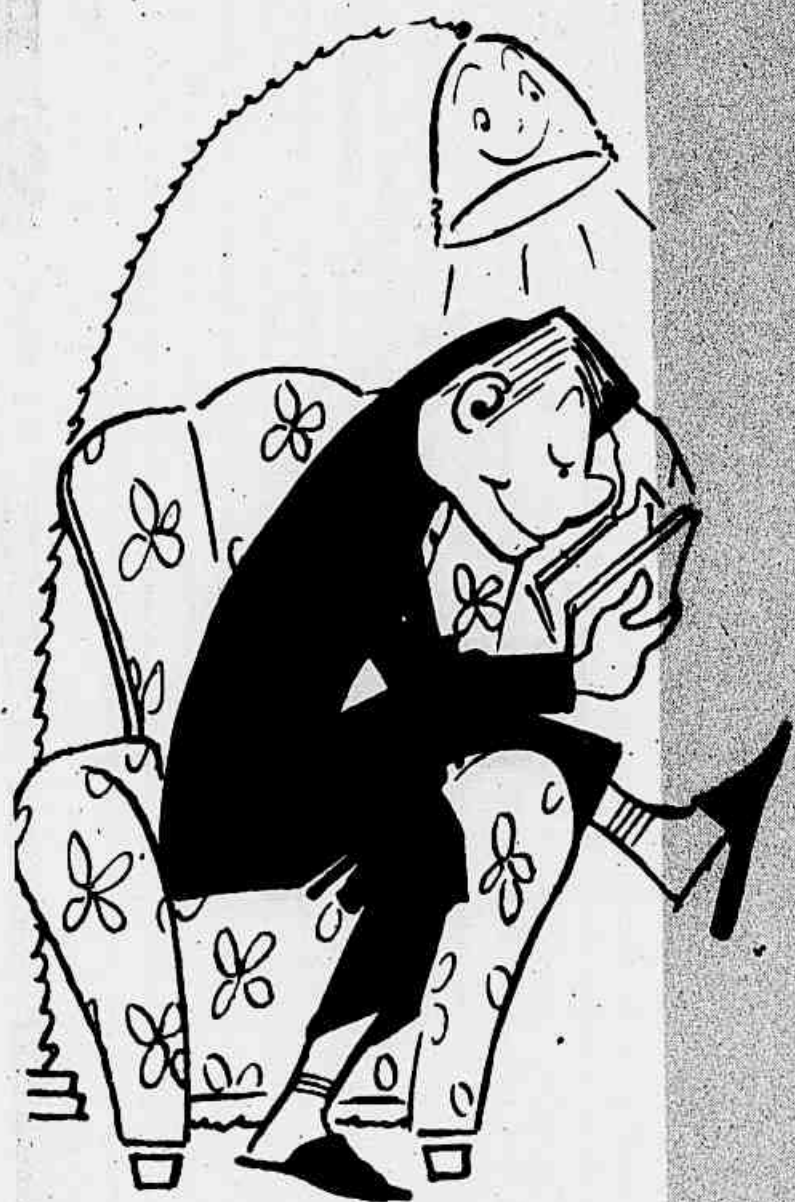
O LIVRO MAIS ESPERADO DO ANO... PORQUE TEM TUDO
QUE PODE INTERESSAR A TODOS, SEM DISTINÇÃO DE
SEXO, IDADE E PROFISSÃO!

CALENDARIO PERPÉTUO ★ CALENDARIO PERPÉTUO
DAS FESTAS MÓVEIS ★ CALENDARIO CATÓLICO ★
CALENDARIO PROTESTANTE ★ CALENDARIO CIVIL
★ CALENDARIO CRISTÃO ★ O ANO AERONAUTICO
★ O ANO ESPORTIVO ★ O ANO CINEMATOGRAFICO
★ O ANO ARTÍSTICO ★ O ANO AUTOMOBILISTICO
★ O ANO CIENTÍFICO ★ O ANO EX-LIBRÍSTICO ★ O
ANO HOROSCÓPICO ★ O ANO AGRÍCOLA ★ FASES
DA LUA, ENTRADA NOS SIGNOS, ECLIPSES DOS
ANOS, CONCORDÂNCIAS COM AS DEMAIS ERAS

A MAIS COMPLETA HISTÓRIA SOBRE O AVANÇO
DO HOMEM SOBRE A SUPERFÍCIE TERRESTRE.
"O FIM DO DESCONHECIDO"

RICAMENTE ILUSTRADA COM QUADROS CÉLEBRES.
MAPAS E CARTAS MARÍTIMAS DE TODOS OS TEMPOS.

1 ROMANCE COMPLETO — 1 COMÉDIA PARA REPRESENTAR
Contos — Narrativas Históricas — Testes, Adivinhações
UMA INFINITA VARIEDADE DE ASSUNTOS PARA DISTRAIR



Propriedade da CIA. EDITORA
AMERICANA — Rua Visconde
de Maranguape, 15 — RIO



ADQUIRA QUANTO ANTES O SEU EXEMPLAR!

REVISTA DA SEMANA —



A 12 DO MÊS PASSADO, em Atlantic City, foi eleita a nova Miss América, para o ano de 1956. Trata-se de Miss Sharon Ritchie, que representou o Colorado. Tem 18 anos, 1,65 m, 53 quilos, cabelos louros e olhos azuis. O tórax mede 88 centímetros, a cintura 55 e os quadris, também 88. Sharon ganhou prêmios no valor de mais de 3 milhões de cruzeiros.

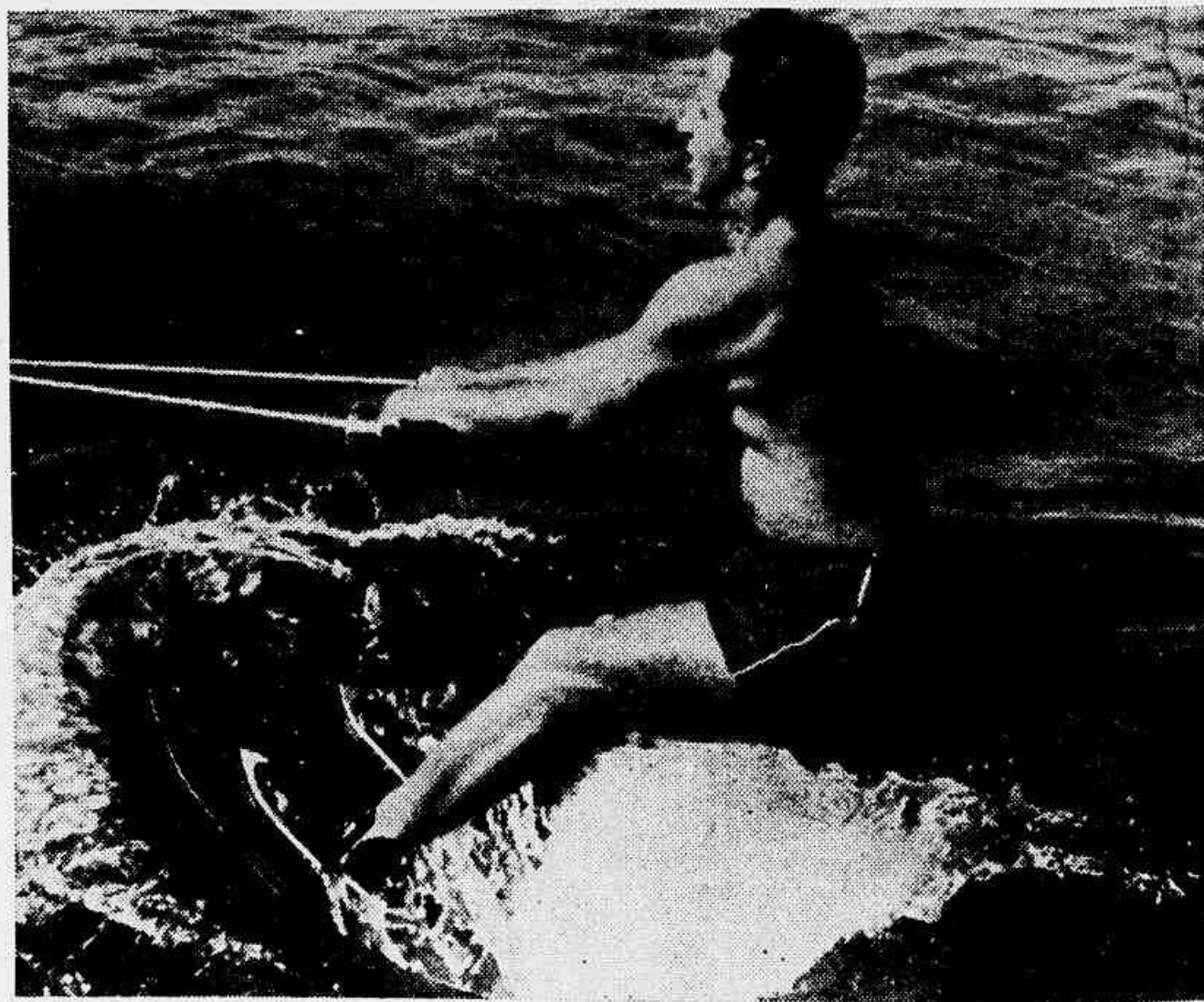


LADY GODIVA, que há quase um milênio desfilou nua pelas ruas de Londres, sobre um cavalo branco, para evitar o aumento de impostos que seu marido tencionava levar a efeito, brevemente aparecerá nas telas cinematográficas, interpretada por Maureen O'Hara — que usará, diga-se de passagem, uma vestimenta cômica de carne nas situações mais realistas...

POR ESSE MUNDO DE DEUS



O MAIS CÉLEBRE AQUÁRIO do mundo é o de Flórida, situado na cidade de Miami. Nêle são encontrados centenas de espécimes marinhos, dos mais triviais aos mais requintados habitantes do oceano. Um médico veterinário é incumbido pela direção de velar pela saúde, nem sempre boa, dos hóspedes. Ei-lo em ação, praticando uma intervenção em um golfinho.



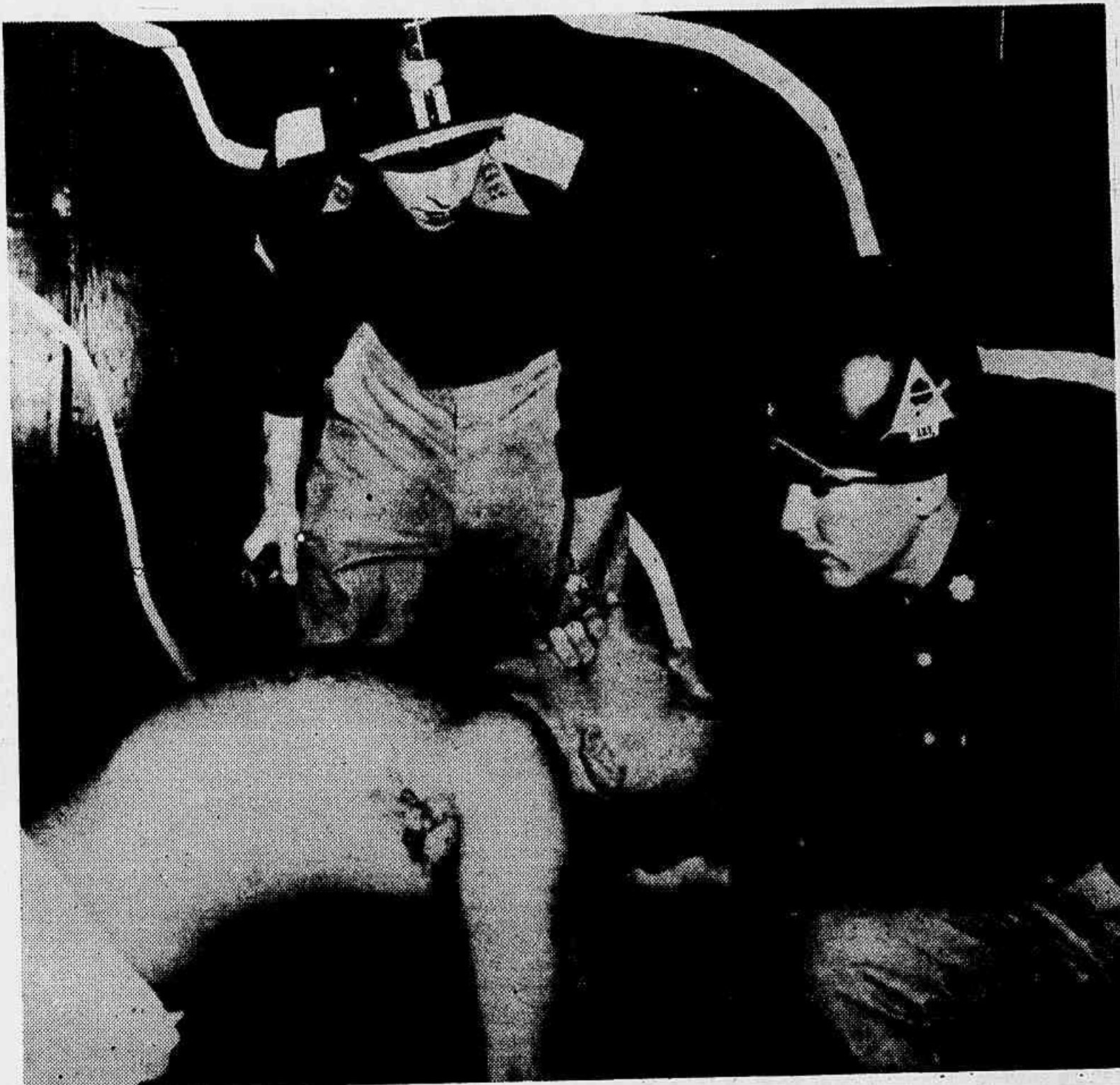
O REI FAISSAL, que até há pouco era o mais ardoroso praticante do «ski» aquático, adotou ultimamente êsse disco marinho, um aperfeiçoamento ao que parece ainda desconhecido por essas bandas de cá. Na opinião do próprio soberano do Iraque, o disco tem inúmeras vantagens sobre o «ski», permitindo inclusive curvas muito mais estáveis e maior velocidade.



ESTHER WILLIAMS aparecerá em um filme às voltas com elefantes: «Jupiter Darling», que acaba de ser estreado nos Estados Unidos. Eis os três principais intérpretes da película, quando da «avant-première» realizada em Hollywood. E francamente, não sabemos quem trabalhe melhor.

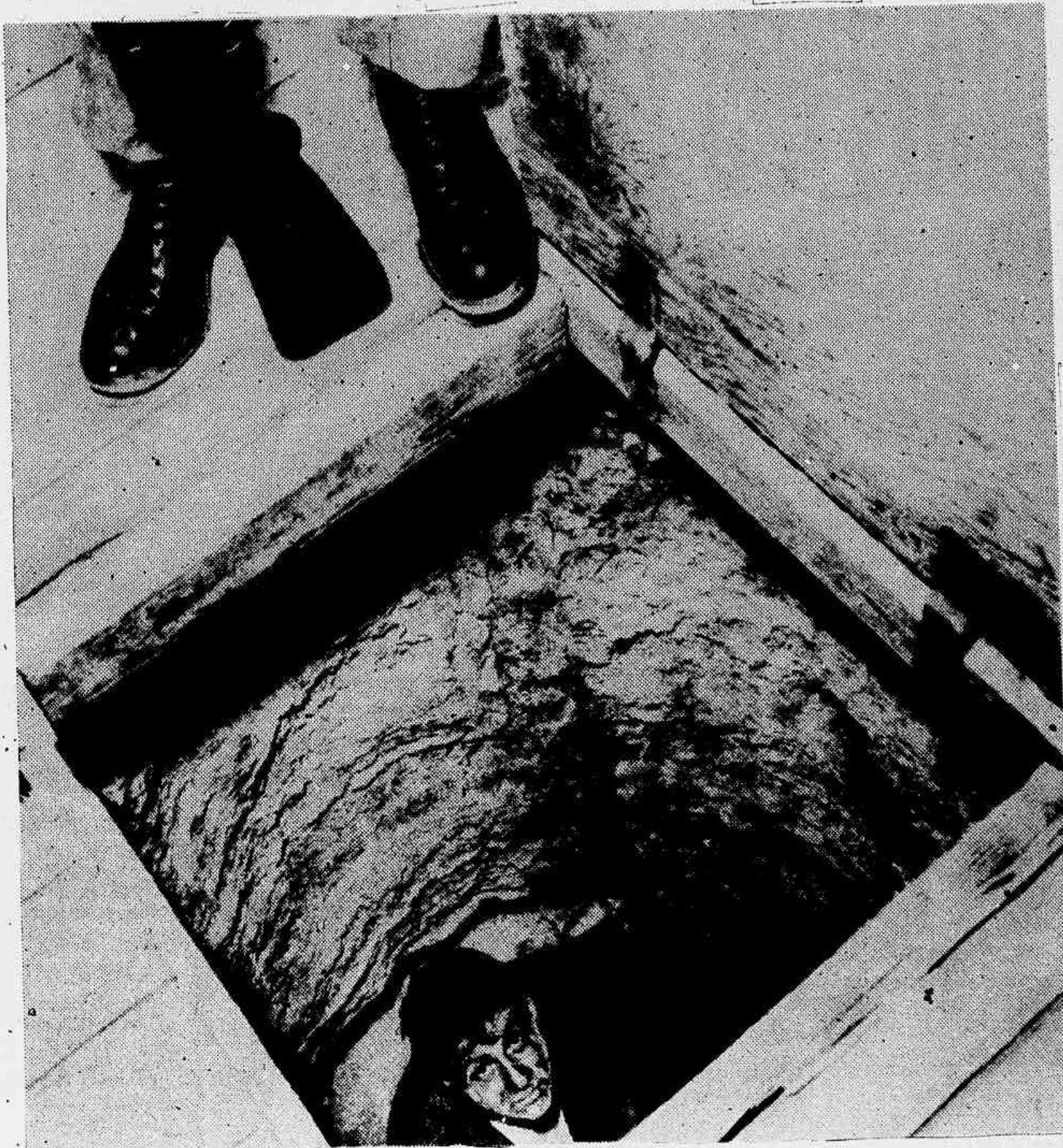


PELA FISIONOMIA séria de Ingrid Bergmann, as coisas não parecem estar andando bem. Alguma briga mais séria com Roberto Rossellini? Saudades do doutor Lindstrom? A atriz figurará brevemente em um filme dirigido por Jean Renoir — «Madame de Bonnemain», rodado em Paris.



PREPARADOS PARA O QUE VIER

NA BASE AÉREA de Stead, nos Estados Unidos, um grupo de voluntários todos pilotos das Forças Aéreas norte-americanas, vem se submetendo a duríssimas provas de resistência física e moral ao sofrimento, para a eventualidade de, um dia, terem de suportar as torturas profligadas aos prisioneiros pelos soldados soviéticos. Sem embargo de os jornais e as mães de família terem protestado violentamente contra o fato, o treinamento continua, pois o Alto Comando Aéreo insiste na sua grande necessidade.



CRÔNICA

CONVERSA COM OLAVO DANTAS

Num encontro ocasional, entabulamos conversação com o autor de «Gaivota dos sete mares», sobre temas de literatura. «Que nos diz da poesia?» Perguntamos. E ele nos respondeu: «A poesia se acha entre a meia dúzia de coisas essenciais à vida. Eu por mim, hei-de ser sempre poeta e os poetas desejam para si um destino igual ao da laranjeira de que falava Raul Brandão que, de velha e tonta, ainda deu flor no inverno em que secou.» «E que acha do hermetismo em poesia?» «Os poetas não devem abusar da linguagem enigmática porque o público não é igual a Édito que decifrou a histórica adivinha. A poesia deve ser elaborada em linguagem simples porque só as coisas muito humanas têm o poder de tornar-se divinas.» «Quais, a seu ver, os maiores poetas brasileiros?» «Os que morreram há muitos anos, como Gonçalves Dias, Castro Alves, Luiz Guimarães, Olavo Bilac, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Alphonsus de Guimarães, Martins Fontes e Francisca Júlia, já têm a consagração do tempo que nunca falhã com a devida justiça. Dos recentemente mortos, lembro Filinto de Almeida, Artur de Sales, Raul Machado e Afonso Lopes de Almeida. Dos vivos ninguém pode esquecer-se de Olegário Mariano, Guilherme de Almeida, Ademar Tavares, Menotti del Picchia, Aloysio de Castro, D. Aquino Correia, Luiz Edmundo, Rosalina Coelho Lisboa, Maria Eugénia Celso, Gilka Machado e Alvaro Moreyra. Dos modernistas, destaco Cassiano Ricardo, Cecília Meireles e Manuel Bandeira. Dos poetas esquecidos — estes merecem toda simpatia — relembro os nomes de Maranhão Sobrinho, Vitor Silva, Zeferino Brasil, Jorge Jobim e Múcio Teixeira. Seria injustiça não mencionar ainda José Oiticica, Bastos Tigre, Oliveira Ribeiro Neto, Castro Rebelo Filho, Murilo Araújo, Martins d'Alvarez, Filgueiras Lima e Nilo Aparecida Pinto, entre os nomes ilustres da poesia brasileira.» «Nos outros ramos de atividade literária, quais os grandes nomes que devem ser apontados?» «Na oratória menciono os nomes de Pedro Calmon, Gustavo Barroso, Otávio Mangabeira e João Neves; Afonso de Taunay, o nosso maior historiador e Viriato Correia, o brilhante cronista da história, não devem ser olvidados; não posso deixar no esquecimento os nomes de Agripino Grieco, o satírico maior que tivemos em toda a história de nossas letras e Berilo Neves, que honra a crítica literária entre nós. Celso Vieira, recentemente desaparecido, foi um dos mais altos espíritos que tivemos.» «E que nos diz do atual momento mundial?» «Diga que Voltaire tinha razão quando receava que o nosso pequeno planeta fosse apenas o hospício dos cem milhões de mundos que existem.» «Acha que a nossa literatura de hoje será lida no futuro?» «Só a boa literatura resiste ao rodar dos anos. Por isto, João Ribeiro aconselhava que a poesia fosse envolvida na 4ª dimensão, que é o tempo. Saturno que devorava os filhos, personifica o Tempo que devora quase tudo quanto gera. Os nomes que citei serão sempre lembrados porque a Beleza que criaram dispensa certidão de idade.» «Que acha, Olavo, da entrada dos expoentes na Academia?» «Julgo razoável que a Academia queira premiar os serviços de grandes brasileiros dando-lhes a laurea acadêmica embora não exista a recíproca, visto como os grandes literatos não entram para a Ordem dos Advogados, nem para a Academia de Medicina, nem para o Clube de Engenharia. Além do mais, vejo nisto um inconveniente: é a incapacidade que esses homens têm para julgar os verdadeiros valores literários do país. Como poderia um Lauro Müller, um Dantas Barreto, um João Luiz Alves ou um Osvaldo Cruz, ser juiz dos méritos literários dos candidatos à Academia? Dizem que as obras de Lauro Müller foram as Obras do Pôrto. João Ribeiro tinha razão quando falava dos «comensais e parasitos da vida literária». Estávamos satisfeitos e com um cordial abraço, nós despedimos do poeta e romancista que nos fez viajar com ele «Sob o céu dos trópicos» através de tantas páginas de boa literatura de viagens, conhecedor como poucos, «urbi et orbi»...



ENTREVISTA RELÂMPAGO

(Com Ilka Sanches, autora de «País do longe», «Baladas do nunca mais» e «Rosa de sombras».)

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, quais se lhe afiguram os mais importantes (no passado e no presente)?

Resposta — Euclydes da Cunha, Ruy Barbosa e Machado de Assis. No presente, não tenho preferências acentuadas...

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Olavo Bilac e Vicente de Carvalho.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Shakespeare, Anatole France, Camões, Lorca e Romain Rolland.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria que fosse da Academia?

R.: — Alvaro Moreyra.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — Na lua.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Sou tão feliz que não gostaria de morrer. Mas já que é preciso morrer um dia, prefiro que seja dormindo.

7ª: — Qual sua maior ambição literária? Tem outro livro a publicar?

R.: — Minha ambição é a de todo escritor: encontrar ressonância para a sua mensagem. Desejo fazer um livro que eu mesma ache ótimo. Tenho vários inéditos, esperando publicação, mas infelizmente nenhum está nesse caso.

8ª: — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R.: — Sim, mas não tão útil que seja a principal preocupação de um povo...

9ª: — Acredita em discos voadores?

R.: — É indiscutível que eles voam. Mas de onde vêm e para onde vão, isso já é outra história; como diria Kipling...

10ª: — Se não estivesse vivendo nesta época, em qual preferiria viver?

R.: — Preferiria viver numa época tão adiantada, tão adiantada... que nela os homens fizessem uso da razão...

BIBLIOTECA

«A Lua», de Malba Tahan é um livro de grande formato (Editora Lux, Rio, 1955), em que o autor de «Lendas da terra e do céu» promete fazer um estudo completo sobre o título geral de «Astronomia dos Poetas Brasileiros», em torno da influência que os astros exercem sobre a obra dos poetas. Neste 1º volume, o escritor cinge-se exclusivamente ao estudo do tradicional satélite inspirador dos vates de todos os tempos e tendências. Então, começa por fazer um estudo da lua, contando a seguir as lendas e tradições sobre a lua, recorrendo depois sobre a lua e os mitos, o simbolismo lunar, o folclore da lua, a lua e o luar na poética brasileira, terminando por esclarecer os erros, credulidades e superstições e a revelar a verdade

sobre a lua. Promete ainda o autor publicar em seguida um 2º volume, no qual continuará a citar os mais belos poemas lunares da Poesia Brasileira. O livro que se apresenta em homenagem ao prof. Renato de Souza Lopes, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, traz excelentes ilustrações de Ivan Gil e Rubens Richter, da Faculdade Nacional de Arquitetura. O livro, sobre ser interessantíssimo como contribuição ao estudo da literatura brasileira em geral, é uma monografia de utilidade até sob o ponto de vista astronômico. Bem inspirado andou o prof. Malba Tahan, quando planejou a execução desta obra recomendável a todos os espíritos curiosos e amantes do belo aplicado à ciência e apaixonados da

POESIA

O IMPENITENTE

Não acho consólo no meio dos outros.
Homens, tenho convosco a relação da forma.
Nuvem sólida, rosa virginal, água branca
E tu, grande sinfonia aérea,
Pertenceis aos anjos, não a mim
Eu digo ao pecado: Tu és meu pai.
Eu digo à podridão: Tu és minha irmã.

A presença real do demônio
É meu pão de vida cotidiano.
Minha alma comprime a aletuia gloriosa.

Hóstias puras,
Inútilmente vos ergueis sobre mim.

MURILO MENDES

ciência aplicada ao belo, porque, incontestavelmente, Matemática e Poesia se tocam, como em geral os extremos... Que o autor de «Lendas do Povo de Deus» continui na elaboração desta obra, conduzindo-a a um termo feliz.

LIVROS RECEBIDOS:

«La enmascarada», de Fernando Diez de Medina (Editorial «Canata» — La Paz — Cochabamba, 1955).

«Só Deus é meu juiz» (romance), Jucy Mariá — Belo Horizonte, 1955 (edição particular).

O QUE ELES DIZEM

ETERNIDADE — «Pela paixão tudo seria eterno, mas pela natureza, tudo deve terminar» (DIDEROT).

GENTILEZA — «A gentileza de uma mulher, mais do que sua beleza, poderá dominar meu coração» (SHAKESPEARE).

HUMOR — «As coisas mais facilmente mutáveis são: curso d'água e humor de mulher» (PITACO).

IGUALDADE — «O amor, como a morte, se compraz em confundir as condições sociais» (RAYNAL).

LOUCURA — «As primeiras loucuras conduzem às segundas» (MME. DE RIEUX).

LUA — «O amor assemelha-se à lua — quando não cresce, diminui» (SEGUR).

MAE — «Exceto minha mãe, somente posso odiar a todas as mulheres» (EURÍPEDES).

MODESTIA — «Existe alguma coisa melhor que uma mulher bela — é a mulher bela e modesta» (PITAGORAS).

MULHER — «Como as rosas, são todas as mulheres — quem colhe a rosa também colhe os espinhos» (GUILHERME DE ALMEIDA).

MUNDO — «É o livro das mulheres» (ROUSSEAU).

SOGRA — «O advogado da parte contrária» (ANDRÉ MYCHO).

UNIVERSO — «O Universo é um pensamento de Deus» (SCHILLER).

VIDA — «A vida das mulheres divide-se em três épocas: na 1ª sonham de amor; na 2ª experimentam-no; na 3ª lastimam-no» (SAINT PROSPER).

MULHERES — «As mulheres são anjos na igreja, diabos em casa e macacos na cama» («Le Moyen de Parvenir»).

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 26 DE NOVEMBRO E 2 DE DEZEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O leitor terá uma semana muito ativa. Além da movimentada onda dos acontecimentos, o sistema nervoso, num verdadeiro estado de excitação, o precipitará na torrente. Dificilmente tomará pé.
- ★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — Os dias 26 e 28 deste mês serão inteiramente desfavoráveis aos seus empreendimentos. Os dias restantes da semana poderão ser aproveitados para especulações de qualquer espécie, exceto jogo de azar.
- ★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Guarde-se muito bem no dia 27. Não viaje nem dê início a negócio de vulto. É bom mesmo ficar nas ocupações ordinárias, no âmbito da profissão. As inovações não darão resultado. Pelo contrário.
- ★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — O clima astrológico é de traição. Previna-se, assim, sendo tão discreto quanto possível. Não confie a ninguém os seus planos e os propósitos de que estiver animado, principalmente nos dias 26 e 28.
- ★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — A semana inspirará confiança e propiciará bons negócios. No terreno sentimental sua chance será muito grande. Previna-se, porém, contra os parentes, pois algo farão para aborrecê-lo ou para intrigá-lo.
- ★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Os influxos planetários, incidindo sobre as glândulas endócrinas, no seu caso, o levarão a um estado de real descontrôle nervoso. Tudo passará, porém, com brevidade, visto tratar-se de um trânsito de Urano.
- ★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Faça as coisas, durante a semana em foco, de acordo com seu modo de pensar. Não se aconselhe nem receba sugestões, pois estará sujeito a enganos prejudiciais. Os piores dias serão 28, 29 e 30.
- ★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — A semana em pauta será muito favorável à questão financeira. O leitor terá folga e conseguirá pôr em dia suas obrigações oriundas de vencimentos antigos. As especulações serão favoráveis e bons negócios lhe serão propostos no curso dos próximos sete dias.
- ★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Dois dias, somente, na semana, serão desfavoráveis ao leitor. Referimo-nos aos dias 26 e 28 de novembro. Os dias restantes favorecerão os negócios e lhe darão prazer na vida doméstica ou sentimental.
- ★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Se tiver algum projeto de importância, não lhe dê execução nos três últimos dias de novembro. Aconselhamos outra oportunidade. Não obstante as desfavorabilidades de tais dias, a semana não será má.
- ★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Uma semana inteiramente favorável terá o leitor, no próximo período. Seus negócios serão processados com facilidade e lhe darão margem a lucros altamente compensadores.
- ★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Haverá movimentação intensa nas atividades sociais e na vida doméstica. Nos negócios não haverá chance, particularmente nos dias 30 de novembro e 1 e 2 de dezembro. No setor sentimental não aspire coisa alguma.

★ OS NOMES DA SEMANA

Novembro, 26	—	Gaspar	—	Numísia.
" 27	—	Evandro	—	Cristina.
" 28	—	Eduardo	—	Moema.
" 29	—	Tibúrcio	—	Eunice.
" 30	—	Juvêncio	—	Martha.
Dezembro, 1	—	Edmundo	—	Jacira.
" 2	—	Nemésio	—	Frida.

★ EFEMÉRIDE DA SEMANA

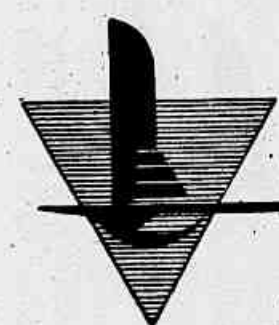
Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro, 26	3°	27'	13"	(Signo do Sagitário)
" 27	4°	27'	55"	(" " ")
" 28	5°	28'	30"	(" " ")
" 29	6°	29'	23"	(" " ")
" 30	7°	30'	9"	(" " ")
Dezembro, 1	8°	30'	57"	(" " ")
" 2	9°	31'	45"	(" " ")

Uns viajam a **GOIÂNIA**
outros a **ANÁPOLIS**

mas todos
seguem pelo
mesmo caminho:

NACIONAL
TRANSPORTES AÉREOS



CIDADES SERVIDAS NO
EST. DE GOIÁS:

Anápolis	Iporá
Aragarças	Itumbiara
Batista	Jataí
Buriti Alegre	Mineiros
Caiapônia	Morrinhos
Catalão	Niquelândia
Cristalândia	Paraná
Cristalina	Pires do Rio
Goiânia	Porto Nacional
Ipameri	Rio Verde
	Uruaçu

Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio

★ **ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS** ★
RÁDIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES -

Mil

ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LIMPADORES PARABRISAS

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
TOMAMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO
A MILIONÁRIA DO CASTELO

mil

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"





"CARMEN JONES" NUNCA VIU UMA ÓPERA

MUITO MENOS A PARTITURA DE BIZET ★ FOI A GRANDE ATRAÇÃO DO FESTIVAL DE CANNES ★ LEITURA FAVORITA: ENSAIOS FILOSÓFICOS ★ ESTÁ ESTUDANDO CANTO ATUALMENTE ★ AINDA NÃO GRAVOU DISCOS, MAS FA-LO-Á EM BREVE ★ É A SEGUNDA VEZ QUE VEM AO BRASIL, MAS NÃO PÔDE VÊ-LO

Entrevista de JOSÉ ROBERTO TEXEIRA LEITE

O próprio Harry Stone nos fizera a advertência, ainda no automóvel: — Miss Dandridge gosta de falar pouco e de ouvir muito; e faz questão de, na vida real, não se parecer nem um pouco com a personagem que no filme interpreta.

Seriam seis da tarde do dia dez de novembro, e chovia insistentemente desde a véspera. Dentro de mais três horas, Dorothy Dandridge, a atriz negra norte-americana cuja interpretação no papel título de «Carmen Jones» lhe granjeara a admiração de todas as platéias, além de lhe ter quase proporcionado o «Oscar» da Academia Cinematográfica de Hollywood, embarcaria de volta aos Estados Unidos. Passara apenas três dias no Rio de Janeiro, até onde viera especialmente para assistir à «première» de seu filme; antes, já conhecera o Rio, exibindo-se em «boites». Seu cartaz era então muitíssimo discreto, e sua presença passou quase despercebida.

A porta do Copacabana, o carro estacou. Penetramos no hotel. Pelos salões, alguns poucos hóspedes escutavam sem prestar atenção aos malabarismos pianísticos de um sonolento músico. Fomos diretos aos aposentos de Dorothy, no segundo andar — onde, ao que nos informaram, ela estaria preparando-se para a viagem.

Entramos. «Corbeilles» de flores jaziam espalhadas por todos os cantos da saleta de estar. Olhamos ao acaso o nome de um dos remetentes: o cantor francês Jean Sablon. E eis que a voz de Dorothy Dandridge, lá de dentro do quarto, convida-nos cordialmente a entrar. O cenário é conhecido: algumas poltronas, a cama, penteadeiras, um armário, e malas. Sobre tudo muitas malas. E no meio delas, ainda a cuidar da bagagem volumosa, Carmen Jones. É uma mulatinha clara, de olhos doces e sorriso estudado. Magrinha, trajava, na ocasião, um costume bege que não lhe beneficiava a silhueta nem um pouco. Tem o costume de franzir a testa, ao lhe ser feita qualquer pergunta. E suas respostas são rápidas e imprecisas, o que não sabemos se se deve à urgência do tempo (Miss Dandridge, convém salientar, embarcaria àquela mesma noite, e as bagagens ainda estavam por fazer) ou a qualquer outro fator. Das várias indagações que lhe fizemos, muitas ficaram sem resposta. Dorothy é cautelosa e cheia de reticências:

— Nasci em Ohio, na cidade de Cleveland.

Dorothy fez anos a 9 de novembro, quando ainda se encontrava, pois, entre nós. Aos mais curiosos, diremos que Carmen Jones nasceu em 1923.

— Minha mãe chama-se Ruby Dandridge, e foi, em sua época, uma cantora de rádio muito conhecida. Quando éramos ainda meninas — eu e minha irmã Vivian — minha mãe formou conosco um trio vocal, com o qual alcançamos êxito.

— E quando ingressou no cinema?

— Ah! isso foi muito depois. Eu já estava casada com Harold Nicholas, e cantava em «night-clubs» quando o «manager» de Lena Horne escutou-me cantar, oferecendo-me um contrato. Daí para o cinema foi um passo.

Dorothy divorciou-se de Harold há quatro anos. Do casamento, possui uma filha, Harolyn, de oito anos, a qual vive com a avó materna.

— Ao contrário do que dizem, não foi «Carmen Jones» meu primeiro filme. Trabalhei antes em quatro ou cinco mais, todos eles pequenos, sendo que o primeiro se chamava «The Harlem Globetrotters», e era um documentário sobre os famosos «basket-ballers» negros. Eu fazia somente uma «ponta».

Enquanto fala, Dorothy Dandridge não pára de arrumar as malas. São inúmeras, brancas, esparramadas pelo chão, sobre as cadeiras, pelos quatro cantos. A máquina de Alherto Ferreira não pára de funcionar. Em dado instante, Carmen Jones ergue a mão, em sinal de protesto:

— No «closes», please...

Voltamos às perguntas.

— Porque não cantou, com sua própria voz, as melodias de «Carmen Jones»?

— Porque não possuía, então, a voz convenientemente educada. Agora, porém, estou estudando, com Florence Russel.

É interessante, mas Dorothy Dandridge jamais viu a «Carmen» de Bizet em sua vida. Nem a «Carmen», nem qualquer outra ópera. Não conhece sequer a versão levada a efeito para a Broadway, em 1934. Só tomou dela conhecimento ao ser escolhida, entre inúmeras candidatas, por Preminger, para protagonizar a versão filmada da peça.

— Os herdeiros de Bizet reclamaram inutilmente contra a filmagem de «Carmen Jones», com a música original de «Carmen». Eles não tinham razão. O filme veio popularizar ainda mais a ópera, não acha?

Achamos. E queremos conhecer detalhes de seus planos futuros.

— Daqui, volto para os Estados Unidos, diretamente a Las Vegas, onde apresentar-me-ei em «shows». Também tenho contratos com o rádio e a televisão. Quanto ao cinema, ainda não sei qual será meu próximo filme, ficando isso a critério da Twentieth Century Fox, com a qual mantenho contrato.

Em matéria de leituras, Dorothy Dandridge nos surpreende, ao confessar-nos sem reboço:

— Tenho uma distração: é a leitura de ensaios filosóficos. A filosofia me encanta...

Procuramos conhecer detalhes: preferirá Carmen Jones os presocráticos, os platônicos, os aristotélicos, os escolásticos, talvez os panteístas ou os existencialistas?

— Qualquer um me serve...

O que não deixa, aliás, de ser uma resposta muito adequada para Carmen Jones.

Em matéria de salários, Dorothy acha que não tem do que se queixar, ao menos por enquanto. A infância foi difícil, reconhece, mas hoje, ao olhar para o passado, tem a plena certeza de que venceu. Ainda há pouco, em Cannes, Dorothy foi uma das grandes atrações, ao lado de Grace Kelly.

— Nunca esperei ganhar o «Oscar». Claro que me emocionei ao saber que era apontada como uma das prováveis ganhadoras. Acho, contudo, que Grace Kelly o mereceu profundamente.

Quanto a suas viagens, Dorothy confessa estar cansada delas:

— Agora mesmo, no Rio: não tive tempo de ver a cidade como desejava. Em Cannes foi a mesma coisa: quatro dias de correrias, contratos a cumprir, recepções, bailes... Sempre ocupada, ocupada, ocupada!

Um sorriso meio triste aflora-lhe nos lábios. As malas estão prontas. A entrevista terminara. Temos somente o tempo de nos despedirmos, desejando-lhe uma boa viagem: o Oscar — não o da Academia, mas do próprio hotel — arrasta triunfalmente a hóspede ilustre para o jantar.



DOROTHY DANDRIDGE, momentos antes de retornar aos EE.UU., concedeu uma entrevista ao repórter da REVISEA. Fato interessante: na vida real, Dorothy é diferente da impetuosa mulher que no filme interpreta.

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 26 de Novembro de 1905

POR AQUI E POR ALLI

Dia a dia o telegrapho nos transmite novas e graves noticias sobre a situação anormal do imperio moscovita e da crescente propaganda revolucionaria em diversas regiões do imperio. A revolução que pouco a pouco foi ganhando terreno no espirito do povo tem hoje alli elementos de primeira ordem e não parece temer nem a reacção do governo nem tão pouco as forças do tzar. Os disturbios mais ou menos graves que diariamente se produzem em toda a vasta extensão do grande imperio, tem uma repercussão violenta em todas as camadas em que a autocracia determinou um odio ou exerceu uma vingança. O que ainda mais veio excitar a ira popular, foi a longa e prejudicial luta que a Russia sustentou no Extremo Oriente. A grande maioria da população ordeira, esperava que, uma vez terminada a guerra, tudo pudesse voltar á antiga calma, mas, o resultado foi completamente negativo, e hoje estamos assistindo ao começo de uma das mais pavorosas revoluções a que o mundo terá forçosamente de presenciar. A ira popular não respeita nada, no seu furor, e vai exterminando tudo o que se possa opor á sua sanha. Os recentes massacres de armenios e a guerra aos judeus, é uma prova evidente de exacerbação em que está o espirito publico. Outra cousa que tem cooperado para este estado de superexcitação, é a intervenção de elementos extranhos, e de propaganda e de acção, entre os diversos grupos em que se divide a classe revoltada, cuja maioria se compõe de operarios, homens que mais tem sofrido no regimen autocratico russo. Esta situação só pode trazer para a Russia graves transtornos, pois, assim continua a manter em pé de guerra um verdadeiro exercito, que a esta hora, com o tratado de paz, assignado em Portsmouth, já não deveria existir. Os sacrificios pecuniarios são enormes, não só para manter milhares de soldados, como ainda pelos estragos materiais que estes disturbios causam, quer na propriedade particular, quer na percepção das rendas do Estado. O Japão, sob este ponto de vista foi bem mais prudente, pois, após os primeiros movimentos que houve em Tokyo, o povo compreendeu a inefficacia da revolução para o restabelecimento do credito nacional, que forçosamente se ressentia depois de qualquer campanha. Si o governo moscovita tivesse compreendido a gravidade de sua situação, não teria certamente exasperado por mais tempo a paciência do povo. Demais, que pedia elle? Pedia unicamente um regimen em que houvesse, como nos outros países, uma lei basica reguladora dos seus direitos. Isto lhe era facil de dar, e evitava toda uma serie de desastres que tem a Europa presenciado, com a vantagem de continuar sendo querido o proprio governo do tzar. Os conselheiros da coroa, porém, foram os culpados d'estes desastres, porque, si tivessem medido com mais calma a situação do país teriam desde logo visto que deveriam mais cedo ou mais tarde ceder á vontade popular, e se teriam collocado n'uma posição bellamente sympathica. Em todo caso, parece que ainda é tempo de emendar a mão, pois a unica exigencia é justamente que se crie uma constituição regular, garantidora dos direitos geraes (F. Mendes Junior).

INAUGURAÇÃO. DA AVENIDA CENTRAL — Apesar do mau tempo que nos visitou no dia quinze, a concorrência na avenida nova em folha foi enorressima, cincoenta mil pessoas, cincoenta mil guardachuvas, no minimo, perambulavam pela grande arteria para assistir a inauguração solemne e á parada das forças de mar e terra. Foi a primeira vez que se conseguiu apreciar melhor o garbo e a marcha correcta das nossas forças armadas, pois o grande trecho espaçoso facilitava com vantagem a observação e os movimentos. Está entregue á circulação a nova arteria, calçada, arborizada, illuminada e limpa, outras virão depois concorrer em belleza e elegancia, e dessa concorrência só tem a lucrar a cidade com ruas mais amplas, mais arejadas e mais garridas. O povo tomou gosto pela grande arteria e é de ver o transitio agora preferido, ao por do sol e á noite por essa grande faixa asphaltada e pontilhada de lampadas electricas.

AO DESTINO NINGUÉM...

(Continuação da página 31)

Todos pensam que Paulo Menezes é natural de Minas, porque seus papéis assim o indicam, não é mesmo? Todavia, nada é menos verdadeiro do que os documentos por ele exhibidos. Paulo Menezes nasceu numa pequena cidade do interior de Mato Grosso, onde passou sua infância e recebeu a instrução elemental. Cursava o último ano ginasial quando conheceu Lúcia, linda jovem e filha de uma das famílias mais distintas do lugar. Para seu desespero, a moça não correspondia aos seus sentimentos, o que o deixou sobremaneira decepcionado.

Nessa época, já deixava adivinhar o belo homem que seria dentro de alguns anos. Depois de sérias investidas amorosas, sem que Lúcia se mostrasse interessada, deixou elle de persegui-la, fingindo uma indiferença que estava longe de sentir. Quando um de seus colegas de classe lhe falou da recente conquista que fizera na pessoa da moça a quem tanto elle queria, o rapaz não deixou que seu rosto refletisse a cólera que lhe devorava o coração.

Lúcia estudava piano em casa de uma professora particular e nesse dia, ao deixar a aula, aí pelas cinco horas da tarde, notou que seu enamorado se aproximava lentamente. Talvez impedida por essa vaidade tão própria das mulheres que gostam de ser aduladas, deteve-se a esperá-lo.

— "Boa tarde, Lúcia."

— "Como vai, Paulo? Soube que você vai estudar em São Paulo..."

— "É verdade. Pretendo ser médico e como não temos Faculdade aqui..."

— "Deve ser muito interessante. Sua mãe que tem feito tantos sacrificios por você, deve estar orgulhosa, vendendo-o tão jovem e já a caminho de uma Faculdade. Você será um motivo de orgulho para a nossa pequena cidade."

— "Não me interessa o sentimento da população da cidade. Só me interessaria o que você viesse a sentir por mim."

— "Eu o aprecio muito, Paulo, como a um bom amigo, mas nunca poderia amá-lo."

— "Por que, Lúcia? Que tenho eu para desagradá-la?"

— "Não é isso. Apenas gosto muito do Carlos e ainda nos casaremos, mais tarde, quando o destino quiser."

— "Não me fale de Carlos... se não quiser me ver perder a cabeça."

— "Oh! Paulo!"

Lúcia que devia tomar uma condução, resolveu fazer o percurso a pé, conversando com o rapaz. A noite calava sem que qualquer dos dois o notasse. O colloquio era cada vez mais animado. Todo o vulcão interior despertara paulatinamente, á medida que a moça se ia inflamando á lembrança de seu namorado.

— "Carlos é um homem maravilhoso!" — dizia convicta.

— "Eu gostaria de tê-lo agora entre as mãos..."

— "Você nem parece um homem civilizado, Paulo, dizendo coisas tão feias."

— E não sou mesmo, Lúcia. E fi que sabendo que você vai morrer hoje. Eu vou matá-la."

— "Ora deixe-se disso, Paulo. Você não tem pinta de vilão."

Parou abruptamente e só então olhou em torno. Atravessavam um terreno baldio, onde o mato crescia, viçoso. Nenhum conhecido os vira juntos. A moça encarou o companheiro, reparando então, no tremor de suas mãos, na expressão cruel dos seus olhos. Num gesto rápido elle sacara uma afiada faca no bolso, e Lúcia não teve tempo de gritar, porque sua voz fôra interceptada pela lâmina que lhe atravessava a garganta.

O assassino arrastou-a para o meio das moitas mais elevadas, limpou o sangue da faca no vestido da vítima e se foi calmamente.

Pela madrugada, o trem que partia, levava um coração aliviado, como se não fôsse o coração de um criminoso, e sim, de um justiceiro. Só no dia seguinte o corpo de Lúcia fôra encontrado e ninguém pensara em ligar o estudante Paulo Menezes ao terrível crime. Em São Paulo, o rapaz entregou-se de corpo e alma ao estudo. Não sentia qualquer remorso, certo de que o espirito de Lúcia o esperava no além, onde elle a encontraria um dia. Nenhuma outra mulher conseguira empanar a imagem de sua vítima. Permanecia insensível a todos os arroubos de suas colegas, e a seguir, de suas clientes. Foi esse insatisfeito amor a Lúcia que o impediu de casar e de amar outra mulher.

— Que história terrível! — Não pude deixar de exclamar. — Mas, finalmente, quem é o senhor? Como pode saber tão detalhadamente toda essa história? É algum parente?

— Seu único parente era sua mãe, que morreu alguns meses depois, e a única que desconfiava da identidade do matador de Lúcia. Um coração de mãe difficilmente se engana.

— Mas o senhor não disse quem é, afinal?

— É verdade. Desde muito que eu vinha seguindo o criminoso, á espera de uma oportunidade como esta. Dei-lhe bastante corda, mas finalmente a justiça triunfou. Quanto ao Carvalho, mais cedo ou mais tarde pagará pelo assassinio da esposa, porque Paulo Menezes, está pagando pelo que fez a Lúcia. — Solicito — Agora pode parar. Eu vou ficar aqui mesmo.

— Mas espere... cortei eu, vendendo o descer apressadamente. — O senhor não disse quem é... o seu nome...

De longe, perdendo-se na escuridão, elle gritou:

— Ao Destino ninguém burla... eu sou o Destino.

MAKAR TCHOUDRA

(Continuação da página 53)

Mal havíamos tido tempo de adivinhar o que Sobar ia fazer, e já Radda jazia por terra. Em seu peito, o punhal recurvo de Loiko estava enterrado até ao punho. Ficamos sem saber o que fazer. Radda arrancou o punhal, atirou-o longe, e, cobrindo o golpe com as mechas de seu cabelo, disse sorrindo, com voz clara e alta:

— Adeus, Loiko! Eu sabia que agirias assim.

E morreu.

Acaso compreendeste alguma coisa, meu caro? E no entanto, que eu seja maldito se não te contei apenas a verdade.

— Sim, eu me inclinarei até ao chão diante de ti, minha orgulhosa rainha! gritou Loiko em voz alta e forte. Então, atirando-se ao solo, colou seus lábios aos da morta, permanecendo imóvel como uma estátua.

Tínhamos tirado nossos chapéus, e ficamos parados, emocionados. E que farias tu num caso semelhante? Nour então falou:

— Vamos matá-lo!

Mas ninguém se mexeu, e mesmo seríamos incapazes de fazer-lhe qualquer dano, de tal modo o amávamos. O velho Nour bem o sabia e deixou pender os braços ao lon-

go do corpo, afastando-se. Mas Danila recolheu o punhal que Radda havia atirado longe, e olhou-o longamente, torcendo os bigodes brancos. A lâmina brilhante e encurvada trazia ainda os sinais do sangue de sua filha. Súbitamente, atirou-se sobre Sobar, enterrando-lhe a faca nas costas, do lado do coração. Compreende, elle era o pai de Radda, o velho!

— Finalmente! gritou Loiko, girando para Danila seu rosto. E foi se juntar a Radda. Ela estava caída, e sua mão comprimia contra a ferida os cabelos compridos. Seus olhos entreabertos fitavam o céu. A seus pés jazia o audacioso Loiko. Mechas de cabelo tombavam sobre seu rosto. Os bigodes de Danila tremiam e suas sobrancelhas estavam franzidas. Olhava para longe, com um ar taciturno, enquanto o velho Nour, alvo como o cera, comprimia seu rosto contra a terra, e chorava tão convulsamente que suas espáduas eram sacudidas pelos seus soluços. E havia razão para tanto, não?

Se caminhas, segue sempre em frente, sem tomar para a direita ou para a esquerda, meu caro. Caminha direito em tua vida!

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insufficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, á base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacéutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.

NOME.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



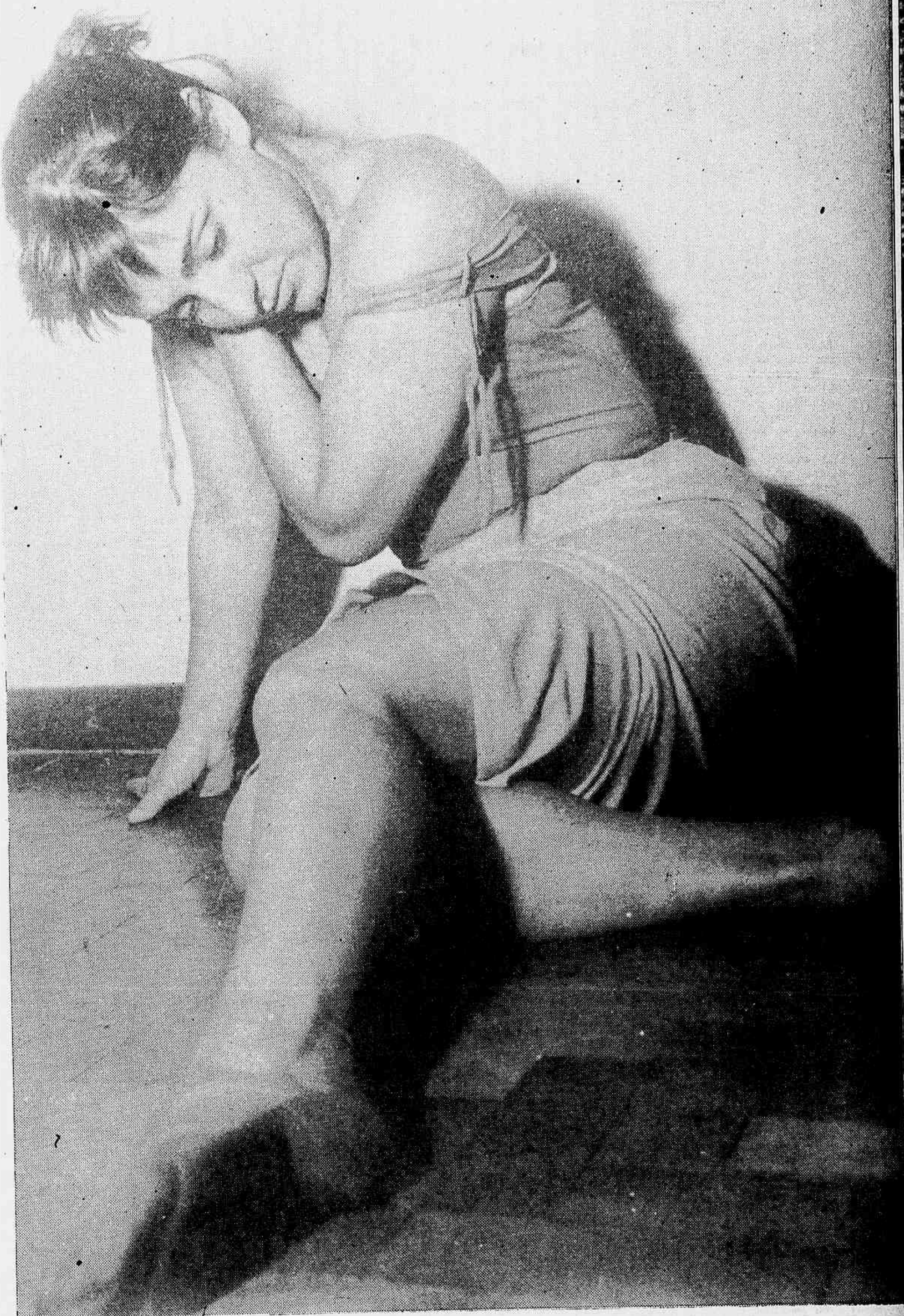
RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

ELA E ELES

★ Maria da Glória Meirelles usa no teatro o nome de Glória May. Bastante jovem, é uma das revelações da Companhia de Revistas de César Ladeira e Renata Fronzi. Sem ser propriamente uma «estrela», vai caminhando com algum sucesso. Agora, com toda a publicidade feita em torno de seu nome, certamente seu prestígio aumentará. Glória vive no Ipanema em companhia de sua mãe e dois irmãos, sendo ela quem mantém o apartamento em que vivem. Realmente, luta para viver.

★ Luís Carlos Antony, «play-boy» como há tantos em Copacabana, estuda. Frequenta «boites» e mistura-se com artistas — esse o seu método para insinuar junto as jovens «girls». Possui um belo carro e dinheiro não lhe falta, dinheiro esse que entretanto o moço superestima, julgando-o mesmo credencial para a prática de qualquer ato que lhe passe pela cabeça sem muito conteúdo. Uma de suas residências é na Avenida Rui Barbosa, 430, apartamento 301.

★ Manuel Gusmão é o proprietário do «Chevrolet» cinza, chapa 2-28. Vive na Praia de Botafogo número 48 (7º andar). Do mesmo grupo de Luís Carlos; vivem a mesma existência vazia. Carlos Alberto e o outro não identificados provavelmente serão como os dois primeiros, todos eles uma réplica melhorada (com dinheiro) dos jovens delinquentes apresentados com tanto realismo no recente filme «Sementes de Violência».



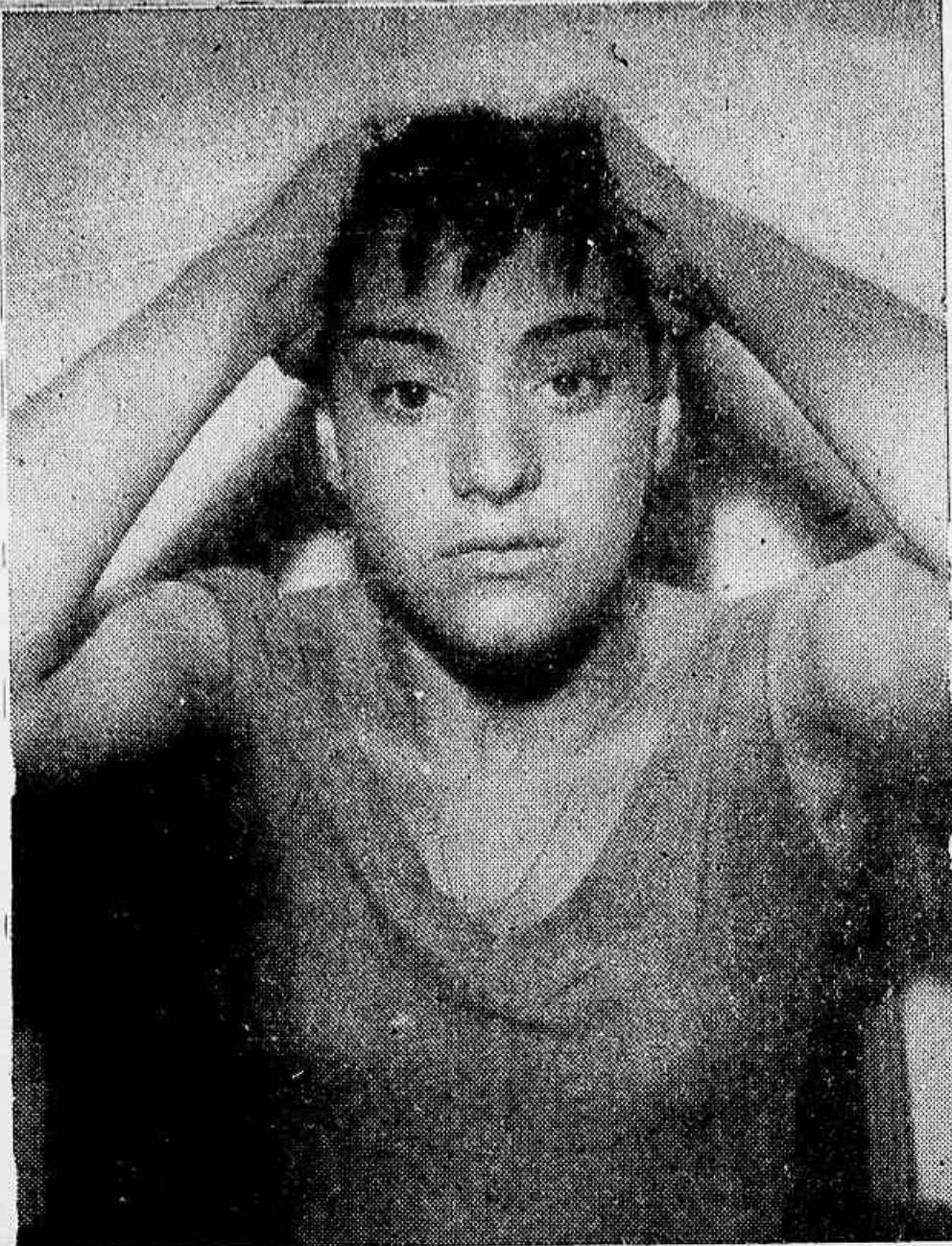
NO MESMO DIA DA WALDEMAR x GRACIE

GLÓRIA TAMBÉM LUTOU!

ATRAÍDA PARA A EMBOSCADA, A "VEDETTE" LUTOU QUASE UMA HORA PARA LIVRAR-SE DOS AGRESSORES — ENSANGÜENTADA, COM A ROUPA EM FARRAPOS, FINALMENTE FOI RECONDUZIDA A CASA — GLÓRIA MAY RECONSTITUI (SÔZINHA) O ATENTADO DE QUE FOI VÍTIMA

Reportagem de MENEZES JÚNIOR

Fotos de A. FERREIRA
REVISTA DA SEMANA — 41



«ACEITEI O CONVITE DE LUÍS CARLOS. AFINAL ERA UM SIMPLES PASSEIO...

QUANDO ELE PAROU NA AVENIDA NIEMEYER FOI QUE PERCEBI TUDO

TENTEI DISSUADI-LOS DO INTENTO. PENSEI QUE ELES DESISTIRIAM.

Há quem afirme tratar-se de audacioso «golpe» publicitário para fazer reavivar o brilho um tanto fosco da «estrela» de segunda grandeza. O fato é que jamais a imprensa deu tamanha acolhida a jovem «vedette» como agora. Glória May transformou-se em notícia pulando dos palcos da ribalta para as linhas de chumbo das linotipos e ao fogo da curiosidade pública fundiu-se. Deixou de ser a mulher de formas esdrúxulas e trajes multicores para transformar-se tão somente no retângulo branco-e-preto monótono da notícia policial. Mas antes, fizeram-na «manchette»...

★

Na mesma noite em que Carlson Gracie e Waldemar Santana defrontavam-se no «Maracanzinho», honesta e respeitosa de acordo com as normas do «jiu-jitsu», Glória também enfrentava a sua luta, menos honesta e menos respeitosa. As regras não foram outras senão

as da bestialidade e da covardia, empregadas por um grupo de «play-boys» de Copacabana. O local, avenida Niemeyer. Assistência, não havia. A artista, posteriormente submetida a exame de corpo de delito, apresentava, só ela, mais ferimentos que Gracie e Waldemar Santana: hematoma no olho esquerdo, corte profundo no lábio superior esquerdo (quatro pontos) e contusões e escoriações generalizadas.

Então, que raro «golpe publicitário» teria sido esse?!

A CILADA DE LUÍS CARLOS

O conhecimento relativo entre Glória e Luís Carlos Antony fez com que ela aceitasse o passeio de carro após a última função da noite...

— No começo — explica — ele apenas me levaria para casa. Depois, concordei em prolongarmos o passeio. Mal poderia imaginar o que me estava reservado! Tudo saiu bem até

o momento em que Luís Carlos resolveu estacionar o veículo numa das transversais da avenida Niemeyer, ali pelas imediações do Gávea Golf Club. Segundos após, junto ao nosso, estacionou outro carro, um «Chevrolet» cinza, do interior do qual saltaram três rapazes, ordenando que apagássemos os faróis e tirássemos a chave de contacto. Imediatamente pensei em assalto...

— Bem, minha filha, terminou a brincadeira... entre no automóvel deles! Era o próprio Luís Carlos quem falava.

— Foi nesse instante — acrescenta Glória — que descobri ter sido vítima de uma cilada, preparada por Luís Carlos!

QUASE UMA HORA DE LUTA

— A ordem para que me despisse retruquei que somente morta faria tal coisa. Foi o que bastou para que os quatro desferissem verdadeira chuva de socos sobre mim. O primeiro atingiu-me na fronte. Caí e continuei recebendo pontapés. Fui atingida na boca e o sangue começou a jorrar abundantemente. Quase todos os golpes eram endereçados à minha cabeça, não havia como desviá-los. E essa luta durou quase uma hora: eu desesperada, defendendo-me como podia, na esperança de que alguém me viesse socorrer; eles, como verdadeiras bestas, cada vez mais excitados, espancando-me impiedosamente.

DESISTIRAM AFINAL!

Como boa atriz, numa tentativa desesperada para fugir à sanha dos quatro rapazes, Glória May desatou em pranto. Vendo-a com as vestes em trapos, sangrando, os agressores acovardaram-se. Resolveram fugir à responsabilidade que lhes estava pesando e «devolveram-na» a Luís Carlos, o chefe da quadrilha, que a conduziu de volta à casa.

AMEAÇA DE MORTE

— Como resolvesse constituir advogado e punir os covardes, constantemente venho recebendo ameaças de morte, de novas ciladas, de vinganças cruéis. É que os agressores, todos eles tidos como «gente bem» estão revoltados com o escândalo surgido em torno de seus nomes. Luís Carlos Antony chegou até mesmo a telefonar-me, exigindo que eu retirasse as acusações feitas no 1º Distrito Policial contra ele e seus amigos. Concluiu a «vedette»: — Isso é coisa que jamais farei. Custe o que custar quero que o inquérito policial chegue ao fim e que aqueles monstros paguem pelos seus crimes!

O ADVOGADO DE GLÓRIA



Dr. Hélio Abranches, o advogado de Glória May: — Vamos levá-los ao xadrês!

★ Hélio Abranches chama-se o advogado constituído por Glória May. Explica ao repórter que seu trabalho está baseado em cinco pontos principais, que considera suficientes para levar os agressores ao xadrês. E' ele quem fala:

— Esta é uma história complicada, de depoimentos falsos, antecedentes de alguns dos acusados com processo na justiça. Infelizmente são rapazes da alta sociedade, acobertados por fortunas, esses que se aproveitaram da boa fé da minha cliente (órfã de pai e arrimo de família) para cometer tão grave atentado.

Referindo-se aos ferimentos recebidos:

— Minha cliente foi atingida na vista, no lábio superior esquerdo, na cabeça e em vários outros pontos, e vem, em consequência, sofrendo dores horríveis e está com a vista esquerda embaçada.

Sobre o andamento dos trabalhos policiais, acentua o advogado que a par das já realizadas, inúmeras outras diligências serão requeridas para a apuração do acontecido.

— Com a divulgação constante do andamento do processo e de suas diligências, pela imprensa, inúmeras são as informações que nos chegam, gratuitamente, sobre antecedentes pouco recomendáveis dos agressores. Atentamos para todos esses detalhes, cuidamos de investigá-los e muitos têm sido coroados de êxito no sentido de mostrar quem são eles...

Finalizando:

— Dentro de breves dias o processo será enviado a juízo, retornando a Delegacia de origem a fim de serem consignadas as novas diligências e exigências processuais. Eles serão condenados...



FOI INÚTIL. AGARRARAM-ME E QUE-
RIAM DESPIR-ME A FÔRÇA. REAGI...



MAS FOI INÚTIL. JOGARAM-ME AO
CHÃO. CHUTARAM-ME. O SANGUE JORROU.



FINALMENTE DEPOIS DE UMA HORA
RESOLVERAM LEVAR-ME PARA CASA...



EU ESTAVA RASGADA. ENSAN-
GUENTADA. FOI UMA COISA HORRÍVEL!

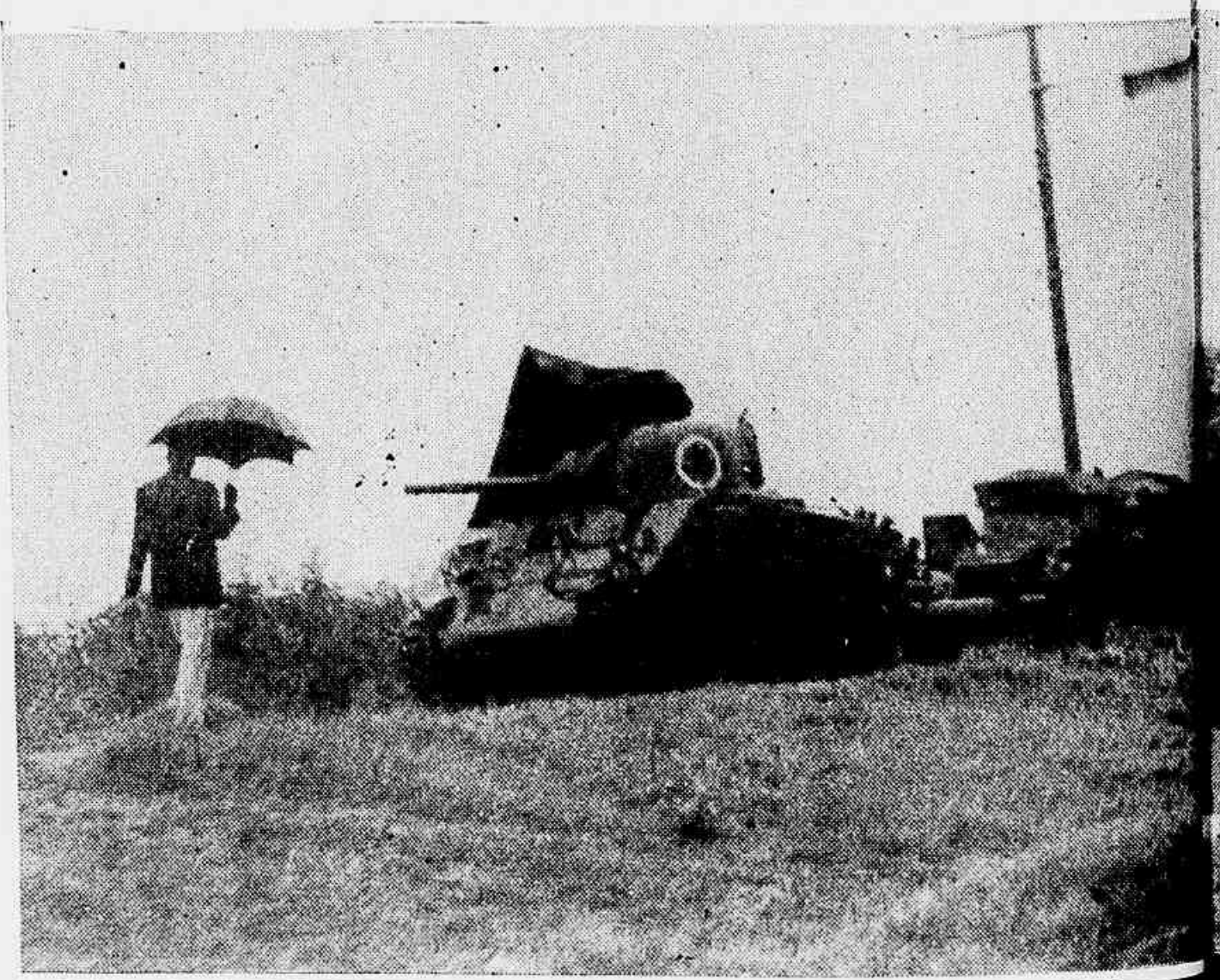


CÂMARA DOS DEPUTADOS

PALÁCIO DO CATETE

A SEMANA EM REVISTA

ACONTECEU NUM DIA CHUVOSO



AVENIDA BRASIL

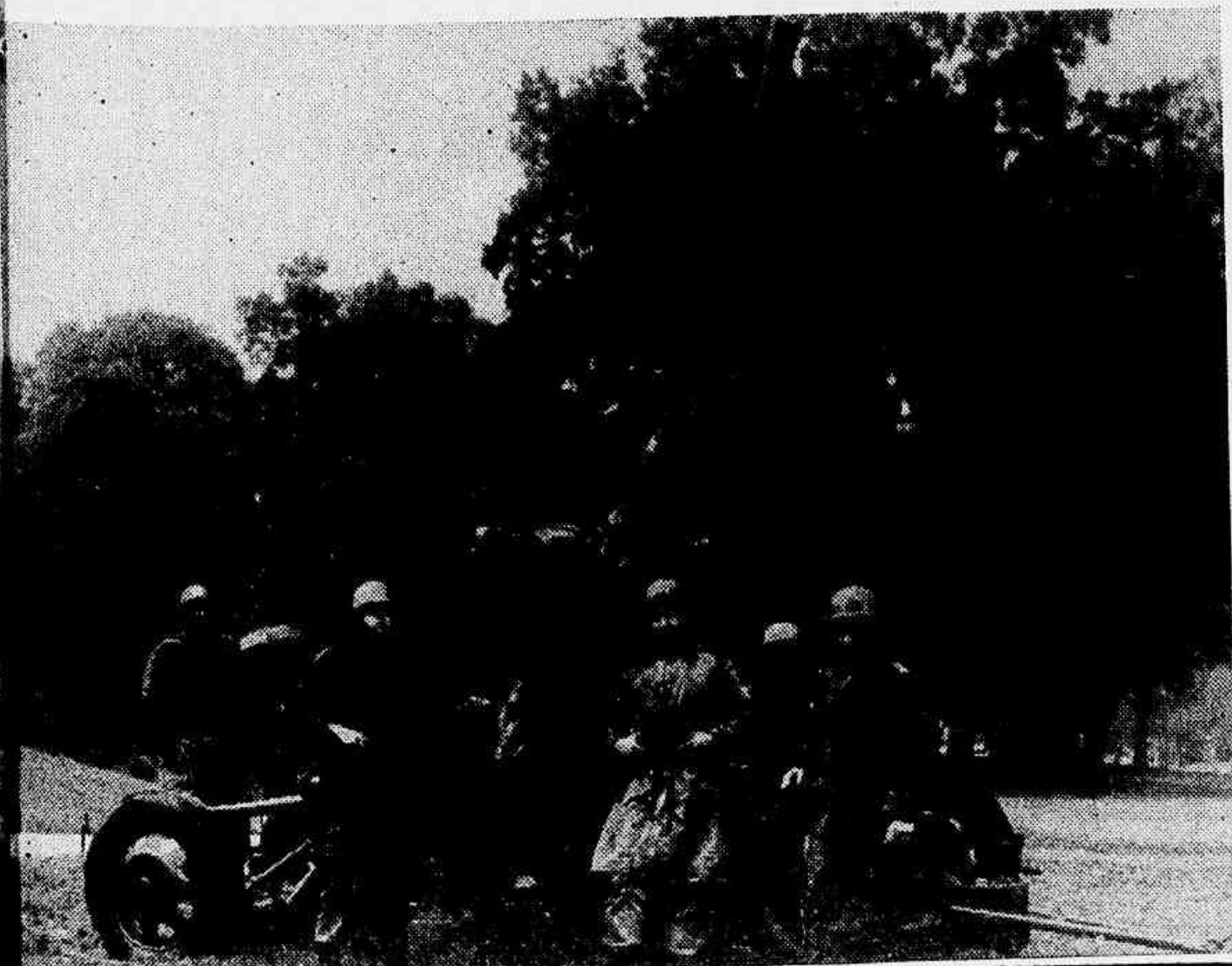
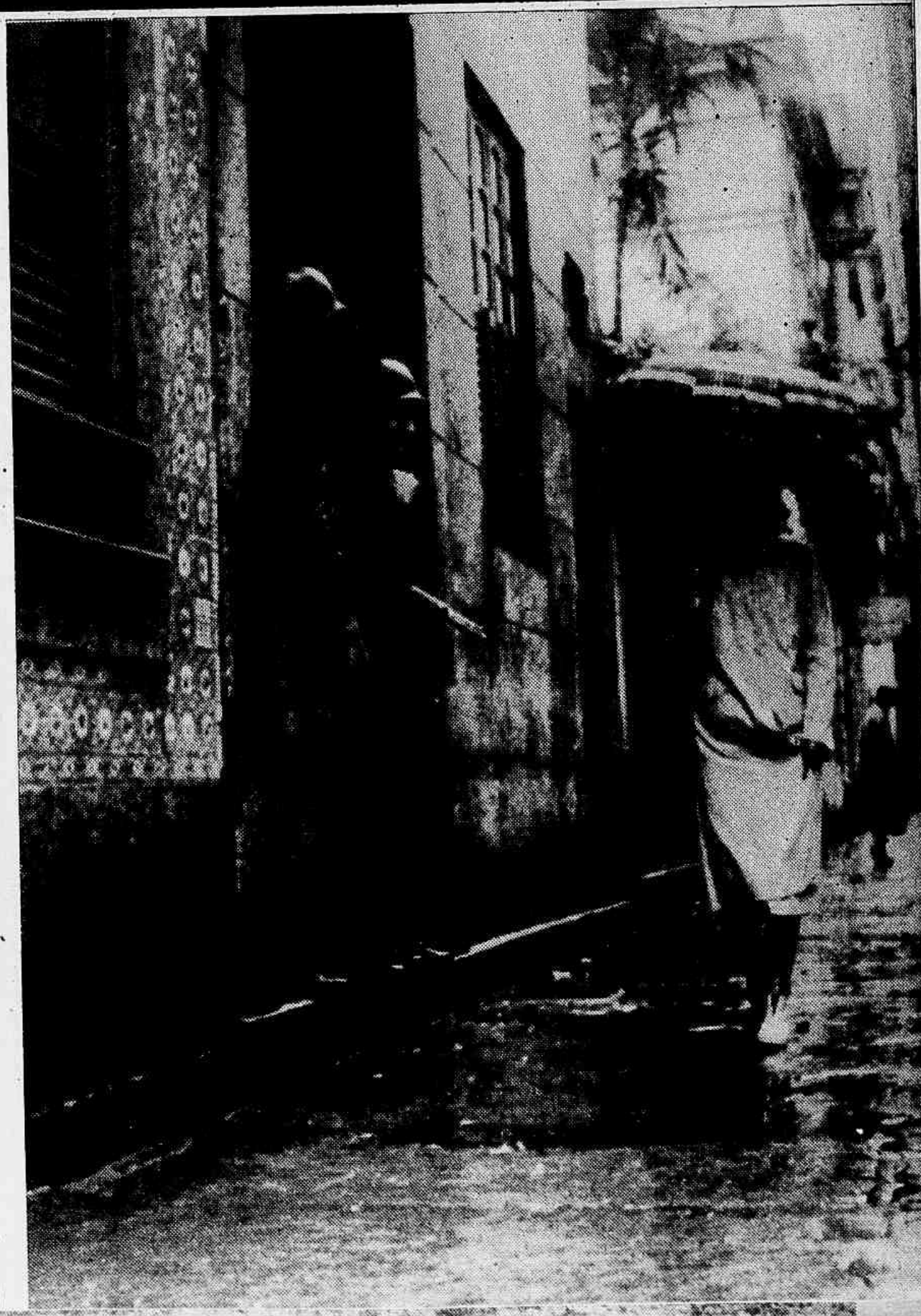
★
Ca
qu
EM
mo
po
um
so
ale
fe
m
ad
di
ti
av



AVENIDA PRESIDENTE VARGAS

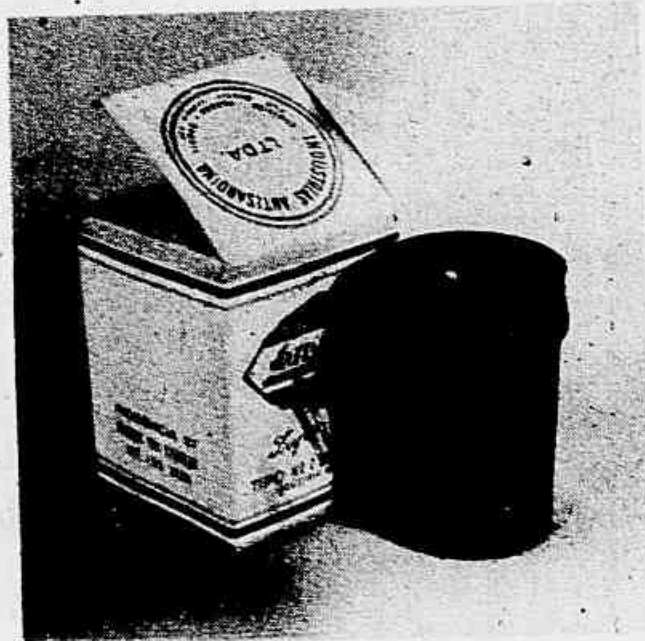
FLAMENGO

★ DEVIDO À SUMA IMPORTÂNCIA dos acontecimentos desenrolados na Capital da República, a partir do dia onze de novembro, acontecimentos de que damos minuciosa descrição em outro lugar dessa mesma edição, SEMANA EM REVISTA, abrindo uma exceção ao que vem sucedendo até ao presente momento, dedicou suas duas páginas habituais unicamente aos eventos, importantíssimos para a sorte do país, daquela, e das tardes seguintes. Sob uma chuva impiedosa, que teimava em rolar continuamente, encharcando os soldados que se espalhavam pelos vários recantos da cidade, o carioca passou alguns momentos de expectativa, alarmado por toda espécie de falsas notícias, felizmente logo rebatidas. Dos mais longínquos subúrbios até ao coração, mesmo, da metrópole, os tanques de guerra e os canhões, as metralhadoras anti-aéreas e os carros de assalto emprestavam à cidade um aspecto marcial, tão diferente de sua habitual maneira, calma e pacata, de ser. Por essas fotos, tiradas nos recantos mais diversos do Rio de Janeiro, poderão os leitores averiguar que não estamos exagerando nem um pouco.



CAMPO DE SANTANA

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



CANROBERT: UM SÍTIO LHE BASTAVA

(Cont. da pág. 23)

— «Morreram de peste. Estamos atravessando uma fase ruim aqui no sítio. Deu aflição até no gado vacinado, perdemos cerca de 100 porcos e algumas cabeças de gados».

— E o cavalo favorito?

— «Ah, o cavalo, não! Uma égua tordilha que ele chamava de «Campolina». Pois bem, como bom fazendeiro, o general achou um bom negócio e a vendeu por bom dinheiro».

— E o touro de raça?

— «O «Sultão» — assim o batizou Canrobert — foi um presente de um amigo».

O repórter contornava tôdas as situações, procurando obter aqui e ali fatos de interesse da vida do general, através de seu amigo, e por isso mesmo, misturávamos os assuntos:

— Que pensava o general da situação política atual? Ele não deixava transparecer as suas simpatias por um ou outro candidato das últimas eleições?

— «Não, não falava de política e ultimamente vinha até detestando-a».

— Ele teria a mesma opinião do marechal Dutra? (Votou em branco no último pleito).

— «Creio que sim, talvez não tivesse candidato... Mas não devo falar sobre essas coisas, não fica bem, — repito — não fica bem».

Diante da resistência do sr. José Machado, tratamos de fazer perguntas aos outros empregados, a fim de descobrir, nas entrelinhas, algo de novo e desconhecido da vida do ilustre morto.

Nossa entrevista seguinte foi com d. Sílvia, a empregada que servia o general no sítio. Atacamo-la desta forma:

— D. Sílvia, o general esperava morrer? A senhora lembra-se de quando ele começou a se queixar de dores?

Na sua voz meio confusa, d. Sílvia deu a primeira resposta:

— «Ele pensava estar com cólicas provenientes de alguma comida. Sentia enjôos e chegou a lançar várias vezes. Depois as dores foram se tornando insuportáveis que até dava pena. Me disse-

ram que ele morreu sem saber a doença».

— A senhora lembra-se, d. Sílvia, das conversas tidas com o general, se ele tinha simpatia por algum candidato à Presidência da República?

— «Ele era muito bom homem, mas não conversava essas coisas com a gente. Ele gostava muito da minha menina, a Miguelina e tratava-a muito bem, com ela, conversava, sim...».

— Miguelina, que achava você do general. O que conversavam vocês?

— «Ele me ensinava as coisas e perguntava se eu sabia as lições. Dizia que uma menina deve saber ler e escrever e que eu devia ser boa e obediente para mamãe e p'ra todos».

«ME DA FÓSFOROS, BALDUINO»

José Balduino dos Santos é o tipo do caboclo simpático. Com mais de 69 anos, é ainda homem do trabalho. Interrogado sobre a personalidade do ex-patrão, assim falou:

— «Ele nunca tinha fósforos no bolso. Dizia: — Me dá fósforos Balduino. — Ai ele começava a conversar coisas da fazenda, coisas assim: — Vai bem o trabalho? E de dinheiro, como vão vocês? As máquinas estão funcionando bem? Depois ele sentava, e fumava o cigarro e pedia fogo outra vez».

— Você é eleitor?

— «Sou, eu e o José aqui e mais uns quatro do sítio».

— Nalguma oportunidade o general mandou que vocês votassem em alguém?

— «Qual nada, home. Nós é que perguntamos, p'ra ele».

— E qual foi a resposta?

— «O voto é uma questão de consciência. Vocês olhem o passado de cada um, procurem sentir qual o melhor e votem nêles».

— «Mas o senhor está melhor informado... Diga, general, qual é o melhor?»

— «Não sei, meu caro. Francamente, não sei...»

— E dos amigos dêle, dentre as pessoas que vinham aqui, de quem ele demonstrava gostar mais?

— «Era do sargento Duarte. Ele gostava muito dêle e conversavam p'ra burro».

— Quem era esse sargento?

— «Veterinário».

— O que conversavam êles?

— «Só de gado e de carneiro quando não era de cavalo».

— Qual o animal de que o general mais gostava?

— «Do Dick, o cachorro e da «Meia-Noite», a vaca preta que deu bezerro no dia em que ele morreu».

A FAMÍLIA DO GENERAL

Procuramos saber também algo sobre a vida da família do general na fazenda e apuramos somente isto:

O fazendeiro Canrobert, por mais que sua esposa temesse, dormia na varanda, numa rede. Quando as netas estavam no sítio, esquecia um pouco os seus animais e ficava brincando com as crianças, para as quais construiu ele mesmo vários balanços. Tinha grande veneração pela filha casada, d. Ieda e era também muito amigo do genro, do qual já falamos anteriormente.

Fundada em 1935



JOIAS E RELOGIOS
ANEXO DENTAL ROSARIO

ARTIGOS DENTARIOS EM GERAL
PREPARAÇÃO DE METAIS PRECIOSOS
PARA ARTE DENTARIA

Serviço de Reembolso Postal

JOALHERIA CARIOCA
SOARES, CIOCI & CIA. LTDA.
RUA DO ROSARIO, 147 TEL.: 52-9191 - 52-8893

Apontamentos para a história

EIS, RESUMIDOS CRONOLÓGICAMENTE, OS ACONTECIMENTOS QUE TIVERAM INÍCIO NO DIA NOVE DE NOVEMBRO DE 1955 :

DIA 9 (quarta-feira)

17,00 hs. — Em virtude de haver-se licenciado Café Filho, é empossado na Presidência da República o Presidente da Câmara, deputado Carlos Luz.

DIA 10 (quinta-feira)

18,30 hs. — O Presidente Carlos Luz chama ao Catete o Ministro da Guerra, general Teixeira Lott, a quem comunica sua decisão de manter o coronel Mamede na ESG e no EMFA. O general Lott demite-se, em consequência. É nomeado seu substituto o general (reformado) Fiuza de Castro.

20,00 hs. — O general Lott retira-se para sua residência onde recebe a visita do general Odílio Denys.

21,00 hs. — As emissoras transmitem a nota oficial do Catete, dando ciência da demissão do Ministro da Guerra e de sua substituição pelo general Fiuza.

22,00 hs. — O general Odílio Denys convoca para sua residência todos os oficiais comandantes da Guarnição da Capital Federal. Nessa ocasião decidem intervir, nomeando intérprete de seus anseios o general Lott que imediatamente é comunicado pelo telefone.

24,00 hs. — O general Denys e os demais chefes militares rumam para o Ministério da Guerra onde pouco depois chega o general Lott que vem reassumir seu posto. São determinadas as primeiras providências. Também participa da reunião o general Falconieri da Cunha, que seguiu incontinenti para São Paulo onde comanda a Zona Militar Centro.

DIA 11 (sexta-feira)

02,00 hs. — As tropas tomam posição e o Ministro da Guerra entra em comunicação com os comandos das demais Zonas e Regiões Militares.

02,20 hs. — O Presidente Carlos Luz recebe comunicação do Ministro da Justiça de que, através da Chefia de Polícia, soubera que «algo anormal está sucedendo nos quartéis».

02,40 hs. — Chega ao Catete o Presidente Carlos Luz, que imediatamente convoca os Ministros e entra em reunião.

03,00 hs. — Dirige-se ao Catete uma comissão chefiada pelo marechal Mascarenhas de Moraes a fim de efetuar a prisão dos generais Etchegoyen e Fiuza de Castro, bem como de comunicar ao Presidente Luz a decisão do Exército. São presos os dois oficiais. Acompanhavam o marechal Mascarenhas os seguintes generais: Otávio Saldanha Mazza, Floriano de Lima Brayner, Floriano Peixoto Keller e Emílio Maurell Filho. O Presidente Carlos Luz e membros de seu gabinete, juntamente com o coronel Bizarria Mamede haviam se refugiado no Ministério da Marinha.

Ao mesmo tempo dirigiu-se a Chefatura de Polícia o coronel Batista Teixeira, que assumiu aquele cargo em nome do Exército. Chegando ao seu posto, minutos após, o coronel Menezes Côrtes é detido e encaminhado ao Ministério, juntamente com o inspetor Cecil Borer.

03,30 hs. — Prossegue o deslocamento de tropas, que a esta hora já haviam ocupado todos os pontos estratégicos da cidade.

04,00 hs. — O general Teixeira Lott, restituído ao cargo, lança uma proclamação ao país, dando conta da situação e apelando para os governadores dos Estados, solicitando apoio.

04,10 hs. — Ocupada a Agência Nacional e o jornal «Tribuna da Imprensa». Intervenção na Rádio Globo e censura para todos os órgãos de imprensa e rádio.

05,00 hs. — É designado novo Chefe de Polícia em substituição ao coronel Batista Teixeira. A nomeação recai sobre o general Magessi Pereira.

06,30 — Modifica-se a situação do Palácio do Catete, que é abandonado pelo Batalhão de Guardas e ocupado por «tanks» e viaturas do Exército.

06,30 hs. — Compareceu ao Ministério da Guerra o vice-presidente do Senado, Nereu Ramos, que manteve rápida conferência com o general Lott.

08,00 hs. — Reunião na casa do líder udenista Afonso Arinos. Compareceram líderes e parlamentares da UDN, PL, PDC e PSB.

08,00 hs. — O Palácio do Catete praticamente vazio, todas as autoridades do governo se haviam retirado.

08,00 hs. — Chega à Câmara dos Deputados o presidente Flores da Cunha. Pela madrugada fôra-lhe solicitada uma reunião extraordinária.

10,00 hs. — A Câmara reunida decide por votação que a Presidência será ocupada pelo senador Nereu Ramos. Foi destituído o Presidente Carlos Luz.

18,30 hs. — Em rápida cerimônia assumiu a Presidência o senador Nereu Ramos.

A BORDO DO «TAMANDARÉ»

08,00 hs. — Antes de ser destituído, o Presidente Carlos Luz, que se encontrava no Ministério da Marinha, embarca no cruzador «Tamandaré». Em sua companhia o almirante Pena Botto, o jornalista Carlos Lacerda, o coronel Bizarria Mamede e todos os seus ministros, exceção de Eduardo Gomes e Alencastro Guimarães.

08,30 hs. — Proclamação enviada pelo Presidente Carlos Luz ao deputado Flores da Cunha, de bordo da nave de guerra, afirmando estar ainda no exercício do seu cargo.

10,30 hs. — Sai da barra o «Tamandaré», sob o fogo dos canhões que guarnecem as fortalezas de Copacabana e Duque de Caxias. A de Lajes não atirou. O fogo durou 22 minutos, não tendo sido o navio atingido. Rumou em seguida para Santos.

DIA 12 (sábado)

07,00 hs. — O «Tamandaré» é informado da situação do país, comunica-se radiofonicamente com o comando da 2a. R.M. sediado em Santos e resolve retornar ao Rio, por determinação do já ex-Presidente Carlos Luz. Enviada ao Ministro da Marinha uma comunicação nesse sentido.

11,00 hs. — Chega a notícia da renúncia de Carlos Luz.

DIA 13 (domingo)

10,00 hs. — É avistado o cruzador «Tamandaré» nas imediações do Rio de Janeiro.

10,30 hs. — Lentamente adentra a barra o navio, concentrando as atenções gerais.

11,00 hs. — Atraca frente ao Ministério da Marinha.

15,00 hs. — Desembarcam todos os passageiros que se dirigem para suas residências. Apenas o coronel Bizarria Mamede é preso e o jornalista Carlos Lacerda asila-se na Embaixada de Cuba.

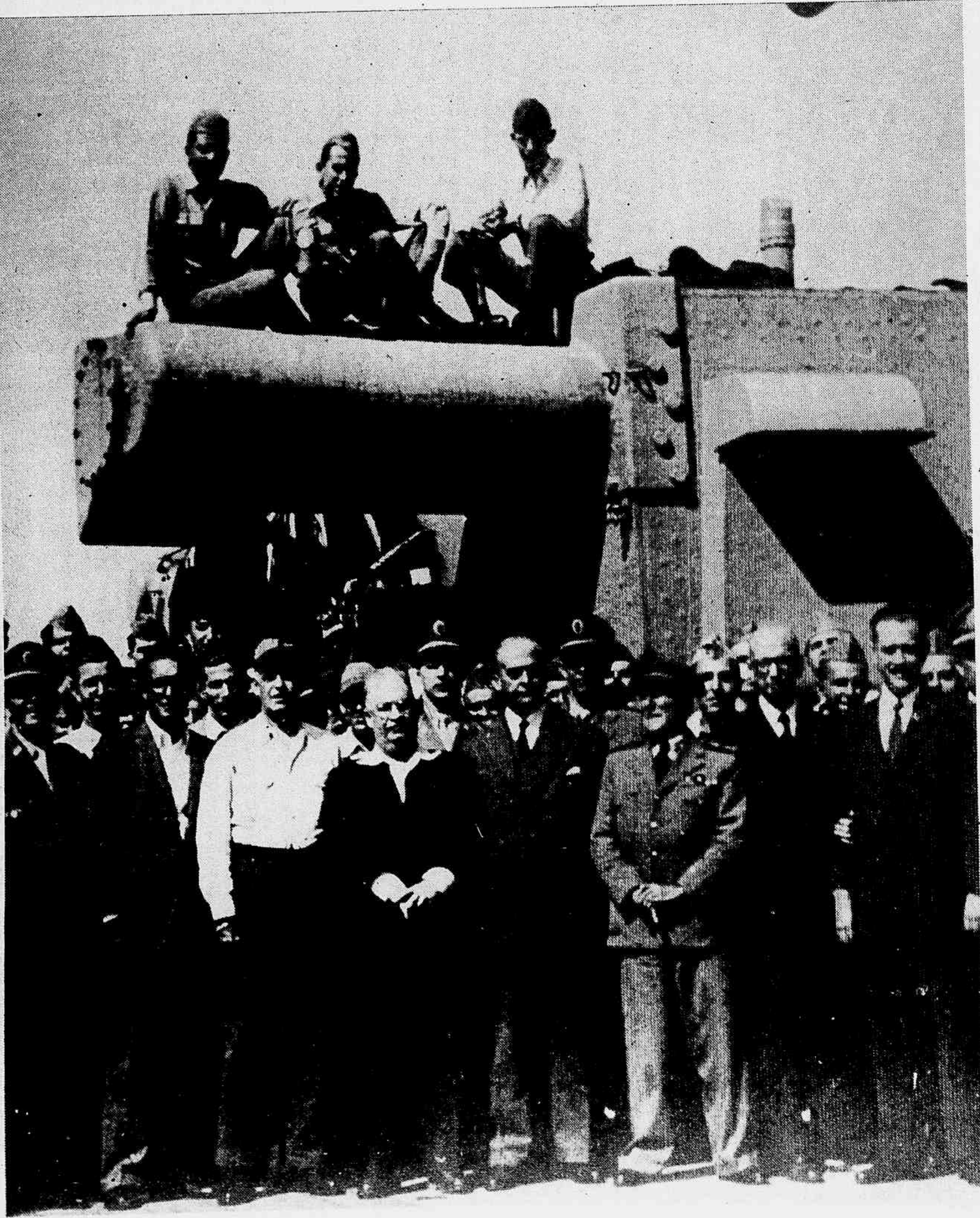
DIA 14 (segunda-feira)

Às primeiras horas da manhã é conhecida a carta do ex-Presidente Carlos Luz, contendo sua renúncia à Presidência. Promete ratificar pessoalmente, em discurso, essa renúncia, comparecendo, por isso, à Câmara.



ACAMPAMENTO URBANO

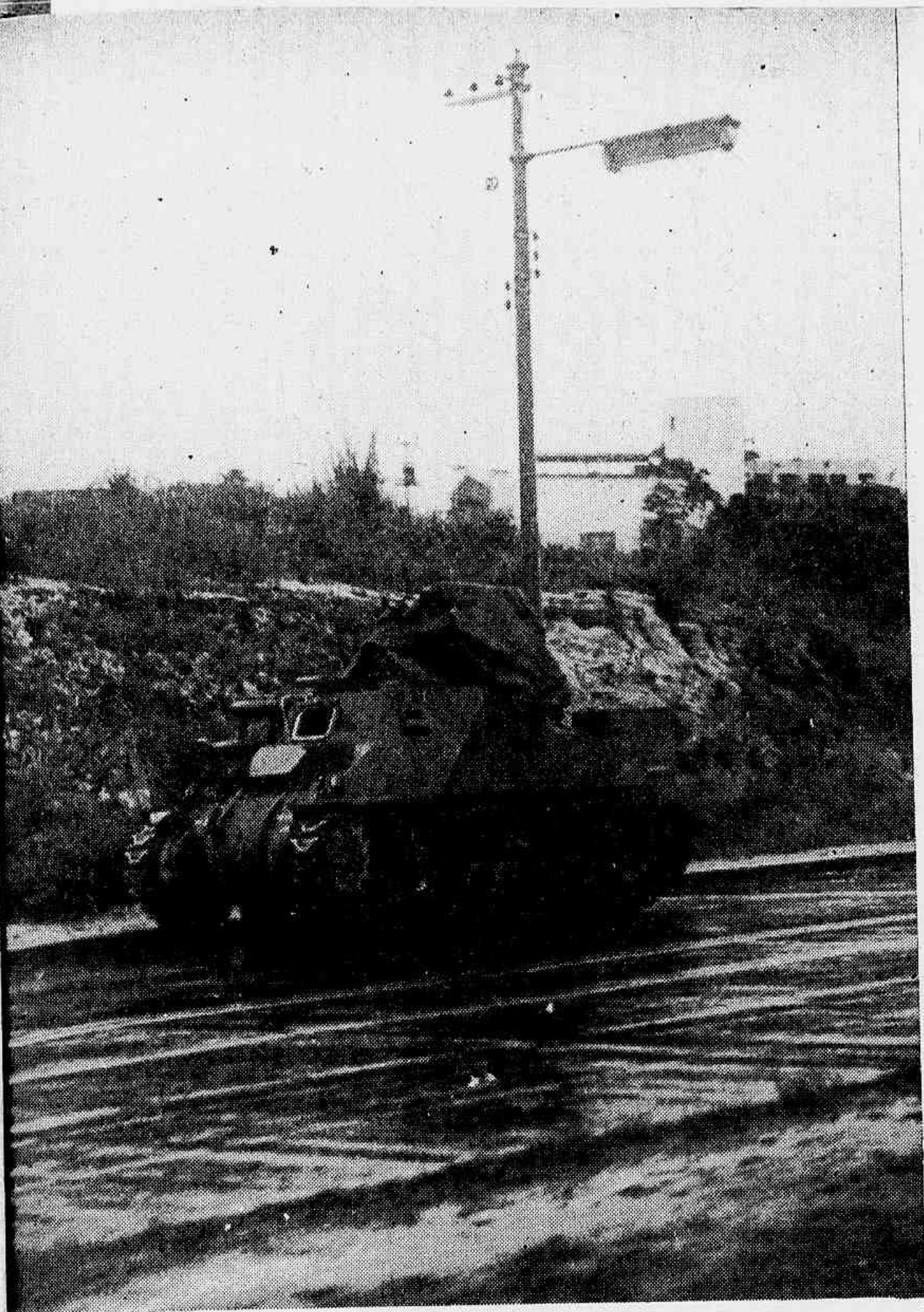
No Campo de Santana e em outros pontos centrais da cidade, o carioca presenciou um espetáculo inédito: As barracas de acampamento do exército, que ali mesmo dormiram e ali fizeram suas refeições. Cozinhas de campanha prepararam a «boia» à vista do freguês...



OS acontecimentos de 11 de novembro não provocaram tumulto na cidade, que prosseguiu em seus afazeres, na parte da manhã, como se nada de extraordinário tivesse quebrado o seu ritmo. À tarde, atendendo ao apelo das autoridades, o comércio cerrou suas portas e a população recolheu-se, ordeira, como se tudo fôsse um fim-de-semana. Na manhã seguinte, o Rio retomava o fio de suas atividades enquanto as ocorrências iam sendo divulgadas sem maior alarde.

NO "TAMANDARÉ"

Fotografia histórica, batida a bordo do cruzador «Tamandaré» quando, no domingo 13 do corrente, regressava à Guanabara: entre outros, o ex-presidente Carlos Luz, os ex-ministros Prado Kelly, Munhoz da Rocha e Marcondes Ferraz, o almirante Pena Botto, os srs. Monteiro de Castro, Javert de Souza Lima e Carlos de Lacerda. (Foto de «O Globo».)



PARA O QUE DER E VIER

Em toda a extensão da avenida Brasil, «tanks» permaneceram prontos para qualquer emergência, no dia 11 de novembro. Protegidos da chuva, seus ocupantes conservavam-se no interior da viatura, aguardando ordens.



EM HOMENAGEM AO GENERAL

Por motivo da sua data natalícia, o general Lott foi homenageado por seus amigos e pelos camaradas do Exército, com a celebração de missa na Candelária. Foto batida quando o Ministro da Guerra assistia ao ato.

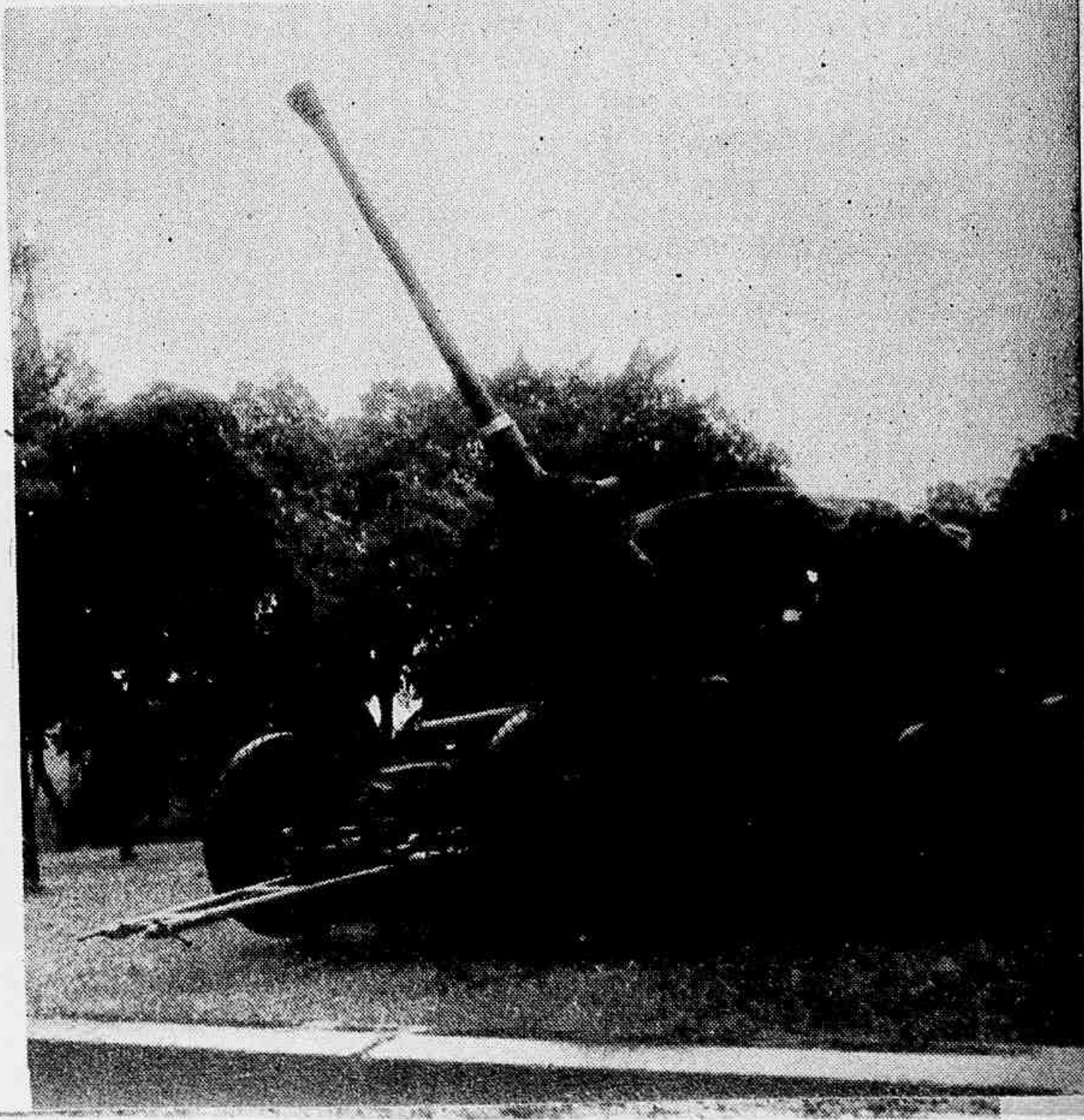
APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA

NO SENADO

Também o edifício do Monroe foi protegido pelas tropas do Exército, a exemplo do que sucedeu com os demais em que funcionam as entidades públicas de maior importância. Nenhuma dessas armas chegou a deflagrar um tiro, sequer.

ANTI-AÉREO

Ainda no Campo de Santana, esses e outros canhões anti-aéreos foram instalados, na emergência de maiores ocorrências que não chegaram a ser consumadas. O céu era cinzento e nesse dia os aviões ficaram no solo.



ÚLTIMO FLASH



NEREU E CARLOS LUZ COMUNGAM

★ Política tem seus caprichos: tanto aproxima os homens que a exercem, como os divide, nas procelas de surpresa, contra ou a favor da maré, tangidos pelas conjunturas. Em julho último, a ninguém seria dado prever, quando, por ocasião do Congresso Eucarístico, eles tão bem confraternizavam, juntos no tabernáculo divino e ungidos pelo mesmo ideal de fé, que tão depressa viessem a ocupar trincheiras distintas. E quem diria que ambos deveriam sentar-se na cadeira presidencial, quando a ocupava o sr. Café Filho, aparentemente garantido até 31 de janeiro?

Enquanto o sr. Carlos Luz apoiava o queixo na mão direita e fitava o chão, a refletir na salvação das almas, o sr. Nereu cruzava os braços e punha os olhos em alvo, presa de idêntica meditação. Naquele momento sublime, nem o mais leve pensamento político os assaltava. Depois... veio o 11 de novembro. E foi o que todos viram.

N. da R.: — A presença do soldado da P.E. é mera coincidência.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299; telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 48 — Rio de Janeiro — 26-11-55

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



MEU
DEZ



D. M.

Atriz de força e ação
Tem sucessos a granel
E agora na Fundação
Vive o seu maior papel.

MAKAR TCHOUDBRA



Novela de MÁXIMO GORKI

(Conclusão)

Ilustração de RAMÓN

PODIA fazer de um homem tudo aquilo que desejasse. Todos o amavam loucamente. Sômente Radda não prestava atenção ao violino. Loiko rangia os dentes, puxava seus longos bigodes; seus olhos lançavam raios mais fundos que abismos; por vêzes, tomavam tal expressão, que o medo nos dominava.

Muitas vêzes, durante a noite, Loiko partia para longe, na estepe, e seu violino era ouvido chorando, até de madrugada; chorava sua morta liberdade, e enquanto todos estavam ainda deitados, escutávamos sem saber o que fazer os gemidos do instrumento.

— Que fazer? Quando duas pedras chocam-se uma contra a outra, não se pode ficar entre elas, sem o perigo de ficar esmagadas.

Uma vez, estávamos todos juntos e falávamos sobre negócios; o tédio nos cercava. Danila pediu então a Loiko:

— Cante-nos algo, Loiko, refresca-nos a alma! Loiko dirigiu um olhar para Radda, que repousava próximo a ele, os olhos erguidos ao céu, e o violino gemeu com as fibras da alma de uma mulher. Loiko cantou:

Ela, ela! galopemos pela planície!
Meu cavalo, guiado por terra mágica,
Leva-me, como pela estepe longínqua,
Corre, meu coração, alerta e orgulhoso!

Radda vibrou a cabeça, e, levantando-se, sorriu para o cantor. Esse inclinava-se como uma aurora, e prosseguiu:

Ela, ela! galopemos pela planície!
Meu amigo, galopemos sempre em frente!
Vasta é a estepe, negro o seu bafo,
O vento! Mas meu cavalo, rápido como o vento,
Corre, galopa! Fende o espaço vasto!
Sem roçar as crinas na lua prateada!

Assegura-te que era uma bela canção! Ninguém mais, hoje em dia, canta de tal maneira. Mas Radda lhe disse, em tom sarcástico:

— Não subas tão alto, Loiko, podes cair com o nariz na lama, e sujarias teus bigodes.

Loiko enviou-lhe um olhar medonho, mas nada lhe retrucou. Continuou cantando:

Ela, ela! O dia chega súbitamente,
Mas nós dois, nós repousaremos!
Ela, ela! E na chama viva
Da vergonha seremos consumidos.

«Eis uma bela canção», pensou Danila; «nunca havia escutado outra semelhante; o diabo que tocou um cachimbo de minha pele, se exagero». O velho Nour retorceu os bigodes, de satisfação, e contraiu satisfeito as espaldas. A canção audaciosa nos divertia a todos. Apenas a Radda parecia não agradar.

— Era assim que um dia os mosquitos riam, tentando imitar o grito da água.

Parecia-nos, ao escutar essas palavras, que nos jogavam um pouco de neve sobre o rosto.

— Querias um golpe de chicote, Radda? gritou seu pai. Porém Sobar, lançando o chapéu por terra, disse pãdicamente:

— Alto, Danila! É preciso trechos de aço a um cavalo fogoso. Dá-me tua filha em casamento.

— Eis aí um pedido. Toma-a, se assim queres, e se o podes.

Loiko virou-se para Radda:

— Radda, minha bela! Responde-me e não danças a orgulhosa. Tu nunca vieste aqui, mas nenhuma me despendeu um olhar. Tu, Radda, tu aproximaste minha alma. Que amor! O que está escrito ali, um dia, e não

há cavalo sobre o qual se possa fugir de si mesmo. Tomar-te-ei por mulher diante de Deus, sobre minha honra, diante de seu pai e de todos esses homens! Mas não contradigas minha vontade, sou um homem livre e viverei como me der na cabeça!...

Loiko aproximou-se de Radda, os dentes cerrados e os olhos fuzilando. Vimos quando lhe estendia os braços.

— Eis que Radda colocou o bridão ao redor do pescoço de um potro selvagem.

Súbitamente, porém, vimos que ele levantava os braços para o ar, e após, tombava por terra!

O milagre! Dir-se-ia que um tiro o tivesse atingido em pleno peito. Mas fora Radda quem, laçando-lhe os pés com uma tira de couro, puxou-o para si, fazendo-o perder o equilíbrio e tombar. A moça continuou deitada, sorrindo silenciosamente. Loiko, já sentado no chão, pegou a cabeça entre as mãos, como se tivesse receios de que ela se houvesse partido. Alguns momentos após, levantou-se, e desapareceu na estepe, sem olhar para trás. Nour segredou-me ao ouvido:

— Vá vigia-la.

Precedi-me ao enalço de Sobar, na calada da noite.

Loiko caminhava lentamente, continuou Makar a cabeça baixa, os braços pendentes. Chegando próximo a um rio, sentou-se a uma pedra e suspirou fundo. Seu coração quase se partiu de piedade ao escutar esse suspiro, mas não se aproximou d'ele. Não se pode consolar uma alma dor mediante uma palavra, não é verdade? Loiko ficou assim uma hora aproximadamente, ou duas, ou talvez três. Eu continuava deitado, observando não longe dali. A noite estava



clara, e a lua distribuía seus raios prateados pela estepe. Via-se longe, na distância. Repentinamente, distingui Radda sair do Tabor e aproximar-se em passos ligeiros. A alegria invadiu meu coração. «Então (pensei), que pequena ousada é Radda!» No entanto, a jovem já estava bem próxima de nós, e Loiko ainda não a avistara. Ela tocou-lhe o ombro. Loiko estremeceu, descobriu o rosto, que escondera entre as mãos, e ergueu a cabeça. Ao vê-la, apurou-se e tomou do punhal. «Meu Deus, ele vai matá-la!» Pensei, e quando já estava a ponto de me atirar sobre ele, escutei a voz metálica de Radda:

— Deixa teu punhal em paz, ou mato-te!

Vi então que a moça empunhava um revólver, com o qual apontava para a cabeça de Sobar. Que demônio! Muito bem; e agora, que a partida está ganha, o que ela há de fazer?

Mas Radda recolocou o revólver no coldre, e disse:

— Eu não vim aqui para te matar, mas para nos reconciliarmos. Guarda teu punhal.

O outro obedeceu, e, franzindo as sobrancelhas, a olhou firmemente. Era um espetáculo estranho; os dois seres de pé, olhando-se duramente como feras selvagens, ambos tão bons e valentes! A lua brilhava e os contemplava das alturas: éramos, ela e eu, as únicas testemunhas da cena.

— Escuta-me, Loiko: eu te amo!

O moço fez um movimento de ombros, como se tivesse mãos e pés peados.

— Muitos guerreiros bravos tenho visto, mas tu és o mais corajoso e belo dentre eles. Nenhum houve que não se deixasse raspar inclusive os bigodes, se eu acaso manifestasse vontade de fazê-lo; todos cairiam a meus pés; era apenas eu desejar. Mas deixaram-me fria. Tornar-se-iam pintos molhados após o casamento. Existem hoje em dia poucos ciganos verdadeiramente temerários e audaciosos. Tu és um deles.

Loiko. Nunca, antes, amei a ninguém; mas amo-te a ti! E amo também minha liberdade. E esse amor pela liberdade é mais forte, em mim, que meu amor por ti. Sem ti, não poderei viver, como não poderás viver sem mim. E' por isso que desejo-te de corpo e alma. Compreendes, Loiko?

Loiko sorriu:

— Eu te escuto, e meu coração se rejubila com tuas palavras. Continua!

— Eis o que ainda tenho a dizer-te. Será inútil resistires, pois no fim serás meu de qualquer forma. Não percas, pois, teu tempo inutilmente: meus beijos e carinhos te aguardam. E eu te abraçarei longamente... Sob meu beijo, esquecerás tua vida audaciosa, Loiko! Tuas canções que encham de alegria o coração dos zingaros não mais ecoarão pelas estepes. E só para mim hás de cantar teus cantos doces e amorosos. Repito-te: não percas teu tempo inutilmente. Amanhã, submete-te a mim, como diante de um superior. Diante de todo o Tabor, tu hás de te inclinar diante de mim, e beijarás minha mão direita. Então, serei tua mulher!

Quem imaginaria coisa semelhante? Os anciãos nos contam que, antigamente, era de uso entre os montenegrinos fazer de tal modo o pedido de casamento. Mas nunca, entre os ciganos! Humilhar-se ante uma jovem! Haveria coisa mais ridícula? Podias, meu caro, quebrar a cabeça por um ano inteiro, e não acharias nada mais ridículo.

Loiko estremeceu e lançou um brado selvagem como se tivesse sido ferido em pleno peito. Radda tremeu, mas continuou firme.

— Até lá, então! Farás o que te digo. Sei que farás, não?

— Eu o farei, gemeu Loiko. Estendeu-lhe a mão. Mas ela não a tomou entre as suas. Loiko vacilou como uma árvore sacudida pelo vento, e tombou por terra, rindo e chorando ao mesmo tempo. Tristemente, encaminhei-me para onde estava.

Porque diabos é necessário o sofrimento? Quem poderia escutar os queixumes de um coração humano que se consome na dor? Voltei ao Tabor e contei aos velhos o que havia presenciado. E após pensarmos um pouco, resolvemos aguardar o desfecho.

Quando todos estavam reunidos ao redor do fogo, à tardinha, Loiko chegou. Estava perturbado, parecia ter emagrecido. De olhos baixos, falou pausadamente:

— Tenho algo a dizer-vos, camaradas. Esta noite, sondei no meu coração, e nele não encontrei mais lugar para minha antiga vida de liberdade. Radda é a dona exclusiva de minha alma. Ei-la, lá está ela: e sorri como uma rainha. Ama a liberdade mais do que eu próprio, mas eu a amo ainda mais que à liberdade, e estou decidido a curvar-me a seus pés, tal como me foi por ela ordenado. Que todo mundo saiba, assim, que a beleza de Radda subjugou de tal forma o bravo Loiko Sobar, que até ao presente, havia se divertido com as mulheres sem sequer reparar nelas. Depois de tal humilhação, ela me prometeu tornar-se minha esposa. Cobrir-me-á de beijos e carícias, muito embora eu nunca mais pense em cantar. Mas não lamentarei a liberdade perdida. Não é assim, Radda?

Levantou os olhos e olhou-a firmemente. Ela ergueu altiva a cabeça, e com a mão direita apontou para seus pés. Olhamos sem compreender. Preferíamos não ter visto Loiko Sobar cair de joelhos aos pés de uma mulher, fosse embora Radda essa mulher. A piedade nos fazia mudos, todos estavam tristes.

— Então? gritou Radda para Sobar.

— Não te apresses, tens tempo ainda!

Loiko ria com um riso nervoso.

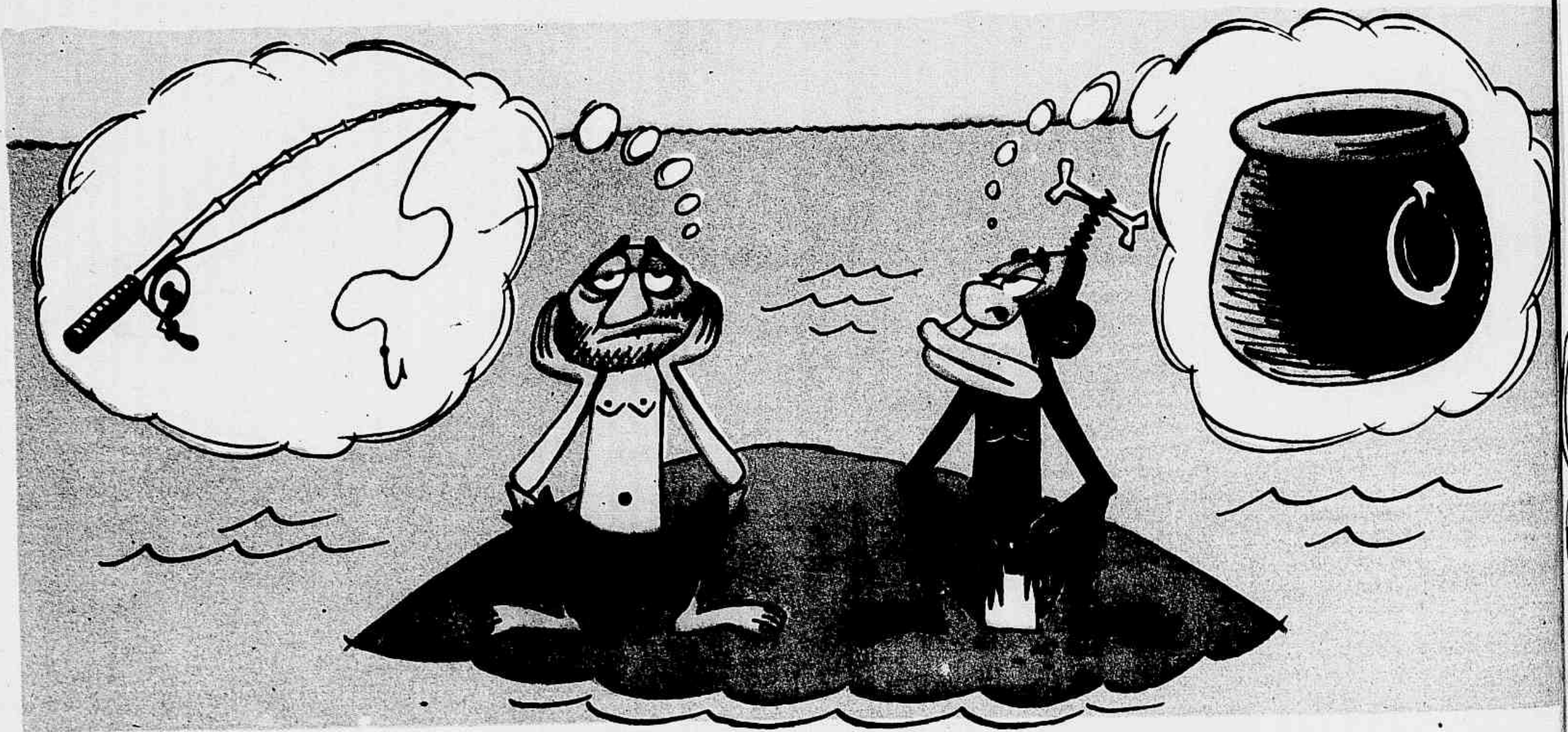
— Está tudo terminado, amigos. Nada mais me resta senão averiguar se Radda de fato possui o coração tão duro como pretende demonstrar. Perdoai-me, meus queridos amigos, por tudo!

(Continua na página 40)

FORTUNA

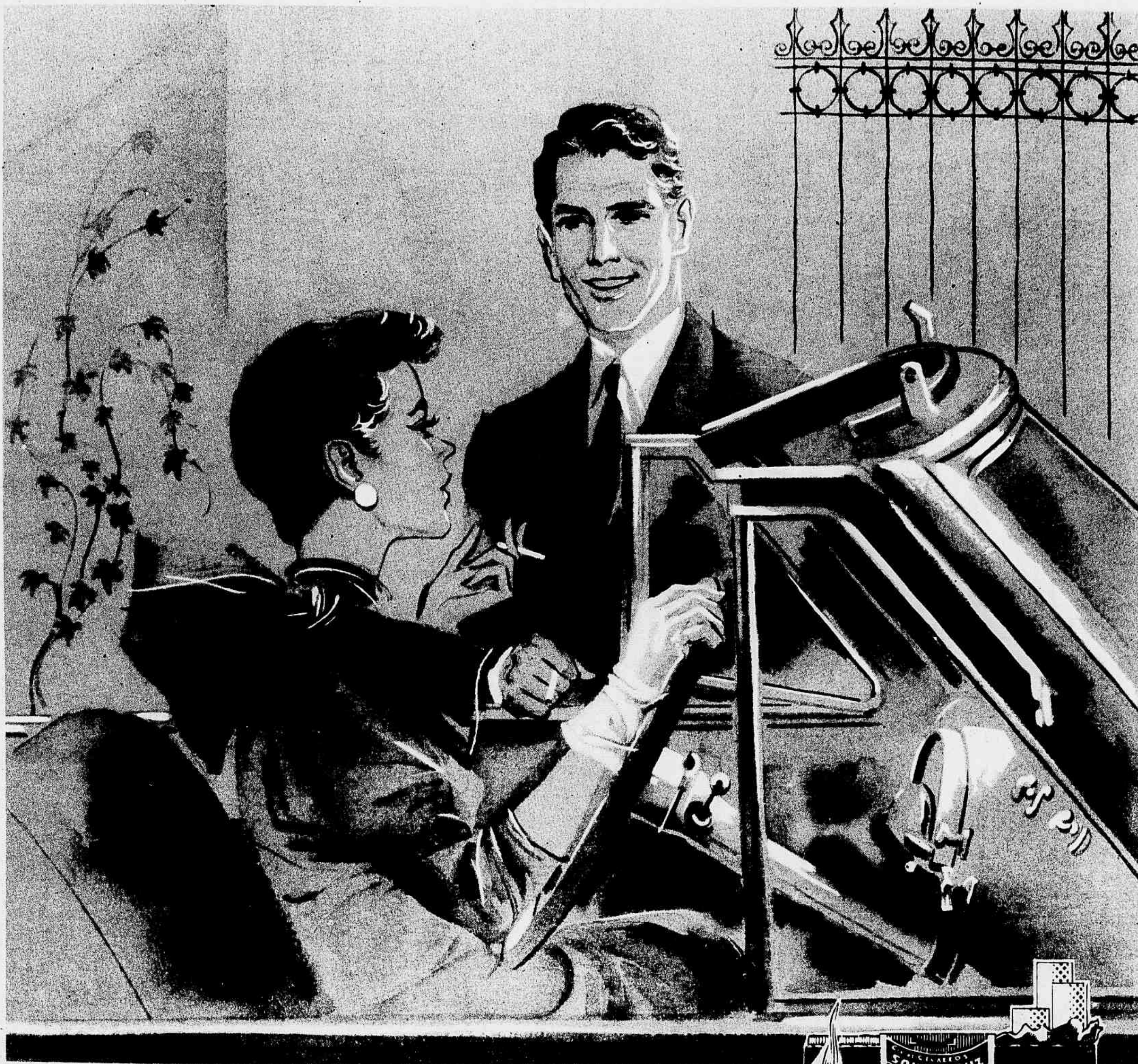
(completamente só)
APRESENTA

Pensamentos



...a Dois...





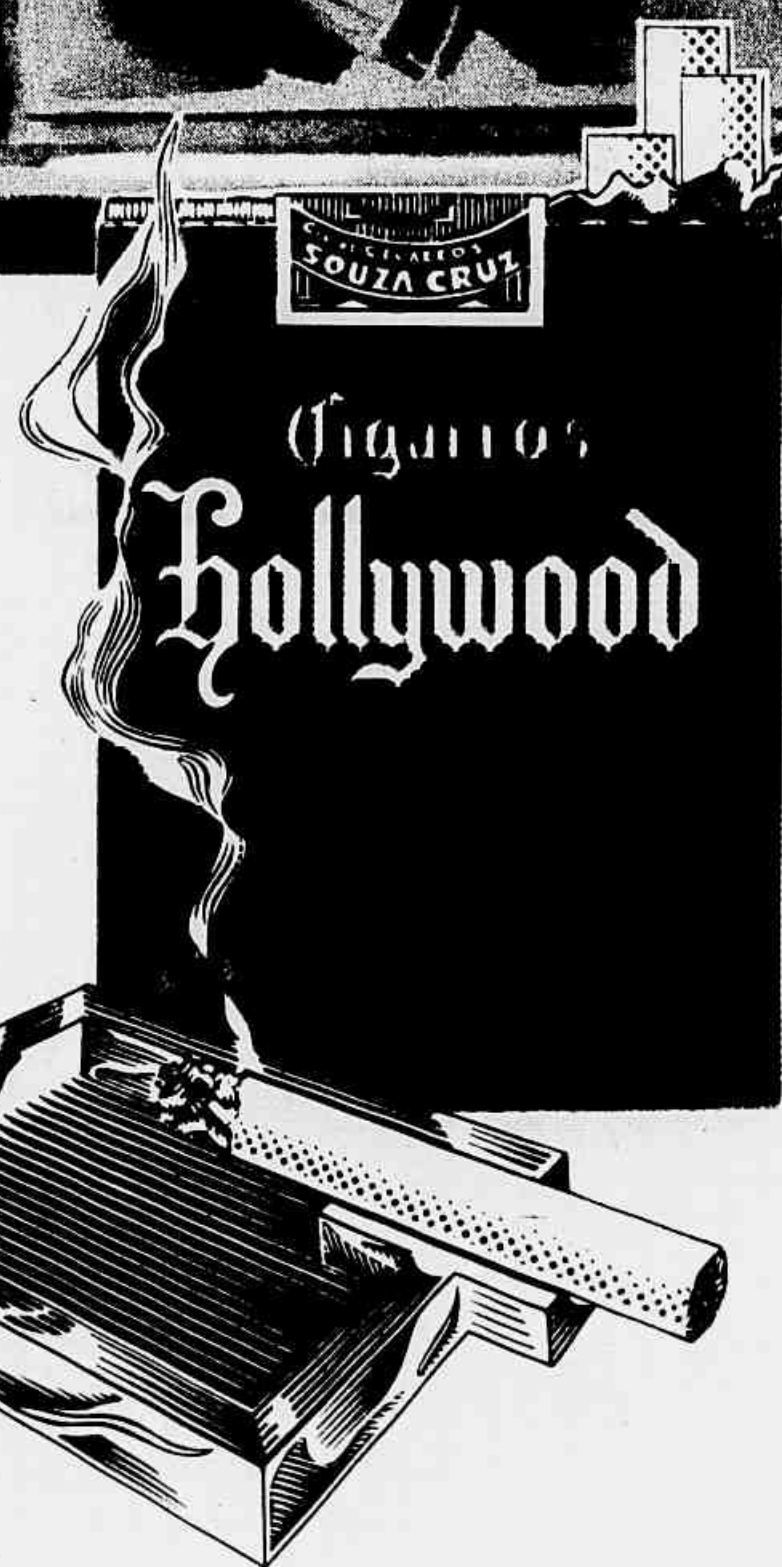
Agora Sim!

você fuma um bom cigarro!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ